

JESS BIDOIA

As listas
de
Babi





As listas
de
Babi

Jess Bidoia

Copyright © 2019 Jéssica Bidoia

Capa: Michaelly Amorim

Revisão: Barbara Pinheiro

Diagramação Digital: Jéssica Bidoia

Esta obra segue as regras do Novo Acordo
Ortográfico.

Essa é uma obra de ficção digital. Qualquer
semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a
reprodução de qualquer parte desta obra através
de quaisquer meios sem o consentimento da autora.

A violação autoral é crime, previsto na lei °
9.610/98 com aplicação legal pelo artigo 184 do
Código Penal.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[SOBRE A AUTORA](#)



Barbara Pimentel é uma mulher apaixonada por literatura. Este foi o motivo de ter estudado Letras e se tornado uma professora querida por seus alunos. Foi por causa dessa paixão que, aos 13 anos, leu um livro chamado A MINHA VIDA EM UMA LISTA em que a personagem tem uma lista de coisas a fazer antes de morrer. Desde então, Babi, como é carinhosamente chamada, tem um cronograma a seguir. Entre outras metas, e intermináveis listas, ela precisa se casar aos 30 anos. No entanto, faltam apenas duas semanas para a grande comemoração, e seu namorado, Flávio, ainda não deu pistas sobre o pedido. Sendo uma mulher independente, ela mesma resolve

surpreendê-lo. O inesperado acontece: Flávio diz não. Agora, pela primeira vez na vida, a doce Babi se vê perdida, sem saber qual será o seu próximo passo.

Será que ela saberá viver sem as suas listas, ou terá que pensar em uma saída rápida para cumprir suas antigas metas?

Dedicatória



Este livro é muito especial para mim, pois eu consegui com ele homenagear uma amiga muito querida que amo muito: Barbara Pinheiro.

Que As Listas de Babi preencha seu coração assim como aconteceu comigo.

Obrigada pela amizade e todo apoio minha amiga, revisora, professora, beta e irmã perdida.

Amo-te.

Danilo é oficialmente todo seu.



Babi

— Aposto que isso não é sobre Biologia.

— Desculpe, professora.

— Acho melhor guardar esses papéis, Barbara.

Vejo alguns colegas rindo da bronca que tomei, mesmo que a professora tenha falado baixo e, com vergonha, me atrapalho com os papéis, deixando um escapar e flutuar até cair no chão.

— Me devolve, Elder — grito, quando o menino da fileira ao lado resgata minha lista do

chão.

— Perder a virgindade aos 18 anos? Vai demorar tanto assim para um garoto querer ficar com você, Babi?

O idiota faz todos da sala rirem e sinto minhas bochechas quentes.

— Me dá isso, seu idiota. — Puxo minha lista da mão do moleque mais babaca da escola e me endireito na cadeira. — E não que eu precise explicar, mas só para você saber, escrevi 18 anos porque irei para a faculdade e encontrarei um homem maravilhoso lá. Diferente desta cidade, que só tem moleque idiota e criança como você.

— Já chega desse assunto — brada a professora. — Voltem para o dever. Se eu ouvir qualquer coisa a respeito disso novamente, chamarei o pai de vocês aqui.

Fecho minha agenda com força e enfio tudo dentro da bolsa, brava comigo mesma. Não ousou encarar a professora, apenas abaixo a cabeça.

Eu sabia que deveria ter esperado até o intervalo. Mas acordei hoje pensando nessa lista e não sossegaria até escrevê-la. Eu me conheço. E

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo com a bronca que tomei e ouvir o idiota do Elder rindo com seus amigos mais idiotas ainda, estou feliz.

Aliso a capa rosa embaixo da carteira e nem penso em tirá-lo de lá. A professora Mirtes o tomaria de mim, com certeza.

Uma pena que a realidade é bem diferente do livro que terminei ontem.

Relembro da personagem narrando que as listas foram as melhores partes da vida dela, e eu tenho certeza de que serão para mim também.

Meu pai sempre diz que uma pessoa organizada vale por dez. Então, vou valer por mil, pois, a partir de hoje, cada passo meu será listado antes. E sei que isso será o sinônimo da minha felicidade, assim como foi para Maria Clara, a minha personagem favorita, a partir de hoje.

PERIGOSAS ACHERON



Babi

— Acho que você deveria falar com ela.

— Eu, mãe? Você está doida? Não sei consolar nem a Nina.

Reviro os olhos de dentro do quarto ao ouvir meu irmão me comparar a nossa cachorrinha.

Será que eles acham que eu estou surda? — canso dessa droga de conversa e enfio a cabeça embaixo do travesseiro.

— É o aniversário dela. Ela planejou tudo com tanto cuidado — choraminga minha mãe.

— Tudo culpa daquele desgraçado do Flávio. Se quiser, vou até a casa dele e...

Bufo alto e sigo para a porta do quarto, antes que continuem com a ladainha.

— Você — aponto para Heitor — não vai a lugar nenhum e, você — volto a minha atenção para a minha mãe e abaixo o tom de voz — pode cancelar a festa. Eu já te disse que não quero mais nada daquilo, mãe.

— Mas, Babi. Está tudo tão lindo.

— Mãe, você não vê que não faz mais sentido?

— Claro que faz. Você tem que comemorar a sua vida, com ou sem ele.

— A opção com ele não existe mais — reclamo e volto a me trancar.

Só de pensar no Flávio, a ferida que está aberta volta a sangrar.

Flávio é lindo, gentil, carinhoso e todas essas qualidades acabam comigo, pois eu preferiria que ele fosse um canalha traidor para eu poder

PERIGOSAS ACHERON

odiá-lo.

Coisa que não consigo.

Pego a barra de chocolate que está no criado-mudo e a seguro como se minha vida dependesse disso. Vou até a janela, dou uma bela mordida e relembro do dia que minha vida acabou. Como pude ser burra e não enxergar nenhuma pista sobre a falta de interesse do meu namorado em dar o próximo passo? Comprei aquele par de alianças douradas, achando que ele ficaria extasiado, pois Flávio sempre elogiou o meu jeito de mulher moderna. No entanto, não foi isso que aconteceu.

— Casar, Babi? Você quer se casar? — diz ele e não sei julgar se ele está espantado ou desapontado.

O vejo balançando a cabeça em negativa, mesmo depois de eu garantir que está tudo bem em continuarmos namorando. Tentando, assim, me agarrar ao meu último pinga de dignidade.

— Acho melhor darmos um tempo para analisarmos melhor a nossa vida.

— Tempo? — resmungo, enfiando o resto do chocolate na boca.

Tempo para quê? Quando amamos alguém, não precisamos de tempo longe para entender o que sentimos. Precisamos passar mais tempo juntos. Dentro da mesma casa, de preferência.

— Droga! — grito, tentando colocar para fora essa maldita frustração.

Eu nunca me senti tão perdida.

Desde os meus 13 anos eu faço lista para tudo.

A Lista para a vida perfeita de Babi

16 anos – primeiro namorado

18 anos – faculdade

19 anos – primeiro emprego

20 anos – primeiro porre

25 anos – apresentar o namorado perfeito para a família

30 anos – casar

E isso se perdeu, porque hoje é o maldito dia que completo 30 anos e tomei um pé na bunda tão grande, que nem no próximo século conseguirei pensar em outro homem para casar. O que me leva a não ter cumprido, pela primeira vez, em 17 anos,

PERIGOSAS NACIONAIS

um item da minha lista.

E o pior: sem o casamento, todos os outros não fazem mais sentido — penso olhando para a lista amassada no meio da cama. Não preciso abri-la para saber o que tem lá. Já a decorei há muito tempo.

Minha vida sempre foi cronometrada. Sempre. Não saio de casa sem uma lista diária de coisas a serem feitas. Essa, sim, pode sofrer alterações, pois imprevistos acontecem todos os dias. Porém, a lista da minha vida, sempre foi seguida à risca. Como pude ser tão burra e ter escolhido o homem errado? Flávio sempre deu indícios que me amava. Me rodeava com palavras bonitas, presentes caros. Eu realmente achava que seríamos imbatíveis juntos. Sonhava com o nosso casamento.

Ah, droga! Eu sonhava com um pedido de casamento digno de um filme. Mesmo assim, coloquei isso para debaixo do tapete e fiz eu mesma o pedido.

E o que ele fez? Disse não.

Não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não me conformo.

A desculpa foi que somos jovens demais, que ainda temos muitas batalhas para lutar, antes de firmarmos um compromisso tão sério.

Vá para o inferno ele e a juventude ilusória dele.

Acabou minha vida. Estou sentindo-me totalmente perdida.

Quando levanto para pegar outro chocolate, que escondi no armário, a porta se abre, com brutalidade.

— Escuta aqui, Barbara — começa Heitor, como um touro bravo —, não estou nem aí para sua choradeira. Você vai para a sua festa hoje, nem que eu tenha que te arrastar.

Encaro seus olhos e odeio a determinação que vejo neles.

— Não quero.

— Acho melhor tomar um banho, porque na hora que eu te pegar no colo, vai ser do jeito que você estiver.

— Heitor...

PERIGOSAS ACHERON

— Nem começa. A mãe está chorando lá embaixo, com medo de que você fique trancada na droga deste quarto para o resto da vida. Qual é, você está fazendo 30 anos, não 12. Aja como uma mulher e não uma criança birrenta que perdeu um doce. Assuma sua responsabilidade sobre Flávio ter recusado o seu pedido.

— *Pra* você é fácil falar.

— Não, não é. Me dói saber que você está sofrendo. Mas, me dói mais ver você não reagindo e, o pior, levando toda a família para o buraco junto. Estou avisando, em 15 minutos eu volto. Acho melhor você estar pronta, senão a cidade toda vai te ver de pijama.

Meu irmão sai do quarto e me joga de costas na cama, sem alternativa. Heitor não faz ameaças que não pode cumprir. Não tem jeito, terei que enfrentar a cidade, mesmo sabendo que tenho a possibilidade de ver Flávio e me sentir ainda mais humilhada.

Penso em trancar a porta e continuar me escondendo, mas Heitor a derrubaria em dois minutos.

Olho para a minha lista e, tirando coragem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não sei de onde, levanto, abro o guarda-roupa e tiro de lá o vestido que levei quase duas semanas para achar e que me deixou alguns dígitos mais pobre.

Se é para passar vergonha, que, pelo menos, seja em grande estilo.

PERIGOSAS ACHERON



Babi

— Parabéns, pequena Barbara. Você está linda.

— Obrigada, dona Mercedes.

— Uma pena o que o Flávio fez com você.

Meu sorriso congela e não sei o que devo fazer. Para a minha sorte, minha mãe me salva.

— Babi, querida. Seu pai está te chamando.

— Com licença. — Sorrio para os parentes da vizinha lá de casa e me afasto, procurando a rota

de fuga mais rápida: banheiro.

— Está correndo por quê?

— Aí que susto, Elizabeth — digo, com a mão no coração, que bate de forma acelerada. — Estou indo ao banheiro.

— Se esconder já? A festa mal começou.

— Por mim, nem precisava ter começado.

— Vamos lá. — Minha amiga engancha o braço no meu e caminha ao meu lado até o corredor que dá acesso aos banheiros.

Elizabeth é a minha amiga desde sempre. Começamos a estudar juntas, no jardim de infância e, de lá para cá, não nos soltamos mais.

Apesar de amar Heitor de todo coração, ela é a irmã que eu não tive.

— Como você está? — pergunta, preocupada, depois de me deixar em silêncio por um tempo.

— Nada bem.

— Você precisa reagir, amiga. O Flávio não é o único homem do mundo.

— Será mesmo? Não tem aquele discurso

PERIGOSAS NACIONAIS

de que cada panela tem sua tampa? E se o Flávio for a minha e nunca enxergar isso? Vou passar a vida toda sozinha — choramingo.

— Melhor do que ficar se rastejando para alguém idiota, que só pensa no próprio umbigo.

— Não fala assim dele.

— Como você consegue defendê-lo, depois do que ele te fez?

— Não estou... — Me calo, depois do olhar mortal que ela me joga. — Passamos cinco anos juntos. Não tem como matar todo carinho que sinto por ele.

— Esse é um ponto que eu queria discutir com você. Não vejo você falando de amor, desde muito tempo atrás.

Seus olhos escuros me analisam e não sei o que a Beth está querendo, mas desta vez, ela está errada.

— Se você está insinuando que não amo Flávio, nem perca seu tempo, se eu não o amasse, não estaria sofrendo tanto.

— Será que está sofrendo pelo Flávio ou pela sua lista?

PERIGOSAS ACHERON

— Elizabeth! — brado, sentindo as lágrimas se acumularem. — Eu pensei que, de todas as pessoas do mundo, você me entenderia. Você é minha amiga, poxa.

— Exatamente por isso que estou te falando tudo isso. — Em um impulso, Elizabeth senta no mármore da bancada do banheiro e cruza as pernas, com seu salto enorme que, se eu usasse, quebraria o pescoço, com toda certeza. — Você é nova, Babi. Fez aquela lista há mais de 15 anos. As coisas mudaram, minha amiga. Ninguém precisa de um casamento para ser feliz, o mais importante é estar feliz consigo mesma. Você não precisa do Flávio para isso. Esquece as listas e segue em frente.

— Eu não consigo — confesso. — Você diz isso porque nunca namorou sério e adora despedaçar corações por aí, mas eu não sou assim, Elizabeth. Queria ter a minha vida regrada. Deu certo, até agora, por que não podia continuar assim? Talvez, se eu tentar conversar com o Flávio mais uma vez...

— Pode parar. — Pula de onde está e caminha até a minha frente, com a mão no ar como se fosse um guarda de trânsito. — Eu não tenho

nada contra o Flávio, ok? Sempre gostei dele, mesmo o achando perfeitinho demais. Vocês se davam bem nesse relacionamento morno e...

— Nosso relacionamento não era morno — afirmo, com os olhos arregalados.

— Ah, não? Quantas vezes vocês transavam por mês? E dessas vezes, que eu chuto ser um número bem baixo, quantas vezes você realmente gostava da transa? Digo, curtir o momento com ele.

Involuntariamente, meu rosto se aquece. Não sou uma puritana nem nada disso, mas sempre me envergonho com esse assunto. Ainda mais, por Flávio nunca conversar sobre isso, por ter vergonha também. No geral, nós apenas fazíamos. E, nos últimos tempos, acho que não chegava nem em uma vez por mês.

— Sexo não define o amor do casal.

— Claro que não, define a intimidade. Pode não ser o sexo em si, mas um bom beijo na boca. Um carinho inesperado. Um cuidado. Uma lembrança. Coisas melosas que vocês, românticos incuráveis adoram.

— Você está tirando sarro do assunto, isso,

sim.

— Não, minha amiga, estou querendo apenas que você enxergue que algo estava faltando nesse relacionamento, e não é de hoje.

— Não é possível. Tudo estava perfeito, senão eu teria reparado.

— Babi, você não conseguiu reparar, porque a lista da sua vida não tem espaço para alterações, lembra? Enquanto você a estava ticando, estava tudo bem. Tudo saindo como o planejado. O problema são as entrelinhas que não estavam escritas na sua lista. Você precisa lidar com isso.

Fico estática, tentando puxar na memória os detalhes do meu relacionamento, mas só me passa as coisas boas.

— Estou falando isso para o seu bem. Você é muito nova para pensar que sua vida acabou.

— Obrigada. — Abraço minha amiga, agradecendo pelo conselho, mas sei que ainda preciso digerir melhor tudo o que ela me disse, pois algo não se encaixa.

Posso, sim, ter sido um pouco cega com o

meu relacionamento com o Flávio, mas a culpa não é das minhas listas, tenho certeza. Elas sempre me ajudaram, não me atrapalharam. Tudo na minha vida caminhou como era para caminhar, pois eu as tinha e, o melhor, as seguia. O problema é que me precipitei, só isso. Tenho certeza de que Flávio vai voltar atrás. Quem sabe, ele até aparece aqui hoje.

Com esse pensamento em mente, volto com Elizabeth para o salão. Observo a decoração, com cuidado, e sinto meu coração sangrar, mais uma vez. Faz seis meses que venho planejando esta festa. Tudo remete a uma festa de noivado. No começo, até imaginei Flávio fazendo o pedido aqui, para mim, como surpresa. Mas como queria mandar fazer o topo do bolo com as nossas iniciais, e cuidar das lembrancinhas, acelerei o processo, fazendo o pedido e tentando, assim, planejar com mais cuidado a festa de noivado mais linda do mundo. Agora, ela é só a festa de 30 anos da professora da cidade que ganhou um pé na bunda.

— Você precisa melhorar essa cara. Sorria — cochicha Elizabeth.

— *Pra* quê? Todo mundo já está com pena de mim mesmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Todo mundo não importa. Você não pode sentir pena de você mesma. Nunca.

— Elizabeth, eu não tenho forças para...

— Te achei, filha. Vamos cantar os parabéns? O tio Tulio e a tia Roseli estão querendo ir embora já.

— Mãe, eu não tenho mais 5 anos para cantar parabéns.

— Não, você tem 30 e tem que celebrar em grande estilo. Eu concordo com a sua mãe. Vamos lá.

Sou arrastada por uma Elizabeth muito animada. Não consigo fingir felicidade, mas quando vejo meu irmão me observando, com olhos de gavião, lembro-me do que ele falou no caminho todo sobre não colocar meus sentimentos acima do amor que sinto pelos meus pais. Viro o rosto para ver os dois abraçados na ponta da mesa, me olhando, com sorrisos no rosto.

Sei que se eu começar a chorar aqui, magoarei os dois. E não quero isso. Não mais. Eles não merecem.

Olho em volta e uma dorzinha atravessa

PERIGOSAS ACHERON

meu peito, quando vejo Soraia ao fundo, minha sogra, quer dizer, ex-sogra. Gosto dela, como uma mãe, e sei que o sentimento é recíproco. Ela me ligou um dia depois que Flávio e eu terminamos, e disse que sentia muito e estava rezando para nos reconciliarmos. Automaticamente, procuro por ele com os olhos, e a tristeza que vejo em seus olhos, já me responde. Ele não veio.

Por que viria, não é verdade?

Seguro as lágrimas e, para a minha sorte, me distraio com as pessoas que se aglomeram em volta da mesa do bolo. As luzes se apagam e um coro começa a cantar os parabéns. Faço o máximo de esforço para sorrir, me lembrando das palavras de Elizabeth, para não ter pena de mim mesma.

— Assopra a vela, Babi — grita minha mãe, entusiasmada.

Me abaixo e ouço um barulho. Uma música começa e meu corpo gela. Não é uma música qualquer, é Por Você do Barão vermelho, a *nossa* música.

Ouçó vários: *Oh! Ah!* Viro lentamente para trás, esperando que um buraco me engula de forma rápida.

“A história de amor de Flávio e Babi”

É o título estampado no telão que está no canto esquerdo da mesa do bolo.

As fotos começam a passar e não consigo mover um músculo. Sei que preciso correr e pedir para desligarem isso, mas não consigo.

Como pude me esquecer da retrospectiva? Já tinha mandado para a mulher do *buffet*, antes mesmo de fazer o pedido. Foi algo que estava fazendo há meses.

Aparece uma foto em que estou sentada no seu colo e sorrindo, como se não existisse mais ninguém ao redor. Uma lágrima traiçoeira escapa e o vídeo continua passando, sem que eu faça nada para impedir. Escuto alguém gritando para desligar. Mas não sei quem é. Elizabeth toca no meu braço, perguntando se estou bem, mas não consigo responder. Só na hora que a tela se apaga, é que saio do modo hipnótico e olho para o lado, vendo meu irmão falando bravo com alguém e com um cabo de eletricidade nas mãos.

— Podem sentar — diz minha mãe, com cautela. — O bolo já vai ser servido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não consigo olhar para ninguém. Se antes já estavam me olhando com pesar, imagine agora, depois de um papelão desses. Que vergonha. Serei conhecida na cidade como a louca que ganhou um pé na bunda e ainda passou uma retrospectiva amorosa na sua festa de aniversário.

— Me tira daqui — sussurro, assim que Heitor se aproxima.

Minha mãe nem tenta me impedir. Meu irmão e minha melhor amiga fazem um escudo humano ao meu redor e sigo pelos fundos, deixando para trás não só a cidade toda fofocando de mim, mas também, mais um pedaço do meu coração, por ter acabado de vez as chances de Flávio e eu nos casarmos.

PERIGOSAS ACHERON



Babi

— Nunca mais vou olhar na cara de ninguém.

— Eu também não teria coragem.

— Heitor! — brada minha amiga. — Era para você estar dando forças para a sua irmã, não, enchendo o saco.

— Quer minha ajuda? Então, vamos lá, aqui está.

Meu irmão abre a carteira e joga um pedaço de papel em cima da minha cama.

PERIGOSAS NACIONAIS

Olho dele para o papel, várias vezes, antes de me aproximar.

— Uma passagem de ônibus?

— Sim. Eu achei esse papel no lixo, hoje cedo — explica, apontando para um flyer. — E acho que seria a possibilidade perfeita para novos ares.

— Esse é o congresso de literatura que vai ter na capital, no final de semana que vem?

— Sim. Será bom você viajar um pouco, conhecer gente nova, ainda mais, depois da retrospectiva vergonhosa.

— *Argh*. Quando eu acho que você está indo para o caminho certo, você ferra tudo, Heitor. Me dá isso aqui. — Elizabeth toma o papel de sua mão, revirando os olhos e para um pouco para ler. — Acho que por mais que eu odeie concordar com o seu irmão, ele pode ter razão. Um tempo fora seria ótimo.

— Você iria comigo?

— Desculpa, Babi, mas a loja está a todo vapor, por causa do final do ano. Não consigo folga agora.

PERIGOSAS ACHERON

Pisco para afastar novas lágrimas e tomo a primeira decisão: parar de chorar.

Uma viagem? Será?

— Mas você comprou a passagem para segunda-feira à tarde. É pouco tempo para me organizar para uma viagem — digo, exaltada ao ler as informações. — E eu posso me dar o luxo de uma viagem de avião, por que eu iria querer uma viagem de ônibus?

— Comprei no primeiro horário que tinha disponível — explica Heitor. — Se eu pudesse, teria comprado para hoje mesmo, mas não tinha.

— Você quer se livrar mesmo de mim — resmungo, com amargura.

— Não, minha irmã, imaginei que se o Flávio não comparecesse à festa, você estaria mal novamente, então, seria bom já tomar medidas rápidas.

— O congresso é para daqui uma semana. O que vou ficar fazendo até lá?

— Passeando? Conhecendo museus, bibliotecas e a praia. A capital tem muitas opções.

— Ele está certo, Babi.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Adoro quando você se dobra a mim, querida Elizabeth.

— Nem nos seus mais doces sonhos, querido.

Heitor e Elizabeth começam a trocar farpas, como sempre acontece quando estão perto um do outro, e minha cabeça trabalha sem parar.

Será que Flávio sentirá a minha falta se eu ficar longe?

— Eu vou! — declaro, fazendo os dois se calarem.

— Tem certeza? — questiona minha amiga, preocupada.

— Tenho. Como vocês disseram, fará bem uns dias fora.

— Então, *bora* arrumar as malas.

Estico a mão para pegar a minha caderneta e começar a fazer as listas da minha viagem, quando meu irmão me para.

— Minha irmã, pode ter certeza do que eu vou falar, vai ser para o seu bem.

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem listas.

— Você só pode estar de brincadeira. Isso não faz sentido. Eu não funciono sem listas — falo, rápido demais, sentindo o desespero me tomar.

— Essa é a hora de você decidir, Barbara. Ou desiste dessa baboseira de listas e abre sua mente para novas possibilidades ou viverá para sempre presa em um mundo faz de conta.

— Meu mundo sempre foi real.

— Será mesmo? Prove que você consegue viver sem anotar cada passo dado. Deixe a imprevisibilidade te guiar. Planejar não faz mal, o que faz mal é o seu excesso de controle por aquilo que não pode ser controlado. O destino é um deles.

Olho para seus olhos expressivos e sei que ele está certo.

— Isso é um desafio? — pergunto, com a sobancelha arqueada.

— Pode apostar que sim. Vou deixar você pensar. Se embarcar nessa viagem, será tudo ou nada entendeu? Não terá ninguém para fiscalizar seu novo modo de viver, apenas você mesma. Até amanhã, maninha.

PERIGOSAS ACHERON

Com um beijo na testa, ele se despede e Elizabeth faz o mesmo, depois de eu pedir para ficar um pouco sozinha.

Adormeço, sem fazer a mala ou anotações sobre o planejamento da viagem. Preciso descansar para tomar uma decisão amanhã bem cedo. E tenho a sensação de que essa decisão vai determinar a minha lucidez.



— Não sabia que estava aqui. — Levanto os olhos dos papéis que estou organizando e vejo Lara, entrando em minha sala, com seus saltos irritantes.

— Precisei vir pegar alguns trabalhos, antes que comecem com a reforma.

— Ah, sim. Vim fazer o mesmo. Esses pedreiros vão deixar isso aqui nojento.

Apenas aceno para não prolongar a conversa. Apesar de Lara e eu termos estudado juntas no ensino fundamental, não temos nenhuma ligação de amizade. Ela é a cobra mais venenosa que eu conheço e de pessoas assim, eu quero

distância.

— Fiquei sabendo sobre a festa de sábado à noite. Você deve estar arrasada, coitadinha.

— Não. Não estou, mas agradeço a preocupação — rebato, de forma irônica.

— Se serve de consolo, eu também sempre achei que Flávio aceitaria o seu pedido. Não foi culpa sua, viu, docinho?

— Agradeço mais uma vez — digo, com um sorriso amarelo, mesmo querendo gritar em sua cara que ela não sabe nada da minha vida.

— Se quiser conversar, estou à disposição. Essas férias prolongadas vieram em um período péssimo para você. A depressão está levando as pessoas ao suicídio. Ficando em casa, sem fazer nada, é pior ainda. Então, me ligue se quiser desabafar. Até mais.

Ela sai rebolando e sinto ânsia de vômito. Como que uma pessoa pode ser tão baixa a esse ponto? Será que ela acha que me ajudou em alguma coisa com suas palavras?

Limpo as lágrimas que caíram, mesmo sem a minha permissão, e termino de colocar as últimas

avaliações dentro da pasta.

Olho em volta e meu coração aperta. Lara não está de toda errada. A escola que eu leciono passará por reformas, por isso, não tivemos férias em julho, e as crianças emendarão novembro, dezembro e janeiro.

O quadro verde, as cadeiras, as risadas. Isso é a minha alegria diária. Mesmo que minha vontade seja de trabalhar com crianças até a terceira série, do ensino fundamental, amo meus pré-adolescentes da 7ª e 8ª série.

Eles não são tão carinhosos como as crianças menores, mas não tenho problemas também. Sem eles, meus dias serão arrastados. Preciso focar em algo e gastar meu tempo, senão vou enlouquecer.

“*O ônibus sai às 14h*” — a voz de Heitor me vem à mente, e decido encarar isso como um sinal.

Preciso de um tempo desta cidade.

Preciso de um tempo para mim mesma.

Preciso me redescobrir.



— Tem certeza?

Balanço a cabeça em afirmativo, pois acho que a emoção não me deixará falar, mas uma coisa é certa, eu estou totalmente decidida e, até mesmo, ansiosa.

O mais difícil é me privar das listas, mas como será apenas por uns dias, acho que vou conseguir.

Meu coração quer, pelo menos, tentar.

Mas a pergunta que me corrói é: será que sou capaz de ser essa pessoa?

Será que conseguirei me desligar de tudo e dar um fim a esse sofrimento?

Olho para as malas que arrumei em tempo recorde no chão e vejo que o último passageiro está entrando no ônibus.

É agora ou nunca.

— Eu vou, quando voltar, serei outra pessoa.

— É assim que se fala, maninha. Te amo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Beijo o rosto do meu irmão, abraço Elizabeth e entro no ônibus, sentindo que algo nessa viagem, mudará a minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo *Quatro*

A stylized illustration of a notepad with a pencil. The notepad is tilted and has several green checkmarks on it. A yellow pencil with a pink eraser is positioned as if writing on the notepad.

Babi

— Peço que não se apavorem, mas o ônibus quebrou mesmo.

Solto o ar com força e encosto a cabeça no banco da frente.

Não é possível que eu tenha tanto azar assim. Quando o motorista reduziu a velocidade, eu achei que não seria nada. Quando parou e ficou 15 minutos falando ao telefone e andando de um lado para o outro, eu sabia que tinha algo errado. Agora

PERIGOSAS ACHERON

se pronunciou, dizendo que o ônibus quebrou, sendo que não estamos nem na metade do caminho, aí ferrou de vez.

— E o que vamos fazer? — questiona uma mulher, com uma criança no colo, do outro lado do corredor.

— Estamos nos limites de uma cidade pequena e acolhedora chamada Morada do Sol. A empresa irá custear a estadia de vocês até amanhã, quando um novo ônibus virá levá-los para o seu destino.

— Amanhã? — Várias vozes se exaltam. E não é para menos. Não são nem seis horas da tarde. Por que demorar tanto? Poderiam vir ainda hoje e terminar a viagem à noite.

— Infelizmente, uma forte chuva está tomando conta do estado todo e, pelas nuvens pesadas, logo chegará aqui também. A rodoviária da capital está fechada por conta dos alagamentos na cidade. Será até mais seguro para vocês passarem a noite aqui. Sigam-me, por favor.

Mesmo em meio ao caos, todos se levantam e saem de maneira nada organizada. Fico por último, como sempre. Tenho dificuldade de sair

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

empurrando as pessoas, me impor sobre elas. Ao contrário de todos ao meu redor.

Flávio dizia que isso era uma qualidade minha, estou começando a achar que ele dizia isso apenas para que eu nunca debatesse com ele o que me incomodava. A iludida era eu, claro.

Desço do ônibus, emburrada pela viagem ter sido interrompida, e me encosto em um canto mais afastado, para fugir de todos que estão se matando para pegar a mala. Antes mesmo que chegue a minha vez, sinto a primeira gota da chuva. Não sei como é possível, mas, em minutos, tem gente gritando para tudo quanto é lado, enquanto uma chuva torrencial cai em nossas cabeças. Vejo uma van se aproximando e resmungo internamente, sabendo que não caberá todos os passageiros.

— Subam os preferenciais, os outros ficam para a próxima viagem — o motorista grita.

— Precisam de ajuda? — pergunta uma voz rouca, saindo de um carro que estaciona ao lado da van.

— Precisamos de alguém para transportar mais alguns passageiros até a cidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Subam aí. Tenho lugar para, pelo menos, mais uns oito.

A parte de trás do carro está coberta com um suporte. E, mesmo assim, me sinto como um boi sendo transportado.

Não consigo ver o rosto do motorista e com a chuva não quero nem saber. Um senhor entra na frente e o restante vai comigo para a parte de trás. Para a minha sorte, não trouxe muita mala.

Escuto algumas risadas abafadas e, depois de alguns sacolejos, o carro para na frente de uma pousada rústica.

Um homem desce na frente e nos ajuda a sair da carroceria e entrar no lugar. Antes mesmo que eu possa me virar e agradecer quem nos trouxe, o veículo parte, e só depois escuto alguém dizer que ele voltou para saber se o motorista precisa de mais alguma ajuda.

Incrível em como não vi o homem, porém, seu timbre rouco fica ressoando na minha mente.

— Sejam bem-vindos à pousada Parada dos Sonhos. Estou aqui para garantir uma visita agradável — uma senhora de, aparentemente, 70

PERIGOSAS NACIONAIS

anos diz, com um sorriso reluzente, que me aquece mesmo que meu corpo esteja congelando pelas roupas molhadas.

Sorrio e pego o meu celular digitando rapidamente uma mensagem para o meu irmão.

Eu: Se você queria que eu vivesse novas aventuras, pode apostar que seu desejo está se realizando.

PERIGOSAS ACHERON



Babi

— Este é o seu quarto, querida. Fique à vontade.

— Obrigada. Como é mesmo seu nome?

— Carmelita, meu anjo. Adorei você, Babi. Já sei que seremos grandes amigas. Depois do banho, desça. Terá uma sopa quentinha te esperando para espantar o frio.

Sorrio com o seu comentário e sigo para o banheiro. O quarto não é grande, mas é suficientemente confortável. O chuveiro é tão

quentinho, que preciso me forçar para sair do banho.

Com muito custo, me enrolo em um roupão e fico pensando que roupa usar. O tempo não estava frio quando saí de Itaporã.

— Morada do Sol — digo, olhando para o quadro que tem logo acima da cama.

Nunca ouvi falar desta cidade. Como pode isso? Nem é tão distante assim de onde moro.

Mexo na mala e tiro uma blusa de malha com manga comprida e uma calça jeans. Deixo os tênis secando perto da porta e calço uma sapatilha. Sinto-me confortável e isso, para mim, basta. Analisando melhor, agora que tirei as roupas molhadas, não parece estar tão frio. Mesmo que a chuva continue forte lá fora.

Desço as escadas de madeira e espero encontrar muitas pessoas, mas o recinto está vazio.

— Sente-se aqui, Babi. Vou te servir.

— Onde estão todos?

— Preferiram a comida em seus quartos. Não entendo isso de não gostar de confraternizar.

Sorrio educadamente e me deixo ser
PERIGOSAS ACHERON

conduzida pela senhora simpática.

Olho ao redor e fico feliz pela parada ter acontecido em um lugar tão aconchegante. A sala de jantar que entramos é enorme, contendo duas mesas grandes, para dez ou mais lugares, de madeira escura. E mais umas quatro pequenas de quatro lugares. Uma lareira me encanta e o fato de ela estar acesa, chama ainda mais a minha atenção. Há pinturas e peças de artesanato em todos os lugares, o que torna o ambiente mais vivo e convidativo.

— Me conte um pouco sobre você, querida. Está indo morar na capital ou é apenas um passeio? — questiona a senhora, assim que me acomodo.

Normalmente, eu não me abro com qualquer pessoa. Sou reservada, ao extremo, mas algo no timbre dessa mulher, na mobília rústica e acolhedora ou até mesmo o cheiro da sopa maravilhosa que me invade, assim que a cumbuca é colocada à minha frente, me faz abrir a boca e falar tudo da minha vida.

Tudo.

Nos mínimos detalhes.

PERIGOSAS NACIONAIS

O que é uma loucura, pois nunca a via antes e, mesmo assim, senti uma conexão instantânea.

— Então, você está me dizendo que faz listas para tudo? Quer mais?

— Não, obrigada. Estava maravilhosa. — Afasto a vasilha vazia e me envergonho por ter comido e falado sem parar, desde que me sentei. — Quanto às listas, sempre foi um modo de viver, até meu irmão me desafiar a viver sem elas, durante esta viagem.

— E funciona?

— Sim. Sempre funcionou. Até que...

— Seu casamento foi adiado — Carmelita completa simplesmente, indo até o balcão e voltando com uma garrafa térmica. — É chá. Faz bem nos dias frios.

— Eu adoro chá. Obrigada, mais uma vez. — Provo o líquido que me aquece ainda mais por dentro. — Você acha que meu namorado vai voltar atrás?

— Não.

— E por que disse que foi apenas um adiamento, então?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Falei que seus planos de casar foi um adiamento, não que será com ele. Já parou para pensar que ele pode não ser o homem certo para você?

Reviro os olhos e só então me dou conta de quão mal educada eu fui.

— Desculpe. Você falou igualzinha a minha melhor amiga. Ela também acha que Flávio não é a minha alma gêmea, mas você não o conhece. Ele sempre foi o homem perfeito para mim. Estávamos sempre na mesma sintonia. Os mesmos gostos. Tudo combinava.

— Isso, para mim, parece meio chato, não é?

Arregalo os olhos, tentando esconder o ultraje.

— Desculpe, querida, mas já sou muito mais vivida que você. Sei como é gostoso viver na zona de conforto. Com o meu primeiro marido era assim. Tudo certinho, no lugar certo, sem grandes emoções e sem decepções.

— Primeiro marido?

— Sim. Depois que fiquei viúva, me casei

PERIGOSAS ACHERON

mais duas vezes.

Meus olhos agora parecem querer pular do meu rosto.

— Os outros também morreram?

— Não sou uma viúva negra também — brinca ela, com naturalidade. — Só que depois que tive o gostinho dos prazeres da vida, não aceitei mais voltar para o conforto da vida monótona e chata.

— Minha vida não era chata — defendo-me, do mesmo jeito que fiz com Elizabeth, dias atrás, no fiasco da minha festa de aniversário.

— Não estou dizendo que era assim com você, meu bem, só que a minha era. Fazia a mesma coisa todos os dias. Ria das piadas do meu marido por obrigação. Dormia todos os dias no mesmo horário. Fazia sexo apenas nos finais de semana e terminava antes mesmo de começar. E, para mim, estava tudo bem. Tudo seguro. E eu o amava muito. E sabia que ele me amava também, mas ao seu jeito. Depois que ele morreu, conheci Hudson e o homem me realizou de tantas formas que eu nunca havia imaginado. Depois disso percebi que não existe isso de alma gêmea. Nós somos as nossas

PERIGOSAS ACHERON

próprias almas gêmeas, minha querida. Precisamos nos amar, antes de amar alguém.

— Está me dizendo, então, que não preciso de homem para ser feliz? Que posso tranquilamente viver sozinha? — Faço a pergunta como um teste.

Eu não sou contra quem decide viver assim, mas eu queria muito um casamento. Uma união feliz e duradoura, como vejo a dos meus pais. Se a opinião de Carmelita for como a de Elizabeth, sorrirei, agradecerei, mas vai entrar por um ouvido e sairá por outro, pois queremos e almejamos coisas totalmente diferentes, e não tem problema nenhum nisso. Cada um busca uma realização diferente na vida.

— De forma alguma. Se eu achasse isso, não teria me casado três vezes. Eu só acredito que o matrimônio não tem que ser por obrigação, me entende? Exemplo: namoro há sete anos, logo, preciso casar porque é a consequência dos fatos. Ou pior ainda, nossa, já estou com 35 anos nas costas, preciso correr para casar e ter um filho, pois estou ficando velha. Não devemos fazer algo por obrigação ou para dar satisfação à sociedade. A vida é nossa. Devemos namorar quem quisermos.

Devemos nos divertir diariamente, mesmo que isso não seja o natural das pessoas. Devemos casar quando o coração sentir que não conseguimos mais ficar sem aquela pessoa. Que queremos dormir e acordar todos os dias ao seu lado, e ainda sorrir, apenas em observá-lo. Devemos ter filhos porque o nosso coração quer transbordar amor, não porque cada amiga chata e inconveniente te pergunta a cada novo encontro se você não pensa em ser mãe. Entendeu meu ponto?

— Nossa! — Suspiro realmente encantada pela sabedoria de Carmelita. — Eu sou exatamente como você disse, em todos os exemplos. Sempre quero fazer as coisas por ser consequência dos fatos. Nunca coloquei o meu querer na frente.

— Pois, coloque. Não faz mal ser egoísta quando é a sua felicidade que está à prova.

— Não sei o que te dizer neste momento — confesso, sentindo a minha cabeça rodar. Parece que tenho um vazio enorme dentro de mim.

— Você precisa descansar. Amanhã nos falamos mais. Babi, só mais uma coisa, estou feliz que seu irmão tenha te impulsionado a sair do lugar e buscar novas experiências, sinto que você precisa

se encontrar primeiro. E estou feliz por ter te conhecido nesse processo.

A senhora segura minhas mãos, com tanto carinho, que é impossível não sorrir. Mesmo que minha cabeça esteja pesando mil toneladas, depois de tudo o que ela me disse.

Ao que parece, vou ter uma noite interessante, analisando a fundo o meu relacionamento com o Flávio, ou melhor, o meu relacionamento comigo mesma.



Babi

— A cidade é realmente linda — comento, ao atravessar a praça.

Ao contrário de ontem, o céu está limpo e um sol gostoso veio nos visitar. Carmelita pulou cedo da cama e me arrastou para a padaria com ela. Disse que quer a mesa farta para que as pessoas voltem a lhe visitar, sem ser um caso de emergência.

— Não é grande, viu, mas não consigo mais me imaginar não morando aqui.

— Você não é daqui? — questiono, realmente curiosa. Depois de contar a minha vida toda para a mulher, acredito que tenho direito a algumas perguntas.

— Não. Nasci na capital. Uma tia minha morava aqui, vim visitá-la uma vez e não consegui mais ir embora. O bom de estar em uma cidade pequena é sentir-se abraçado.

— Isso nem sempre acontece. Itaporã não é tão grande também, no entanto, as fofocas parecem correr mais rápido que o vento.

— Oh, minha querida. Não pense assim. Quando você voltar, ninguém vai se lembrar do vídeo.

— Tomara.

— Sabe, antes de pegar no sono ontem, fiquei pensando nas listas de Babi.

Abro um sorriso com o jeito que ela fala.

— Quer que eu te ensine como faz?

— Seria bom para os negócios, eu sempre esqueço de pagar alguma conta, mas, queria que você me contasse mais sobre isso.

— Será um prazer. Para a parte de finanças,
PERIGOSAS ACHERON

elas são excelentes. Na verdade, para tudo — conto, com um suspiro. — As listas são a minha vida. Tudo é programado. Ou era — digo, deixando a tristeza tomar lugar da euforia.

— Então, você está me dizendo que levava muito a sério todas essas listas, não é?

— Sim, e sempre funcionou. Isso, até Flávio romper comigo, e meu irmão dizer que eu deveria reavaliar essa minha compulsão, como se isso me fizesse mal.

— E isso é verdade?

— Se me fazia mal? Não, de forma alguma.

— Não, meu bem, você é uma pessoa compulsiva por listas?

Fico sem saber o que responder.

As listas são algo que sigo há mais de 10 anos. Faz parte da minha rotina. Faz parte de mim. Nunca precisei responder a mim mesma se as usava de modo compulsivo.

E não sei se estou pronta para uma reflexão tão profunda no momento.

— Elas eram o lado bom da minha vida. Agora terei que viver sem minhas listas por um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo e testar o lado ruim. Será duro ir até um congresso e não planejar os meus passos por lá.

— Você poderia passar uns dias aqui.

— O quê? — Empaco, assim que chegamos à porta da pousada.

— Você me disse que o curso que irá fazer vai demorar uns dias. Sinto-me tão sozinha aqui. Seria bom ter companhia nos próximos dias. Você me disse que gosta de ler. Teremos o encontro do livro no próximo final de semana. Você iria adorar.

Ela joga a bomba e entra na cozinha, como se não fosse nada. Tomo meu café com os outros passageiros e, quando todos se organizam para entrar no ônibus novo que a empresa mandou, me vejo debatendo se é isso mesmo que quero. No final, faço o que nunca fiz na minha vida, lido com a imprevisibilidade e digo ao motorista que pode partir sem mim.

Acho que passarei mais uns dias conhecendo a cidade Morada do Sol, contando que isso me faça bem.



PERIGOSAS ACHERON

— Tem certeza de que está bem?

— Tenho, mãe. Foi apenas um desvio no percurso. Daqui a alguns dias pego um novo ônibus e sigo para o congresso.

— Babi, você nunca desvia do percurso, filha. Estou preocupada.

Eu sei que é para eu me orgulhar disso, afinal, sempre achei o máximo que as pessoas me vissem como um poço de organização, por conta das minhas listas. Mas algo me incomoda ao saber que minha mãe está preocupada comigo, por não ter saído tudo como eu tinha planejado.

E a culpa é minha por isso.

— Mãe, eu estou trabalhando isso em mim, e te garanto que se me fizer mal sair um pouco da rotina, vou voltar correndo para a barra da sua saia.

— Promete?

— Juro, juradinho.

Sou uma mulher de 30 anos recém-completados, mas ainda sou a bebê da minha mãe. Encerro a ligação e fico pensando sobre isso. Heitor é o filho mais velho. Independente. Saiu de casa para fazer faculdade e nunca mais voltou em

definitivo. Mora em uma cidade litorânea a 150km de Itaporã, nossa cidade natal. Nunca trouxe uma namorada para a casa e deve arrasar corações por onde passa em sua cidade. Eu sou o completo oposto. Cursei Letras na capital, morando em uma república com mais quatro meninas e contei os dias para voltar para a casa. Tá certo que aproveitei um pouco. Tive alguns envolvimento, mas, para mim, viver um dia de cada vez é complicado. Como Carmelita disse: sempre vivi na zona de conforto.

Voltei para Itaporã com 22 anos, passei no concurso para professora de português e leciono na escola na quadra de trás da minha casa. Faço o percurso a pé há 8 anos, todos os dias, e amo meus alunos do 7º ano do ensino fundamental. Comecei a sair com o Flávio quando tinha 25 anos e foi a coisa mais certa que poderia me acontecer, pois, pela minha lista principal, seria nessa idade que eu apresentaria o namorado perfeito para a minha família.

Cinco anos vivendo uma história de amor que, na verdade, era unilateral. Não acho que Flávio não gostava de mim, mas ele também estava na zona de conforto dele. Na segurança. Trabalha

no escritório de advocacia do pai. Namorando a professorinha da cidade. Morando com os pais.

Aí então cai a minha ficha sobre tudo o que Heitor e Carmelita me falaram. A culpa não é do Flávio, é minha. Fui eu que me permiti viver uma vida que só existia na minha lista.

Eu quero viver. Preciso viver. Sem esse medo de pensar no que vai acontecer depois. Mas como?

Abro o aplicativo de mensagens e escrevo novamente para o meu irmão.

Eu: Como posso dar o passo de liberdade que você me falou, sem me machucar no processo?

Como eu imaginei, a resposta não demora a chegar.

Heitor: Se machucar faz parte, maninha. Viva, como se não existisse o amanhã, pois essa é a verdade. Ele pode não chegar. O que adianta planejar 10 anos para frente, sendo que você
PERIGOSAS ACHERON

pode morrer engasgada com um osso de galinha amanhã?

Eu: Você consegue acabar com a minha admiração pela sua sabedoria em dois segundos.

Heitor: Também te amo. ;) E se você me mandou perguntando isso, é porque já está no caminho certo. Próximo passo: faça algo novo e totalmente diferente do que a Babi antiga faria.

Eu: Tenho até medo de perguntar o que isso significa.

Heitor: Não pergunte. A instrução acaba aqui, não sou tão inteligente como a professora da família. O resto é com você e eu confio na minha caçulinha. Te amo. Beijos.

Fico olhando para a tela, pensando no que eu posso fazer. Não sei se devo entrar nas loucuras de Heitor, mas sinto-me tão perdida no momento,

PERIGOSAS NACIONAIS

que qualquer lista que cair do céu, eu vou seguir.

E seja o que Deus quiser.

PERIGOSAS ACHERON



Danilo

— É ela? — pergunto, afastando a cortina da pequena janela e vendo a garota pequena e delicada no meio da praça, conversando com Sr. João. O professor aposentado da cidade que é meio que o pai de todo mundo.

— Sim. Não é uma graça?

— Por que ela quer morar aqui, Carmelita?

— Já contei. O ônibus quebrou e...

— Eu sei dessa parte, até ajudei alguns passageiros a chegarem ao seu hotel. Quero saber

por que ela não foi embora, como o restante dos passageiros e, por que quer alugar uma casa aqui, na cidade? — Me acomodo na cadeira e entrelaço os dedos sujos, encarando a senhora mais bondosa e intrometida da cidade.

Minha mãe ficaria extremamente chateada se ouvisse meus pensamentos e descobrisse que, para mim, cada morador desta cidade tem um complemento em seu nome. Não é segredo que amo esta cidade, de paixão, tanto que escolhi voltar para cá para ajudar a todos. Mas como toda cidade pequena, todo mundo se conhece e acha que tem o direito de se meter na vida dos outros.

Mesmo assim, nunca me mudaria.

— A coitadinha está um tanto perdida na vida. Estava indo para a capital, eu a convidei para passar uns dias aqui, acredito que ela se encantou, como acontece com todos que passam por aqui. Comentei sobre a colônia de férias e, como ela é professora e está de férias na sua cidade, resolveu passar o mês conosco. Ajudando com as crianças.

— Por que ela não fica com você no hotel?

— Pousada. Não gosto de chamar de hotel. Parece negócio de metido a besta. E ela concordou

PERIGOSAS ACHERON

que seria bom ter um cantinho só dela.

— E você não teve nada a ver com a decisão dela?

— Ai ai ai, mocinho. Você não está tão velho para levar umas boas palmadas. Eu não me meto na vida das pessoas. Mas por que todas essas perguntas? Não quer alugar aquela casa por algum motivo especial?

— O problema não é a casa, é deixar uma desconhecida à solta por aí. Vou checar os antecedentes criminais. Você tem o nome completo dela?

— Virou investigador agora, Danilo?

— É só por precaução.

— Sei. Eu sei ler as pessoas, meu filho. E aquela lá, é clara como água — Carmelita diz, caminhando até a janela e tirando a cortina da frente, para apontar para a praça.

Sigo seu olhar e a garota está rindo, como uma criança feliz. Ela realmente não tem cara de bandida. Eu arrisco dizer que é uma garota incrível e sexy, mesmo com uma calça jeans e camiseta. Mas nenhuma bandida vem com isso escrito na

testa, não é mesmo?

— Me passe os dados dela. Se ela realmente for essa professorinha honesta que você diz, no final da tarde deixo o contrato e as chaves com Alexia.

— Por que você mesmo não entrega?

— Tenho que terminar de consertar o teto da igreja. Não vou ter tempo para as dúvidas que possam surgir. Alexia já está habituada com as locações.

Vejo que Carmelita fica um pouco decepcionada e eu sorrio internamente. Essa aí deve ser mais uma das garotas forasteiras que ela sempre tenta jogar para cima de mim. Principalmente no final do ano, quando o número de turistas aumentam. Este ano o presente veio mais cedo.

— Obrigada, Danilo. Você, como sempre, um homem gentil e atencioso. Te espero no clube no livro e, desta vez, sem desculpas.

Ela sai antes que eu possa dizer alguma coisa e gemo, jogando a cabeça para trás. Acho que desta vez não vou conseguir correr.

PERIGOSAS NACIONAIS

Droga!

Essa mulher sabe me dobrar direitinho. Primeiro, vem o elogio e, depois, a pancada. É sempre assim.

Levanto-me, pegando meu cinto de ferramentas e, antes de prendê-lo, meus olhos são atraídos novamente para a praça.

Carmelita diz algo e um sorriso lindo se molda nos lábios carnudos da professorinha. Os óculos dão um ar de menina ingênua e isso me excita instantaneamente. O que não é normal.

Sempre me senti atraído por mulheres fortes. Donas de si e determinadas.

Por que raios estou duro por uma garota como ela? Que ainda pode ser uma criminosa?

Não importa — decido por fim nisso, sacudindo a cabeça e indo até o banheiro lavar as mãos e jogar uma água no rosto.

A mulher vai morar aqui apenas por um mês, não quero problemas na minha vida, ainda mais, com Carmelita tentando bancar o cupido.

Preciso manter a minha cabeça e minha cueca no lugar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Babi

A caminhonete dá a volta na praça e, mesmo sem estar com a parte de trás coberta, sei que é a mesma que nos deu carona no dia que o ônibus quebrou.

Sem conseguir desviar o olhar, vejo um homem grande, com um boné cobrindo sua cabeça, e o maxilar à mostra é totalmente convidativo. Arrisco dizer que nunca vi uma boca que eu quisesse beijar tão instantaneamente, como a desse estranho.

O carro passa devagar e ele apenas acena,
PERIGOSAS ACHERON

antes de acelerar e tomar o rumo da avenida principal.

— Ele é o Danilo. O moço que te falei que sempre está a postos para ajudar a todos — comenta Sr. João, um senhor encantador que Carmelita deixou em minha companhia, enquanto foi conversar sobre o aluguel da casa.

Vou alugar uma casa. Ah, meu Deus! Ainda estou tentando não pensar no assunto, mas sei que não posso perder a coragem de continuar e viver esses dias aqui.

— Eu me lembro do dia que o ônibus chegou. Foi ele que me trouxe até seu hotel — digo, afoita, quando percebo que me perdi em pensamento, com os dois me encarando.

— É uma pousada. Só vocês mesmo para chamarem aquele lugar rústico e velho de hotel — diz Carmelita, rindo.

— Conte-me, Barbara, quais as suas aspirações? — questiona seu João.

— Como assim?

— O que pretende com a sua vida de professora? Por que escolheu essa profissão?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sempre amei o fato de poder ensinar algo para alguém. Quando eu era pequena, brincava com a minha amiga Elizabeth, e fazia tanto ela quanto minhas bonecas, de minhas alunas. — Sorrio com a lembrança e cruzo os braços, olhando para além das casas e enxergando um cenário lindo de montanhas. — Acho mágico o final do ano escolar, em que crianças saem sabendo mais do que quando me conheceram. Essa, para mim, é a minha maior realização.

— E para qual ano você leciona? — pergunta o senhor simpático.

— Para o 7º e 8º do ensino fundamental.

— E está onde gostaria?

Seus olhos me encaram, como se soubesse que eu mentiria. Afinal, eu minto para todos que me fazem essa pergunta.

Penso nos conselhos que estou recebendo, desde que tomei o pé na bunda, e resolvo assumir de uma vez por todas.

— Não. Meu sonho sempre foi dar aulas para o ensino infantil. Mas, quando me formei e passei no concurso, minha mãe ficou tão feliz, que

PERIGOSAS ACHERON

não tive coragem de largar e ser assalariada em uma escolinha particular.

— Bem, estou feliz por termos muitas crianças pequenas inscritas na nossa colônia de férias. Você gostaria de ser auxiliar dessa turma?

— Você está falando sério?

— Claro que sim.

— Seria um honra.

— Considere feito. — Com uma mão apoiada em sua bengala, ele levanta a outra e acaricia o meu braço — Estou feliz que o destino trouxe você exatamente para Morada do Sol. Nada é por acaso.

Sorrio de forma sincera pelo carinho que transborda em suas palavras.

— Com licença, Sr. João. Vou levar Babi para resolver as questões do contrato.

— Vão com Deus. Depois vejo vocês.

Carmelita segura em meu braço e sai me arrastando pela praça.

Hoje faz exatos dez dias que estou na cidade e, depois da mensagem que troquei com o

meu irmão sobre tomar uma atitude diferente, concordei com Carmelita sobre passar o mês todo aqui, ajudando com a colônia de férias que eles promovem com as crianças da cidade. Sempre foi um sonho trabalhar com crianças pequenas. Só não esperava a sugestão dela, de que eu encontrasse a minha própria casa para passar este mês.

A primeira coisa que pensei: que loucura alugar uma casa para passar apenas um mês, mas então a imagem de Heitor me veio à mente, eu topei. Agora é esperar que o valor não seja exorbitante e que eu realmente dê conta de morar sozinha.

Acho que minha mãe surta se souber. Por isso, mantereí em segredo até que tudo esteja certo.

Observo a casa que ela indicou quando estávamos chegando e, devo confessar, foi amor à primeira vista. Pequena e parece casa de boneca, pintada de azul da cor do céu, com o portão branco.

Estou ansiosa para entrar e conhecê-la internamente.

— Você está com os seus documentos? —
questiona ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, senhora.

— Já falei para não me chamar de senhora. Sou um espírito livre.

Sorrio e fico impressionada de como estou fazendo isso ultimamente. Não que eu não sorrisse antes, claro que sempre fui feliz. Mas antes, eu estava vivendo tão no automático, que não apreciava as coisas belas e simples da vida. Ontem mesmo, mandei uma mensagem para minha mãe, outra para o meu pai, e mais uma para Elizabeth, falando o quanto eu os amo.

Meu irmão não precisa. Estamos nos falando diariamente, e acredito que de um jeito meio torto, a minha separação com Flávio estreitou os nossos laços.

— Vamos passar lá para deixar a cópia dos seus documentos com a Alexia e, mais tarde, ela te liga, para que você volte para assinar. Você sabe fazer pão?

— Pão? — Não canso de me surpreender de como o assunto com Carmelita nunca acaba e muda de forma rápida. — Não. Sou péssima na cozinha — afirmo.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso vai mudar. Vamos lá, que te mostrarei algumas técnicas, que farão você nunca morrer de fome.

Meu sorriso se alarga ainda mais e continuamos a nossa caminhada pela cidadezinha que me encantou, desde que coloquei meus pés nela. Onde o dia de amanhã é sempre uma surpresa. E estou amando e aproveitando.

Isso é algo que apenas a nova Babi diria. E o mais incrível, é que acho que estou me tornando ela.



Babi

— Não vou precisar comprar nada?

— Nadinha. Está toda mobiliada.

— Por que alguém mantém uma casa assim? — questiono, olhando para todos os lados.

A casa por dentro é ainda mais linda do que eu imaginava.

— O proprietário também é dono da empresa de construção da cidade. Ele tem várias casas espalhadas por aqui. Sempre aparecem alguns funcionários temporários, que precisam de um bom

lugar para ficar com a família, enquanto trabalham.

—Ah. Entendi.

— E aí, gostou?

— Eu amei.

E não estou mentindo. Minha casa. É até estranho falar isso, mas é absurdamente bom.

As paredes são de um tom de creme clarinho. No total, são quatro cômodos. A sala com uma rack em madeira escura e uma televisão de 32 polegadas. Conjunto de sofá de dois e três lugares na cor marrom. Ao lado, uma cozinha pequena com armários brancos e simples, geladeira, fogão, uma pequena mesa, é simplesmente perfeita. Uma lavanderia com máquina de lavar, tanque e um varal de chão. O banheiro azul e branco pequeno, mas não minúsculo. Dois quartos simples também. Um equipado com uma cama de casal, um guarda-roupa e dois criados-mudos. No outro, duas camas de solteiro e um guarda-roupa um pouco menor.

Resolvo manter esse fechado, por motivos óbvios.

— Vou deixar você curtir sua casinha, então. Qualquer coisa, me ligue que eu venho

correndo.

— Obrigada, Carmelita. Você tem sido um anjo que Deus enviou na minha vida.

— De anjo, eu não tenho nada, querida. Boa noite.

A levo até o portão e sorrio sozinha para a praça. O fim de tarde está chegando e algumas crianças brincam por lá. Não consigo esconder a felicidade que sinto. Sei que aluguei a casa por apenas um mês, mas sinto que é um grande passo. Nunca, na minha vida, eu pensei em morar sozinha, e estarei mentindo se disser que não estou com medo. Porém, o mais gostoso disso tudo, é a sensação de que posso fazer isso.

Tranco o portão e volto para dentro, com o ânimo renovado. Eu farei deste mês, o mês mais incrível da minha vida.



— *Pode ir abrindo o bico e falando tudo* — pede Elizabeth, pela tela do celular.

— Ai, amiga, eu nem sei por onde começar.

— *Do começo.* — Reviro os olhos para a

minha amiga e me ajeito melhor, segurando o aparelho.

— Eu já te contei, por mensagem, que o ônibus quebrou, certo? Então, fui parar no hotel da Dona Carmelita e a mulher é um barato, você iria adorar conhecê-la.

— *Se te convenceu a fugir da rota, eu já sou fã. Mas, amiga, como assim, alugar uma casa? Não é arriscado ficar sozinha, em uma cidade onde você não conhece ninguém?*

— Você não tem ideia de como é tudo por aqui, Beth. Parece que estou dentro de um livro.

— *Me deixa chutar, um livro da Jane Austen* — brinca ela, com a minha preferência bibliográfica, e eu apenas sorrio.

— A cidade é encantadora. Todo mundo se conhece, não tem como se perder. Parece que a cidade toda foi erguida em volta da praça central. E, o melhor, vou ajudar na colônia de férias. Seu João me disse que eu vou poder ficar na turma das crianças pequenas.

— *Quem é esse seu João?*

— Um professor aposentado, e o morador

mais antigo da cidade.

— *Você contou para a sua mãe?*

— Conteí, sim. Ela ficou um pouco receosa, mas meu pai apoiou a ideia. E, depois que conversou com a Carmelita, ficou mais tranquila, mesmo sabendo que estou morando sozinha.

— *Babi, eu acho que nunca te vi tão animada assim.*

— Acho que nem eu, minha amiga.

— *E... — uma buzina interrompe a sua fala, depois de levantar e olhar pela janela da sala, eu já sei o que virá a seguir —... preciso desligar. O boy da vez chegou. Amanhã nos falamos e dorme com o celular do lado, qualquer barulho, você chama a polícia. Tem polícia aí, né?*

— Claro que tem, sua boba. Vai lá. Boa curtida.

— *Te amo, amiga.*

Fico um pouco melancólica, por não estar mais pertinho da minha amiga, mas o lado bom é que temos internet para isso.

Tomo um banho longo e relaxante. Hidrato meu corpo e uso o pijama de frio que comprei na PERIGOSAS ACHERON

lojinha da esquina, na semana passada. Desde o dia que cheguei, já pude perceber que a cidade é quente durante o dia, normalmente com o sol prevalecendo. E, após o poente, a temperatura desce drasticamente.

Encolho-me no sofá, jogando a manta que trouxe de casa por cima, e passeio pelos canais, até encontrar um filme que já perdi a conta de quantas vezes assisti. “Casa Comigo”. Mesmo vendo o que a Anna passou, eu ainda fui idiota de querer propor para Flávio. Seria tão mais fácil se ele tivesse tomado a iniciativa. Uma hora dessas, eu estaria com uma aliança no dedo, fazendo um milhão de listas para os detalhes do casamento.

E depois? — meu subconsciente grita.

Depois eu planejaria os nossos filhos. Viagens. Ou qualquer coisa do tipo.

O que mais me dói nisso tudo, é que ele tirou de mim, não só a esperança do casamento, mas o controle que sempre exerci para a minha vida.

Seco uma lágrima traiçoeira e me chuto mentalmente para parar de chorar e lamentar. Estou fazendo tudo para esquecer o que passou e focar no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

futuro. Flávio não tem mais o poder de interferir na minha vida. E eu não vou deixar que ele o faça.

Levanto-me para pegar um copo de água e uma coisa preta corre da lavanderia para a cozinha.

Estico o pescoço para ver bem o que é sigo a passos lentos, até a entrada da cozinha.

— *Ahhhhhhh!* — grito de susto, quando o rato volta e passa pelo meio das minhas pernas. — *Ahhhhhhh.* Socorro!

Subo no sofá e não consigo ver aonde a praga do bicho foi.

— Eu vou matar a Carmelita, por me fazer morar uma casa infestada desse jeito.

Sabendo que estou falando dele, o bicho corre novamente pela sala, fazendo meus gritos se elevarem ainda mais.

— O que está acontecendo aqui? — uma voz máscula diz, abrindo a porta em um rompante, que me faz gritar ainda mais.

Quem é esse homem e o que ele está fazendo aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Babi

— Por que está gritando? Achei que um ladrão estava aqui.

Só agora percebo que ele está ofegante.

— Tem um rato aqui. E quem é você?

— Rato, onde? — diz, ignorando o meu questionamento.

— Acho que ele entrou embaixo do sofá.

O observo caminhar e quase me bato por me sentir atraída por um estranho que invadiu a minha casa.

Será que é um bandido? Ele vai matar o rato, para depois me roubar?

Encolho-me no canto do sofá e olho para o chão, para saber se é seguro que eu desça. Até arrisco descer um pé, mas tenho medo de que o rato saia exatamente aqui e recuo.

Existem pessoas que têm pânico de barata, lagartixa, borboleta. Eu tenho de rato. Como vou dormir, sabendo que esse bicho está aqui dentro?

— Você tem certeza de que viu um rato?

— Que pergunta é essa? Claro que eu tenho. Por que eu iria gritar, se não tivesse visto um?

— Às vezes, você viu uma sombra qualquer e achou que era um rato.

— Como que eu poderia confundir uma sombra, com um rato enorme? — rebato brava.

— Você está sem seus óculos, então...

— Como você sabe que uso óculos? — Recuo ainda mais, grudando meu corpo na parede. Os braços do homem são tão enormes que, com uma mão, ele conseguiria me estrangular facilmente.

— Eu te vi hoje, na praça — explica, como
PERIGOSAS ACHERON

se isso não importasse. — Pode descer. Se você realmente viu um rato aí, ele já foi embora. A sala não é grande para ele se esconder assim.

— Se? Você está de brincadeira com a minha cara, não é verdade? Eu vi um rato. Ele deve ter corrido para fora, quando você abriu a porta. E, por falar nisso, como conseguiu entrar na minha casa?

Desço do sofá para ter essa discussão de forma digna e o encaro, com as duas mãos na cintura. Torcendo para que o rato não volte a aparecer e desmonte a minha pose de mulher durona.

— Eu usei as chaves — explica, levantando um molho.

— Como assim, você tem as chaves daqui? Por um acaso, alugaram a mesma casa para nós dois?

— Não. — O homem levanta um braço e coça a nuca, parecendo desconfortável. — Eu tenho as chaves de todas as casas, pois, quando precisa que seja feito algum conserto ou para casos específicos, como um grito, eu consiga agir rápido, sem precisar de um chaveiro ou uma marreta.

— Ah, entendi — digo, um pouco aliviada.
— Você trabalha para a construtora — afirmo.

— Pode-se dizer que sim. Danilo Amorim.
— Estende a mão grande e poderosa em minha direção e dou um passo à frente, para apertá-la.

Sinto-me uma nanica perto dele.

— Barbara Pimentel. Sou nova na cidade e passarei apenas um mês por aqui.

— Estou sabendo. — Levanto a sobrancelha e ele completa: — Cidade pequena é assim, todo mundo está comentando sobre você.

— Como chegou tão rápido? — Ignoro o fato de ser o centro das atenções da cidade, de forma proposital. Se eu começar a pensar sobre isso, é capaz de me esconder pelo resto dos dias.

— Sou seu vizinho. Estava estacionando o carro, quando ouvi seu grito histérico.

A simpatia que eu estava desenvolvendo pelo homem acaba de evaporar.

— Não era um grito histérico. Era um grito normal.

— Normal só se for na sua cidade. Aqui, quando alguém pede socorro, é porque algo sério
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

está acontecendo.

— Mas era um rato.

— Um rato inofensivo, que tem mais medo de você, do que você dele — caçoa e é o meu limite.

— Saia da minha casa, agora mesmo, seu grosso. Você só deve ter entrado aqui para ter um motivo de fazer piadinha.

— Eu vim te ajudar.

— Pois bem, não ajudou em nada. Boa noite.

Cruzo os braços e o encaro, de cara feia. Se ele acha que pode tirar sarro da minha cara, só porque não sou da cidade e sou mulher, ele está muito enganado.

— Você poderia ser mais agradecida.

— Se isso faz você cair fora logo, muito obrigada por ter entrado na minha casa, sem ser convidado, e não ter achado o rato. — Faço a melhor cara de deboche que conheço e percebo o brilho passar por seus olhos. Ele parece querer dizer algo, mas desiste no último minuto e balança a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu poderia dizer que, se precisar de alguma coisa, basta bater na porta ao lado, mas acredito que não poderei te ajudar. Boa noite.

O tal Danilo sai resmungando algo e é uma pena não ter nenhum vaso na decoração da casa. No momento, eu gostaria de quebrar um em sua cabeça.

Homem arrogante e idiota. Quem ele pensa que é para vir até aqui, zombar do meu medo de rato e falar que não enxergo direito? Antes não tivesse entrado.

Lembro-me do Sr. João dizendo que ele ajuda todo mundo na cidade, mas não sei como, se é um ogro que não consegue trocar meia dúzia de palavras de forma gentil.

Escuto o portão ranger um pouco antes de se fechar, e percebo que nem, ao menos, notei o barulho de quando ele entrou.

A porta de um carro bate, só então eu corro para a porta da sala. Passo a chave novamente e puxo o sofá pequeno para que ele bloqueie a passagem, caso mais pessoas da tal construtora tenham a chave. Amanhã mesmo, vou exigir que Carmelita me leve até o dono da casa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso é uma invasão de privacidade.

Sem a paz de espírito que eu gozava antes, desligo as luzes e a televisão, interrompendo o filme pela metade e corro para o meu quarto. Colocando vários panos que encontro no guarda-roupa, para bloquear a entrada do maldito rato. Pelo menos, assim, vou conseguir dormir em paz.

Ou, pelo menos, eu espero.

PERIGOSAS ACHERON



Babi

— Um rato?

— Sim. Enorme e horrível — conto para a minha nova amiga, enquanto provo da minha xícara de café.

— E o que você fez?

— Subi no sofá e gritei.

— Por isso, essas olheiras. Não conseguiu dormir com medo do rato. Por que não me ligou? Eu pediria para algum homem da cidade vir até aqui.

— Isso aconteceu. E não adiantou nada.

Seus olhos castanhos profundos me analisam e eu coloco meus óculos um pouco mais para cima, para fugir da sua análise. Espero que ela não leia nas entrelinhas. Pois, por mais que eu tenha achado o tal Danilo um babaca, por ter zombado de mim, não consegui parar de pensar nele a noite toda. E, para piorar, quando peguei um livro para ler, antes de dormir, era o rosto dele que eu imaginava beijando e tocando a mocinha, no caso, eu.

Estou completamente ferrada.

Foi impossível não comparar Flávio e ele. Meu ex sempre foi gentil, charmoso, galanteador, prestativo e... morno. O livro tinha cenas *hot* do casal e, por mais que eu nunca tenha experimentado um sexo intenso, aposto todas as minhas fichas que o tal Danilo tem uma pegada sensacional.

— Babi, querida?

— Oh! Desculpe. Estava pensando no livro que li ontem.

— Ah, que maravilha. Eu te contei que o clube do livro é esta noite, não é?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Como funciona? — pergunto, feliz, pelo assunto ter se desviado.

— Como temos muitos gostos diferentes, uma vez por mês nos reunimos e cada um escolhe um livro de sua preferência. O membro apresenta o livro e fala sobre os pontos positivos e negativos da leitura. Você quer apresentar esse que está lendo?

— Pode ser um livro preferido? Esse eu ainda não terminei.

— Claro. Vou indo. Nos encontramos na praça às 20h, tudo bem? Não é longe, como tudo nesta cidade, então, vamos caminhando. Tudo bem para você?

— Melhor impossível. Obrigada pelo pão fresco.

— O próximo será o seu — brinca ela e sai pela porta, cantarolando, com seu vestido verde limão e seu chapéu roxo.

Carmelita é uma preciosidade que eu encontrei na vida.

Como diz meu irmão: nada é por acaso.

PERIGOSAS ACHERON



— Boa tarde, menina Babi.

— Boa tarde, senhor João.

— Está indo passear? — questiona o senhor, em seu banco cativo na praça central.

Carmelita me contou que desde que se aposentou, não encarou bem o fato de ficar sem fazer nada em casa. Mas como o coração não estava ajudando, não podia se esforçar e fazer nada, além de ficar sentado ou andar poucos metros, apoiado em sua bengala. Então, sair de casa bem cedo e sentar na praça virou sua rotina.

— Na verdade, vou dar um pulo no mercado.

— Ah, sim! Você sabe onde fica?

— Sei. Acompanhei Carmelita lá algumas vezes.

— Se andou com a Carmelita, já deve conhecer cada cantinho desta cidade. Aquela lá parece ter rodinhas nos pés.

Sorrio, me despeço e atravesso a praça. Olho em volta e acho o máximo o fato de a cidade

PERIGOSAS ACHERON

ser tão desligada da era tecnológica.

As pessoas andam pelas ruas conversando umas com as outras. Diferente da capital ou, até mesmo, da minha cidade, que mesmo não sendo uma cidade enorme, a cada canto que se olha, tem alguém andando com um aparelho de celular nas mãos.

Até mesmo meus alunos tomam bronca, quase que diariamente. A tecnologia se transformou em o ar que as pessoas respiram, e não vou ser hipócrita, eu também carrego meu celular para cima e para baixo, mas aqui, parece que o ritmo é diferente.

Não que eles sejam desatualizados. Todos os lugares que fui até agora tem tecnologia, no entanto, parece que eles não são dependentes disso. Aqui as pessoas gostam mais do *cara a cara*.

— Olá. Você é a nova professora? — Uma garotinha me para, bem em frente ao mercadinho.

— Oi. Sou professora, sim, mas não aqui na cidade.

— Ah, que pena. Você tem cara de ser uma professora muito legal.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada. Mas, vou participar da colônia de férias. Você estará lá?

— Sim — afirma, eufórica. — Na verdade, somos obrigadas a ir, mas acho que este ano vai ser legal, não vai?

— Como assim, obrigadas?

Ela olha para os dois lados, como se fosse compartilhar um segredo e isso faz com que eu esconda o sorriso. A garotinha não deve ter mais que dez anos, mas parece ser muito mais madura do que deveria.

— A colônia é uma tradição aqui em Morada do Sol. O dia que eu disse à minha avó que não queria participar, ela chorou. Então, nunca mais falei nada. Todo ano venho neste martírio.

— Quantos anos você tem, para conhecer essa palavra? — questiono, interessada.

Amo esse brilho conhecedor e inspirador em crianças interessadas. Para falar a verdade, me vejo muito na garotinha em minha frente e isso me instiga.

— Fiz nove, na semana passada. E adoro achar palavras novas no dicionário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E como você se chama?

— Sabrina.

— Lindo nome. E acho muito legal o seu gosto pelo dicionário. Você gosta de ler?

— Sim. Sempre empresto livros da biblioteca. Mas já li a maioria.

— Onde fica a biblioteca? — Olho para os lados, em busca de uma, pois mesmo com todos os passeios que fiz com Carmelita, eu não vi.

— Fica dentro do centro comunitário, onde vai ser a colônia de férias. Você não conhece lá?

— Ainda não.

— Se quiser, posso te levar e...

— Sabrina? — Uma senhora de cabelos brancos sai do mercadinho e seu olhar se suaviza quando vê a garota. — Que susto, menina. Achei que tivesse te perdido.

— Estava aqui conversando com a minha nova amiga. Ela é a professora nova, vovó.

— Ah, sim. A amiga da Carmelita, não é? Sou a Cida.

— É um prazer, dona Cida, sou a Barbara.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou levá-la até a biblioteca, vovó.

— Você vai me ajudar com as compras agora, mocinha. Segunda-feira vocês passeiam e você mostra a ela a biblioteca. Pode ser, professora?

— Claro — digo, sem graça, por estar sendo chamada de professora por todos nesta cidade.

Não que essa não seja a minha profissão, mas parece que todos estão convictos de que serei professora aqui.

— Até segunda, então, Barbara.

— Pode me chamar de Babi.

Sabrina sorri e segue sua avó para o caixa, onde a ajuda com as sacolas.

Passo pelas duas e sigo para dentro do pequeno mercado. Ao contrário do que imaginei, tem de tudo aqui.

Aproveito para abastecer meu estoque de chocolate. Chá. Café e jujubas. Se tem uma coisa que eu sou louca, é por jujubas.

Compro itens de necessidade básica, como produtos congelados, e volto para o caixa. Preciso

PERIGOSAS ACHERON

lembrar-me de pedir à Carmelita o restante das aulas que ela me prometeu. Minha mãe é uma cozinheira de mão cheia e sempre se orgulhou disso. Como meu mundo literário sempre foi maior que o doméstico, não aprendi muito esse outro lado. Agora que estou morando sozinha, terei que me virar.

E o mais incrível disso tudo, é que não estou assustada.

— Obrigada — agradeço a moça do caixa e, depois de colocar as minhas compras em quatro sacolas de plástico, saio para o sol quente de Morada do Sol.

Faço uma nota mental para pedir a Heitor que me envie roupas leves. Ou melhor, para Elizabeth. Na semana passada, quando o carteiro bateu na pousada, com meia dúzia de peças de frio, tive vontade de dar um murro virtual no meu irmão.

Ele pegou exatamente as roupas que não gosto e não me servem mais. E ainda teve a petulância de resmungar quando eu reclamei.

O fato é, eu não vim preparada para passar um mês nesta cidade. Então, tenho duas opções: ou eu compro roupas novas, ou vou precisar ligar e

PERIGOSAS ACHERON

pedir para Elizabeth separar as roupas em uma chamada de vídeo, para eu poder escolhê-las.

Cumprimento algumas pessoas que passam por mim, e começo a atravessar a praça. O lugar é lindo. Com vários canteiros de flores coloridas e vivas. Árvores proporcionando uma sombra deliciosa. Bancos por toda parte e um parquinho de madeira para as crianças.

Suspiro, de forma prazerosa, quando uma brisa suave toca o meu rosto. Esta cidade parece ser perfeita para que eu cure as minhas dores. Em breve, terei que retornar a Itaporã e sei que o tempo que eu passar aqui, irá ajudar para que eu volte com a cabeça erguida.

— Ai, Danilo, você é tão engraçado.

Eu disse que a cidade é perfeita? Seria, se eu não tivesse um vizinho insuportável, que está saindo com uma loira oxigenada de sua casa, bem agora.

Só mais alguns passos, Babi — medito, enquanto aumento o ritmo.

Chego à frente do meu portão e, quando engancho os dedos no bolso da minha calça jeans,

PERIGOSAS NACIONAIS

buscando a chave, uma sacola plástica onde estão as frutas se rasga.

— Droga!

— Quer ajuda? — pergunta o dono da voz grave, e mesmo que eu me odeie por isso, todos os pelos da minha nuca se ouriçam.

— Não precisa, obrigada.

— Bom. Não está parecendo. — Chega mais perto e me estende a maçã que rolou até o seu pé.

Levanto os olhos, mesmo a contragosto e, senhor amado, o homem é ainda mais bonito à luz do dia. O problema é o sorrisinho sarcástico que ele carrega. Isso faz eu me lembrar de ontem e a raiva volta a borbulhar.

— Quer me ajudar para quê? Para ter mais motivos para fazer piadinhas?

— *Eita*, que a tigresa acordou com as garras afiadas hoje.

— Garra afiada tem a senhora sua mãe. Saia da minha frente.

— Não estou na sua frente. Estou ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Que seja. — Enfio a chave no cadeado e abro o portão, de forma rude, e só agora percebo que a loira idiota está me encarando, como se eu fosse louca, e o tal Danilo está sorrindo.

Não sei como pude achar esse homem bonito.

Passo pela porta da sala e a bato, como se fosse a cara dele. Lembro-me das frutas que caíram, mas só voltarei lá para pegar quando o casal vinte não estiver mais por perto. De jeito nenhum darei ainda mais motivos para ele tirar sarro da minha cara.

Não sei o motivo desse homem me tirar do sério assim, mas ele o faz.

E eu não gosto nada disso.



“O meu amor e os meus desejos permanecem inalterados.

Mas basta uma única palavra sua, para que nunca mais lhe fale no assunto.”

Suspiro mais uma vez e fecho o livro *Orgulho e Preconceito*. Tenho várias passagens pelas quais sou apaixonada. Mas essa... essa me remete para um passado, em que eu acreditava tanto no amor que eu sentia por Flávio, que chega a doer.

Por que ele não me avisou antes, de que não me amava ao ponto de querer passar anos comigo?

Por quê...

Para a minha sorte, o toque do celular me desperta desse poço de piedade.

Carmelita: O encontro será aqui na pousada, meu bem. Quer que eu peça para alguém te buscar?

Eu: Não precisa. Obrigada. Dentro de alguns minutos estarei aí. Beijos.

Olho no espelho do banheiro, ajeitando o meu rabo de cavalo e repassando o batom rosa

PERIGOSAS ACHERON

claro. Reparo novamente no vestido e penso se acertei na escolha. Este é o único vestido que eu trouxe. Espero não estar tão desarrumada, a ponto de não me convidarem mais.

Seguro meu livro, como se minha vida dependesse disso, e jogo um casaco no braço. A noite, por incrível que pareça, está quente e agradável, mas nunca se sabe.

O sinal sonoro do celular me faz revirar os olhos, achando que é Carmelita novamente, mas, para a minha surpresa, é o número de Flávio.

Flávio: Desculpe pela demora. Sei que foi errado não te parabenizar, mas as coisas estavam confusas demais na minha cabeça e achei melhor manter distância. Quero que saiba que desejo toda felicidade do mundo para você. Espero te ver em breve.

Sento-me novamente, pois no momento, as minhas pernas não me obedecem. Quando eu acho que ele já seguiu em frente e eu tenho que fazer o mesmo, ele reaparece com uma mensagem sem

sentido, duas semanas depois do meu aniversário. Duas malditas semanas.

Solto o aparelho, como se me queimasse, e me dirijo à porta o mais rápido possível. Preciso chegar à pousada, conversar, rir, conhecer gente diferente. Se eu ficar mais um segundo, sei que responderei a mensagem ou, pior, tentarei falar com ele.

E isso não pode acontecer.



Babi

— Gente, essa aqui é a Babi, como alguns de vocês já conhecem, e é a primeira vez dela em nosso clube.

— A primeira vez, a gente nunca esquece — comenta a voz sarcástica, que já conheço bem e, ao invés de me irritar, fico feliz em saber que não serei a única com menos de 50 anos no recinto.

— Danilo, querido, você veio — exclama Carmelita, de forma feliz.

— Claro que sim. Você tirou de mim uma

maldita promessa.

— Olha a boca, mocinho.

— Oi, mãe. — Ele se abaixa para beijar o rosto de Georgina, uma senhora simpática, que conheci assim que cheguei, e meu rosto chega a pegar fogo, quando lembro que falei mais cedo sobre a mãe dele.

— Sou a favor de o clube ser conduzido pelos mais jovens. Vocês têm que concordar comigo que já caímos na mesmice.

— Você está muito rabugento, João. Isso, sim. Mas concordo com você. Será ótimo ouvir sobre a literatura mais atual, com dois jovens — afirma Carmelita. — Danilo, sente-se ao lado de Babi, fica mais fácil se estiverem perto.

— Por quê? — questiona, de mau humor, ainda de pé ao lado da mãe.

— Não discuta, querido.

— Às vezes, a namorada dele pode não gostar — solto, um pouco mais alto do que gostaria e minha cara queima ao constatar que todos ouviram.

— Não se preocupe com isso, querida.

Danilo não tem namorada — responde a mãe.

Tiro os olhos dela e o encaro, o que não é uma boa ideia, já que ele me olha com a sobancelha erguida.

— O que foi? Achei que a loira saindo da sua casa mais cedo era a sua namorada.

— Loira? Que loira? — Carmelita questiona. — Por um acaso, é a filha do Adamastor? Não acredito que ela está se engraçando com você novamente. Ou seria a filha do Ronaldo? Ou...

— Gente, viemos aqui falar de livros, não da minha vida pessoal. Que tal começarmos? — Desaba na cadeira ao meu lado e eu seguro o riso.

Percebo que o deixei bem irritado. Ponto para a Babi.

Se eu tivesse com um caderninho, anotaria na minha lista: irritar mais o chato do Danilo.

— Esse assunto não acabou, viu, mocinho?! — brada Georgina.

— Vamos começar — desconversa Carmelita e eu sorrio. Ela começa o fogo e o apaga. — Este mês, eu li o livro Peça-me o que quiser, da

autora Megan Maxwell e minha nota para ele foi cinco estrelas. Sensacional e me diverti muito com a leitura.

Não consigo segurar o queixo. Eu li esse livro por insistência de Elizabeth e achei escandaloso. Como, uma senhora de 70 e poucos anos, consegue *se divertir* com algo daquele nível?

Começo a pensar que preciso abrir mais minha mente e me permitir a experimentar *novidades*.

— Eu li a biografia do Barack Obama. O homem tem o meu respeito — afirma seu João.

E, um a um, as doze pessoas aqui reunidas falam sobre seus livros. Reconheço alguns títulos, mas devo confessar, que mesmo com mais idade, eles estão muito mais atualizados do que eu, no quesito leitura.

Não que eu não leia. Leio muito. Mas tenho um fraco por clássicos.

Já reli Orgulho e Preconceito mais de 20 vezes. E tenho oito exemplares com capas diferentes dele em minha estante. Sem contar os outros da Jane Austen, que faço questão de ler e

reler, o tempo todo.

Percebo que está na hora de tirar o pó do meu Kindle e encarar minha resistência a livros digitais.

— E você, Babi, qual livro você leu?

— Bem, como eu não me preparei durante um mês inteiro, como vocês, trouxe o livro que mais ano na vida. Orgulho e Preconceito, da Jane Austen.

— Ah! Que surpresa — desdenha Danilo, e eu o encaro.

— O que disse?

— Nada de mais.

— Não entendi a sua piada. Fale — exijo e sei que viramos o centro das atenções, mas com ele, eu não consigo me controlar.

— Já que quer saber, você é muito previsível. Carinha de santa. Livro clássico. Professorinha. Medo de rato. A típica mocinha de livros melosos.

— Não acredito que ouvi isso — brado. — Quem você pensa que é, para me julgar?

— Sou aquele que odeia clichê e romance meloso.

— Cada um aqui respeita a opinião do outro. Espero que você faça isso, ou pode se retirar — diz um senhor, que não consegui guardar o nome. Ele tem a cara fechada e falou apenas cinco palavras desde que cheguei: “*Li um dorama. Nota 3.*” Seu timbre de voz é poderoso e faz Danilo perder o sorriso. — Desculpem pelo meu filho. Ele vai pedir desculpas para a moça e vamos continuar, não é, Danilo?

— Desculpe-me, Barbara. — O pedido é feito entre os dentes e dou de ombros, evitando encará-lo.

— Nada de clima tenso — ameniza Carmelita. — Qual livro você leu, Danilo?

Não olho para o lado, mas fico ansiosa pela sua resposta. Quero jogar em sua cara, o quanto ele também é previsível, mas não consigo montar o quebra-cabeça do homem que entrou na minha casa disposto, a enfrentar um ladrão, que deu um beijo delicado na mãe, e que é um idiota comigo, o tempo todo.

— Na verdade, eu ainda não terminei. O
PERIGOSAS ACHERON

livro é grosso. Mas estou lendo *It a Coisa*, do *Stephen King*. Até agora, a minha nota é 5. O livro é intenso e prende o leitor.

— Fala da Babi, mas ler terror também é tão previsível — João diz o que ficou entalado na minha garganta, fazendo todos rirem.

— Vamos aproveitar que temos uma professora aqui, então, e vamos conversar sobre a literatura em si.

Sorrio, agradecida, para a anfitriã e começo a responder as perguntas. Nada me faz mais feliz do que falar sobre a minha profissão.

Escolhi ser professora ainda novinha, mas nunca me arrependi. E mesmo que Flávio tenha dito, várias vezes, que eu merecia uma profissão mais bem remunerada, nada mais me fazia feliz, do que ensinar os prazeres da leitura e escrita para os meus alunos.

Seu João também acrescenta muito ao bate-papo, e fico impressionada de como estou me divertindo. A conversa gira sobre clássicos e o contemporâneo e sinto como se realmente eu estivesse no meu lugar.



— Mais um pouco, menina?

— Acho melhor não. Já bebi três taças.

— Estamos entre amigos. Não faz mal aproveitar um pouco, em um sábado à noite.

Sorrio para Carmelita e aceito mais um pouco do vinho maravilhoso que ela me serve.

A noite passa devagar. Isso, sem contar com a velocidade que minha taça está sendo enchida, a todo momento. Comemos e bebemos, compartilhando histórias maravilhosas. A ideia de um clube do livro não chega aos pés do que está sendo esta noite.

O grupo agora se dispersou e está uma rodinha em cada canto, da ampla sala da pousada. Eu, como gosto de observar, paro ao lado das portas de correr, olhando para tudo e para todos. Absorvendo um pouco dessa felicidade e tentando não pensar na mensagem que recebi mais cedo.

— Então, está gostando da cidade? — Faço um esforço para não me virar para Danilo.

O evitei a noite inteira e achei que ele iria

embora cedo, mas, ao que parece, ele está gostando da noite, tanto quanto eu.

— Sim. É muito acolhedora.

— E o rato? — O sarcasmo está evidente no seu tom.

— Olha, se for para começar a fazer gracinhas, pode seguir o seu rumo.

— Ei, calma. Estou em missão de paz.

— Fico é com medo da sua guerra, então.

Ele ri novamente, e que um raio me parta ao meio, mas não consigo negar a forma como eu o acho atraente e, o pior: não paro de compará-lo a Flávio.

Os dois são exatamente como água e óleo.

Flávio tem uma postura de galã de cinema. O sorriso sempre gentil. Assuntos interessantes e envolventes na ponta da língua. Danilo, não. Pelo o que reparei durante a noite, ele tem o jeito de que não se importa com o que as pessoas digam. Vive sua vida do jeito que lhe der na telha e não se esforça muito para ser paparicado.

Tratou todos com respeito, mas não ficou babando o ovo de ninguém, como Flávio faria.

— Estou intrigado. O que uma moça jovem como você, está fazendo perdida, em uma cidade tão pequena, em que a diversão é um encontro com idosos, em pleno sábado à noite?

Poderia dar uma resposta padrão e encerrar o assunto, mas me vejo falando a verdade.

— Precisava de um tempo em minha vida. Este encontro é exatamente o que eu necessito.

— Duvido — debocha.

— Se está tão ruim, por que ainda está aqui?

— Porque você vai aprender que o pessoal desta cidade consegue o que quer, sempre.

— Mais vinho?

— Não, Carmelita. Obrigada. Já bebi bem mais do que eu deveria hoje e...

— Deixe disso. Amanhã é domingo. — A senhora enche a minha taça, mais uma vez, e nos dá as costas.

— Acho que você tem razão — digo, sem graça, me virando para encarar o homem de frente e ele sorri, levantando a sua taça. — Você não tem cara que gosta de vinhos — comento e sinto que o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

álcool já está fazendo caminho no meu organismo, pois sinto-me mais leve.

— Não mesmo. Por mim, estaria com uma cerveja gelada nas mãos. Mas Carmelita me proibiu. Disse que cerveja não combina com o clube — explica, dando de ombros e leva a taça novamente na boca.

Posso afirmar que essa é uma das cenas mais sensuais que já vi na vida.

Seus olhos me encaram por sobre a taça e esqueço como é que se respira.

— Acho melhor eu ir embora.

— Não estava gostando?

— Sim. Mas está tarde. — Tomo o conteúdo da minha taça em um gole só e sinto o mundo ao redor, balançar um pouco.

— Vamos, então.

— O quê? — praticamente grito. — Não precisa se incomodar. Eu vou sozinha.

— Somos vizinhos, Barbara, não é incômodo nenhum. Amanhã preciso acordar cedo, então, de todo modo, estou indo embora também.

PERIGOSAS ACHERON

— Quem vai embora?

— Nós dois — Danilo responde à Carmelita, sem me dar a chance de falar nada.

— Ah, que pena. Mas fico feliz que vão juntos, assim, não preciso me preocupar com Babi.

— Não precisa... — Cambaleio um pouco e dois braços fortes me amparam.

— Tenho certeza de que não precisa terminar a sua frase — diz ele, divertido, e, pela primeira vez, faz uma piada sem o costumeiro sarcasmo.

Ou será que foi o vinho que me deixou mais mole?

Despeço-me de todos, agarro meu livro e tento caminhar normalmente, para não demonstrar o quão alterada eu estou. A verdade, é que fazia muito tempo que eu não bebia de forma tão descontraída assim. Acabei tomando muito mais do que estou acostumada.

Por que o carro dele tem que ser tão grande? — penso ao parar ao lado da caminhonete.

— Vem, eu te ajudo.

— Não precisa...

— Você não cansa de dizer isso? — sussurra em meu ouvido, me interrompendo.

Ele posiciona uma mão de cada lado da minha cintura, e impulsiona o meu corpo em direção ao banco. Tento agradecer, mas, todas as palavras que eu conheço perdem o sentido. Logo eu, que sou um dicionário ambulante.

Danilo dá a volta no carro e sobe, ligando-o e nos tirando dali.

— Você não deveria estar dirigindo — comento, brigando com o cinto de segurança. — Afinal, também bebeu.

— Eu sei que não. Mas, em minha defesa, bebi bem menos do que você, e em Morada do Sol, às 2h da manhã, não tem ninguém na rua para eu atropelar.

— Duas da manhã? — indago, assustada. — Duas horas da manhã e nós dois, os mais jovens do clube, fomos os primeiros a irmos embora?

Ele sorri de lado, mais uma vez, e passa os dedos pelo cabelo. Me seguro, pois a vontade que tenho é de fazer o mesmo.

— Para você ver. Eles têm mais pique do

que a gente. É capaz de assistirem ao nascer do sol.

— Por isso, eu amo esta cidade, é tudo tão diferente. Tão mais feliz.

— Isso é papo de turista. Quando voltar para a sua casa, vai se dar conta que aqui é monótono demais.

— Eu não contaria com isso. Neste exato momento, não quero pisar na minha cidade, tão cedo — murmuro — Por que mora aqui?

— Pode ser chato *pra caralho*, mas não me vejo em outro lugar do mundo.

Sorrio de forma verdadeira pelo jeito que ele fala. Danilo pode ser um babaca às vezes, mas estou começando a descobrir um coração bom soterrado.

— Por que se esconder? — questiona.

— Não estou me escondendo, ok, talvez um pouco. Estou tentando buscar novas aventuras e aproveitar mais a vida.

— Essas novas aventuras se resumem a quê?

— Um pouco de tudo — digo, e vejo que já estamos chegando. — É perto mesmo — comento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se importa se eu estacionar na garagem e depois te acompanhar até em casa?

— Não precisa me acompanhar, são alguns passos.

— Eu me sentiria melhor.

— Ok — digo, simplesmente, dando de ombros. — Adoro essa música — falo, sendo intrometida e aumentando o som. Acho que o vinho está me deixando mais corajosa.

— Velha infância — constata ele.

— Sim, sempre gostei, mas agora com a regravação da banda Melim, ficou ainda melhor.

— Deixa eu adivinhar, ama essa banda também?

— Você é insuportável, Danilo. — O filho da mãe apenas sorri.

— Quero te encher de beijos... — canta, e eu olho pela janela, para esconder o sorriso.

A caminhonete termina a volta na praça, juntamente com a música e, antes mesmo de pararmos em frente à casa vizinha da minha, ele aciona o controle no seu painel e o portão começa a se abrir.

PERIGOSAS ACHERON

Nossas casas são muito diferentes. Parecem terem sido construídas há muito tempo, porém, a de Danilo passou por uma reforma e tanto.

— Obrigada pela carona — agradeço, já descendo do carro, com um baita cuidado para não cair.

Ele faz o mesmo, dá a volta e, antes que eu me dê conta do que está acontecendo, sou prensada na lateral do carro e ganho um beijo de tirar o fôlego.

Tirar totalmente o fôlego.

No começo, me assusto, mas aos poucos meu corpo vai gostando, e circulo seu pescoço com os meus braços.

Sua língua me explora e não consigo organizar meus pensamentos. Nunca fui beijada assim antes. Nunca. Acredito que, nem mesmo, o sexo com Flávio tenha sido tão sensual e excitante dessa maneira.

“Você precisa viver a vida como se não houvesse amanhã, Babi. Faça o que tiver vontade. Se arrepender é melhor do que não ter feito.”

A voz do meu irmão aparece na minha

cabeça e decido não voltar atrás. Quero essa experiência.

Desço as minhas mãos, apertando as costas do homem e salivo ao sentir tantos músculos. Mas o meu delírio maior é quando chego à sua bunda.

NUNCA. APERTEI. A. BUNDA. DE. UM. HOMEM.

Não estou acreditando que estou fazendo isso. Para a minha sorte, antes que a vergonha me abata, Danilo me pega no colo. Rodeio sua cintura com as pernas e se antes eu já estava excitada, ter seu membro exatamente roçando na minha calcinha, está me levando à loucura.

— Você é deliciosa demais, professorinha, preciso te provar.

— Isso é algum fetiche? — questiono, enquanto ele caminha para dentro da casa, sem ao menos acender as luzes.

— Nunca fui obcecado por professoras, mas garanto que se eu tivesse uma professora como você, isso teria mudado. Gostosa!

Ele se senta no sofá e o atrito no meio das minhas pernas aumenta. Rebolo e vejo que isso o

deixa louco.

Céus, eu vou para o inferno.

Ficamos nos encarando por mais algum tempo, e começo a ficar desconfortável novamente. Será que devo?

Danilo parece perceber que algo está mudando, pois segura a barra do meu vestido e pede permissão com o olhar. Seu olhar carrega tanto desejo, que não consigo resistir. Aceno e resolvo ir até o fim.

Se for para eu me arrepender, que seja amanhã.



Babi

O frio me acorda e, antes de abrir os olhos, tento tatear em busca do meu cobertor, porém, minha mão entra em contato com algo duro.

Abro os olhos com cuidado e vejo Danilo dormindo pacificamente.

3,2,1 surto.

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! — resmungo, saindo da cama, como se ela pegasse fogo e, ao mesmo tempo, com cuidado para não o acordar.

Se eu me lembro de ontem? Claro que lembro e, o pior, nos mínimos detalhes. O problema: eu não estava raciocinando direito.

O vinho me deu coragem para vir para a cama desse homem que nem, ao menos, gosta de mim. Logo eu, que nunca beijei alguém que eu não gostasse.

Caminho pé ante pé, tentando achar meu vestido, ou melhor, minha calcinha. Puxo o lençol que está jogado no chão e me enrolo, tentando preservar o mínimo de dignidade. Quando chego à porta, sua voz grave me paralisa.

— Espero que esteja indo preparar o café.

— Eu não sou sua empregada — respondo, de forma petulante, e continuo indo para a sala.

Preciso sair daqui.

— Não quis dizer isso. Por que está brava logo cedo? — O homem se materializa bem atrás de mim, quase me matando de susto.

— Olha, Danilo... — Viro meu corpo e dou de cara com ele, nu. E completamente à vontade, me deixando totalmente desconcentrada.

— Estou olhando. — Cruza os braços

depois que eu fico uns minutos sem falar nada.

— É... eu preciso embora. Ontem...

— Ontem foi uma delícia. E você não precisa se envergonhar por isso.

— Quem disse que estou envergonhada?

— Seu rosto vermelho. — Ele dá um passo para frente e, eu, dois para trás.

— Como isso aconteceu? Ontem pela manhã estávamos brigando no portão e... Ai, meu Deus. Sua namorada. Como você teve coragem de me levar para a cama? Não acredito nisso.

— Primeiro — diz, segurando as minhas mãos que eu usava para tapar os olhos e me obrigando a olhar para ele —, quem brigou, foi você. Eu fui tentar ser gentil e você praticamente rosnou para mim. Segundo — fala, firme, quando abro a boca para retrucá-lo —, eu não tenho namorada alguma. A mulher que você viu ontem, é a Cristina, que trabalha no salão da minha mãe e veio trazer um recado e um documento. Só isso.

Olho para ele, desconfiada.

— Eu não tenho namorada, Barbara, e não curto esse lance de traição, então, tira isso da sua

cabeça, pois eu nunca te traria, ao menos, no meu carro, se eu fosse apaixonado por alguém. Agora... — deixa a frase no ar quando ataca a minha boca, puxando o lençol que está preso pelos meus antebraços, para longe —... vamos para o café da manhã.

Mal sabia que a refeição seria eu.



Abaixo a cabeça, o máximo que consigo, quase me fundindo ao muro para chegar à minha casa.

— Bom dia, menina Babi. — Levanto o rosto, no susto, e sorrio, sem graça, para o seu João.

— Bom dia. — Como que eu saí antes dele da reunião e esse homem já está sorridente, sentado na praça e, eu, como se um caminhão tivesse passado por cima de mim?

Porque você fez sexo a noite inteira, em vez de dormir — meu subconsciente responde a pergunta.

Não tem nada pior do que verem você saindo da casa de um homem, às 8h da manhã e

PERIGOSAS NACIONAIS

com a mesma roupa do dia anterior. Corro para dentro da minha casa, antes que apareça mais alguém e a situação fique constrangedora demais.

Tranco a porta, encosto uma cadeira para ter certeza de que ninguém entrará, e corro para debaixo do chuveiro.

Deixei Danilo exatamente fazendo o mesmo na casa dele, e sei que ele ficará irritado quando sair do banho e perceber que eu fugi.

Sim, fugi.

Por mais que a noite tenha sido alucinante, assim como o início da manhã, eu não poderia continuar lá. Elizabeth sempre me disse que o melhor do sexo casual é não criar vínculo. Pois bem, transamos e agora vamos voltar do início, como se nem nos conhecêssemos. Mesmo que isso seja difícil, em uma cidade tão pequena.

Tento bloquear as imagens da noite anterior, mas é impossível. IMPOSSÍVEL. Nunca senti nada parecido com o que ele me proporcionou. Eu já havia gozado na vida? Óbvio. Mais de uma vez em uma noite? Pouco provável. Várias vezes em uma noite só? Nunquinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O homem sabe usar a boca, as mãos, seu equipamento. Ou seja, fui saciada de todas as formas possíveis e inimagináveis.

Sei que não devo, mas não consigo pensar que minha vida vai ser dividida entre: antes de Danilo e depois de Danilo.

Como eu posso pensar em voltar com o Flávio e saber que nunca terei uma noite de sexo avassaladora como essa? Não tem como. Com meu ex-namorado, tudo sempre foi perfeito. Perfeito até demais. Arrepio-me em me lembrar de Danilo sussurrando palavras safadas no meu ouvido, enquanto me penetrava. Ou engolia o meu seio, me chamando de gostosa. Flávio NUNCA fez um sexo oral em mim. NUNCA. Ao contrário de mim, que sempre achei que era obrigação uma mulher fazer isso no homem. Na verdade, acho que eu devo agradecer. Meu ex não sabia nem usar a língua para beijar direito, imagine em outros lugares.

Estaco na frente do espelho, com os olhos arregalados pela minha revolta. Desde quando eu sei que Flávio tem tantos defeitos?

Só no meu último pensamento, detectei três. Egoísta, morno e chato.

PERIGOSAS ACHERON

Heitor estava certo. A lista a qual eu encontraria um homem perfeito me deixou cega. Cega para a minha própria felicidade. Caio sentada na cama, sentindo as primeiras lágrimas aparecerem.

Sinto-me órfã. Sempre ditei a minha vida pelas minhas listas, pela minha forma impecável de organização. Até agora eu não tinha sentido o verdadeiro peso, pois, para mim, essa viagem era apenas umas férias. Acreditei piamente, mesmo que não admitisse para mim mesma, que depois que eu voltasse, tudo voltaria ao normal. As aulas, meu namoro, as listas. Aceitei ficar esse tempo sem me programar, acreditando que quando eu retornasse, voltaria a ser a Babi de sempre.

Contudo, o que eu acabei de descobrir, é que essa Babi não pode mais existir. Vivi uma vida falsa até agora. Uma vida regrada por ilusões. Isso não pode continuar.

Com um peso enorme em meu coração, tomo uma decisão: daqui por diante, serei uma Babi completamente diferente. E em todos os sentidos.



— É logo ali — diz a garota, assim que atravessamos o portão do centro comunitário.

Logo depois do café da manhã, Sabrina bateu no meu portão, dizendo que me levaria à biblioteca. Não tive como recusar. Mesmo que eu tenha conseguido passar o domingo inteiro trancada em casa, em plena segunda-feira, seria difícil ignorar a vida aqui do lado de fora.

Acho que somente os livros para me libertarem da *autopiedade* que estou sentindo.

— ...antes era tudo velho, mas o tio Danilo consertou tudo.

Somente quando o nome de Danilo é citado que levanto os olhos.

— Ele consertou a biblioteca?

— Sim, na verdade, ele conserta tudo aqui na cidade. Minha avó diz que sem ele, já teríamos desmoronado.

— A dono da construtora que manda ele consertar tudo? — Tento parecer indiferente, mas estou muito curiosa.

— Na verdade, ele que manda nele mesmo — afirma a garota. — Chegamos. Bonita, não é?

Realmente, a construção é linda. Amarela e branca. Sabrina empurra a porta e deixa o assunto anterior morrer.

— Olá, dona Dorothy, trouxe uma amiga para conhecer a biblioteca.

— Oi, Sabrina. Seja bem-vinda, professora. — Nem me assusto mais ao saber que todos na cidade me conhecem. Será que tem fotos minhas coladas nos postes? — Trouxe um documento para fazer a carteirinha?

— Ah sim, claro. — Tiro a identidade do bolso da calça e lhe entrego.

Ela digita algo rapidamente no computador e me entrega um cartão magnético.

Tenho que confessar que isso me surpreende. Achei que pelo tamanho da cidade, aqui ainda seria como na minha época de escola, um papel-cartão em que era colocado o nome do livro, um carimbo e a data de entrega.

Sigo Sabrina para dentro do ambiente e me perco diante de tantos livros. As prateleiras vão do chão ao teto e sorrio cada vez que a menina diz o nome de algum livro que ela já leu. Vejo-me muito

nela nessa idade, e isso me encanta.

— Xi! — diz, assim que o sino da torre começa a tocar. — Preciso voltar para a casa para o almoço. Vamos?

Nem mesmo percebi que estávamos aqui há tanto tempo.

— Aqui fecha? Será que posso ficar mais um tempo?

— Claro. A dona Dorothy não fecha, pois, tem gente que vem apenas no horário do almoço.

— Obrigada, Sabrina. Você me deu um grande presente me trazendo aqui.

— Que bom. Até mais tarde. — Ela vai saltitando em direção à saída e eu volto a minha atenção para as prateleiras de mogno.

Puxo um livro e fico impressionada de ver algo tão atual da literatura na prateleira. O livro é Procura-se um marido, da autora brasileira, Carina Rissi, e acabo abrindo. Sem nem me dar ao trabalho de procurar uma cadeira, me encosto-me à prateleira e deixo-me ser transportada para dentro do livro.

Estou no meio de uma cena bem quente do

casal, quando sinto um sorriso na pele do meu pescoço.

— Poderíamos reproduzir essa cena, se não estivéssemos em público.

— Danilo! Você quase me matou do coração.

— Quero te matar de outra coisa. — Me vira e toma a minha boca para ele. O beijo só acaba quando o barulho do livro caindo ao chão me assusta.

— Você não pode sair me agarrando desse jeito.

— E você não pode fugir de um homem, enquanto ele toma banho.

— Eu não fugi. Apenas fui para a minha casa, já que tínhamos terminado... o que estávamos fazendo.

— Quem disse que tínhamos terminado? Eu estava apenas tomando um fôlego. — Seu sorriso se alarga e sei que o motivo é meu rosto estar vermelho, como um tomate. Já percebi que isso o diverte. — Vamos almoçar?

— Acho melhor não — começo a negar,

mas ele me puxa novamente para um beijo. — Para de ficar me beijando.

— Você não gosta?

— Danilo, o que aconteceu ontem...

— Não precisamos de explicações, Barbara, apenas, deixe rolar. Eu também não estava planejando me envolver com ninguém, mas gostei da nossa noite. Na verdade, mas do que deveria. A diferença entre nós dois, é que eu não tenho medo de viver e não preciso esconder o que estou querendo ou sentindo. Não tem problema em nos envolver.

— Pode me chamar de Babi, e não sei se a palavra certa para o que tivemos foi envolvimento. Estaria mais para uma noite casual.

— Acho que me enganei com você — diz isso e me dá as costas.

Abaixo-me para pegar o livro rapidamente e dou alguns passos, seguindo-o.

— Por que diz isso?

— Não achei que gostava de coisas casuais. Você não tem cara. Mas, se é assim que quer, vou respeitar. Tenha uma boa tarde.

PERIGOSAS NACIONAIS

Por que minha razão diz que eu fiz a coisa certa e meu coração pula freneticamente, gritando que acabei de fazer uma grande burrada?

— Corre. Ainda dá tempo de você alcançá-lo — diz Dorothy e fico envergonhada por ela ter ouvido. — Nunca vi Danilo falar assim com ninguém. Ele é um homem que vale a pena, vai por mim.

Uso seu conselho e corro porta afora. Só espero não estar me metendo em uma bela encrenca.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Quatorze



Babi

— Tem certeza de que você sabe o que está fazendo? Poderíamos ir até um restaurante ou na pousada da Carmelita. Ela serve almoço.

— Cala a boca, Danilo — respondo, irritada, ao abrir a panela e ver que o arroz queimou.

Por que quando minha mãe faz, parece tão fácil?

Nunca soube cozinhar. Isso é um fato. Mas achei que eu conseguiria, ao menos, me virar com

PERIGOSAS NACIONAIS

um arroz e uma omelete.

— Vamos comer só omelete mesmo — afirma ele e segura em meus ombros, me dando um sinal de conforto.

Sorrio em agradecimento, mesmo que eu saiba que ele está fazendo isso por solidariedade. Na verdade, acho que Danilo tem o coração muito maior do que eu esperava.



— Isso está uma delícia — diz, depois de algumas garfadas.

— Não precisa mentir.

— Você ainda vai aprender algumas coisas sobre mim, Barbara, e uma delas é que eu não minto — fala, de forma leve, mas sinto a sinceridade em suas palavras. — Está realmente bom. Se eu tivesse comendo aquele arroz ali da panela, com certeza, não estaria dizendo isso.

— Obrigada, então — digo, com sinceridade. Convidar alguém para almoçar e não conseguir fazer muita coisa, é algo que, com certeza, envergonharia a minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

— Cozinhar não é difícil, requer apenas um pouco de prática.

— Você cozinha? — questiono, curiosa, e mexo mais um pouco a comida do meu prato. Não sei dizer se estou com o estômago embrulhado por Danilo estar na minha frente ou pela comida não estar com a aparência tão apetitosa assim.

E olha que sempre fiz omelete. Na verdade, é a única coisa que sei fazer direito, mas hoje, nada funcionou.

— Sim. Moro sozinho desde os meus 18 anos. Então, aprendi a me virar. Não faço nada maravilhoso, mas me viro. Na verdade, eu até gosto.

— Eu queria gostar também. Mas nunca me interessei pela cozinha. Minha mãe sempre esteve no comando dessa parte e, quando morei sozinha, só pensava em estudar para concluir a faculdade logo.

— Você não precisa gostar de cozinhar, Barbara. Tem gente que não nasceu para isso, e não tem problema nenhum. Cada um nasce com um dom. Eu até me viro, mas 99% estou preparando alguma comida congelada, ou algo que minha mãe

PERIGOSAS ACHERON

me mandou.

— Se minha mãe soubesse onde estou, com certeza, estaria entupindo o meu freezer.

— Você está fugindo?

— Não! Não nesse sentido, pelo menos. Ela sabe que estou nesta cidade, mas acredito que não saiba direito onde está localizada. Eu mesmo, nunca tinha ouvido falar em Morada do Sol, até o ônibus quebrar na estrada.

— Vocês não estavam com sorte mesmo. É muito difícil caírem temporais como aquele aqui. Estava fora da cidade, entregando uns materiais. Quando passei e vi vocês na beira da estrada, imaginei que precisavam de ajuda.

— Muitas pessoas teriam passado reto. Você foi o nosso salvador. Mesmo que eu tenha batido a cabeça, umas dez vezes, na parte de trás da sua caminhonete.

— Achei que você tivesse vindo na van. — Me encara, com o cenho franzido. — O senhor que veio na frente, disse que as mulheres e as crianças já haviam sido levadas.

— Não. Os mais velhos e as crianças. Eu,

como não sou nem um e nem outro, fiquei para trás, com os homens.

— Deveria ter ido sentar-se na frente, então.

— Já passou. E continuo viva.

— Nunca que eu deixaria uma mulher na minha carroceria, com um monte de marmanjos.

— Falou igual ao meu irmão agora. — Sorrio.

— Então, a senhorita tem um irmão?

— Tenho. Na verdade, ele quem me fez sair nessa viagem louca. Heitor é irritante, na maior parte do tempo, mas eu o amo, de forma incondicional.

— Agora você disse exatamente como a minha irmã, só não sei se o amor é tão grande assim — brinca e eu fico um tempo fitando seus olhos.

Danilo está tão tranquilo hoje. Parece leve, descontraído. Não o idiota e arrogante, que ficou zombando do meu medo de rato.

— Ficou pensativa de uma hora para outra. — Encosta seu corpo na cadeira e cruza os braços para me analisar. — O que houve?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou pensando em você. Nos conhecemos há alguns dias e já tive duas impressões sobre você, arrogante e bruto, atencioso e divertido. Qual é o Danilo real? — questiono, mesmo que o bom senso me mande calar a boca.

— Não me acho arrogante, mas bruto, concordo, e já ouvi uma ou duas vezes as pessoas me chamando de atencioso, então, acho que vale também.

— Não é arrogante? Ficou rindo de mim, por causa do rato. — Levanto brava e tiro nossos pratos da mesa, levando em direção à pia.

— Em minha defesa — sussurra em meu ouvido, encostando seu corpo quente e grande às minhas costas —, eu fiquei nervoso em te ver te pijama e achei que te atacando com palavras, evitaria que eu atacasse a sua boca.

Minhas pernas amolecem e fecho os olhos, para lembrar... o que é mesmo que estávamos conversando?

— Eu jurei que manteria minhas mãos longes de você, Barbara, mas está tão difícil — assume e me vira, atacando a minha boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para a minha sorte, o mármore da pia é bem preso, pois Danilo levanta o meu corpo, me colocando ali. Na altura perfeita para atacar a minha boca.

— Você é irresistível — ele continua falando, mas minha mente está em branco. Não consigo formular nenhuma frase coerente. Isso piora, quando suas mãos buscam meus seios por baixo da roupa, com pressa. Minutos depois, me vejo nua, assistindo ao *strip-tease* mais irresistível da minha vida.

— Gostando da vista? — pergunta, me provocando.

— Adorando. Acho que ficarei olhando o resto do dia.

— Fica para depois. Preciso de você. Agora. — Me toma com seu jeito voraz e maravilhoso.

Sempre me senti normal com o meu corpo. Nada fora do normal. Danilo está tirando isso dos eixos também. Ele venera o meu corpo. Quando me penetra faz questão de afirmar o quanto sou linda, sexy, desejável e tudo mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei dizer se gozo pela intensidade de suas estocadas, ou por tudo o que ele fala no meio do sexo. Só sei que gozo com uma força tão incrível, que é impossível não sair de órbita.

Assim que ele se derrama dentro de mim, faço a pergunta que não quero dizer em voz alta: o meu coração acelerado é por conta do orgasmo que acabei de ter ou por quem o proporcionou a mim?

PERIGOSAS ACHERON



Babi

— Falem oi para a professora Babi.

— Oi — o coro de crianças faz meu sorriso se abrir.

Acordei cedo e animada hoje, para o início da tão falada colônia de férias. A parte mais gostosa de uma cidade pequena, é que todos os habitantes estão envolvidos com o projeto.

— Olá, para vocês também. Estão animados?

— Tia? — uma garotinha levanta a mão e

eu faço sinal para que ela fale. — Vamos ficar dentro da sala de aula, em plenas férias?

Olho em volta. O quadro verde. As mesas, cadeiras. Eu amo este ambiente, mas entendo o desespero das crianças.

— Na verdade, vamos sim, mas... — interrompo quando a reclamação começa a surgir —... vocês não vão escrever. Iremos apenas usar a sala para ensaiar uma peça de teatro.

No mesmo momento, o clima da sala muda. As crianças já se animam e começam a falar, todas juntas, correndo ao meu encontro e abraçando as minhas pernas. Não consigo conter o sorriso. É gratificante ver a animação delas e isso afeta diretamente o meu coração. Não é que eu não goste dos meus alunos de Itaporã, pelo contrário, eu os amo, porém, alunos mais velhos não demonstram tanto seus sentimentos.

Queria ter esse contato e essa animação diariamente — confesso para mim mesma a minha mais profunda frustração.

— Tia, eu trouxe para você. — Um menino de óculos se aproxima, com um embrulho pequeno nas mãos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lá vem o puxa-saco — comenta Sabrina.

— Não fale assim, Sabrina. Pode vir até aqui. Como é o seu nome?

— Flávio.

Ok, Babi. Nada de comparar o menino com o idiota do ex.

— Muito obrigada, Flávio. Deixe-me ver o que é. — Tiro o papel de presente e me surpreendo.

— Uma coruja. Que linda. Eu amo corujas.

— Eu sabia, por isso minha mãe comprou.

— Como você sabia?

— O tio Danilo disse que na sua casa tem várias coisas de corujas.

Coro violentamente, ainda mais por ver Estela, a coordenadora da colônia, tentando esconder o sorriso.

Antes, eu era o assunto da cidade, porque tinha acabado de chegar, agora, sou porque estou saindo com o Danilo.

— Ah, que legal. Eu tenho mesmo. Comprei vários produtos de artesanato na pousada da Carmelita. Danilo viu, porque foi matar um rato

PERIGOSAS ACHERON

lá em casa, outro dia.

— Um rato? — Sabrina grita, fazendo as crianças gritarem em uníssono.

— Calma, calma. Não tem rato nenhum aqui. E o de casa, já foi embora também. — Muito obrigada, Flávio. Eu amei o presente. Vamos arrastar as mesas e nos sentar no meio da sala, em uma grande roda?

Eles me obedecem de forma encantadora.

— Você realmente leva muito jeito. As professoras normalmente faltam perder os cabelos para colocar ordem na sala. Deixarei você com eles, e vou cuidar do lanche de mais tarde. Ah! Babi, você e o Danilo são solteiros, você não deve explicação para ninguém, ok? — Com um sorriso sincero, ela sai, antes que eu possa responder algo.

Não sei o motivo, mas em vez de sentir vergonha, estou feliz, por estar em uma cidade que não está me julgando, mesmo que um cuide da vida do outro.



— Como foi hoje?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maravilhoso, Carmelita. As crianças amaram a ideia do teatro, não vejo a hora de colocar a mão na massa.

— Estou feliz que esteja feliz. Posso estar errada, mas não vejo mais aquele olhar opaco de quando chegou.

— Não está errada. Os dias estou passando nesta cidade, tenho aprendido mais sobre mim do que a vida toda.

— Você não sabe como fico feliz em ouvir isso. Desde o dia que chegou, eu soube que tinha muito mais aí dentro do que você conhecia.

— Obrigada por ter insistido para que eu ficasse. O congresso não teria o mesmo efeito que Morada do Sol está tendo em mim.

— A cidade tem esse dom. E alguns moradores também.

— Não entendi.

— Vai me dizer que Danilo continua sendo um chato, que você quer jogar pela janela?

Lá se vai a privacidade.

— Estamos nos conhecendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dorothy comentou que estiveram na biblioteca, então, acho que estão se conhecendo de um jeito bem íntimo.

— Somos apenas amigo — afirmo, morrendo de vergonha, por pensar nas partes íntimas dele.

— Não há mal nenhum namorar, querida.

— Acabei de sair de um relacionamento, Carmelita. Não estou pensando em namoro tão cedo.

— Se você diz, eu acredito. — O sorriso em seus lábios diz totalmente o contrário. — Preciso que me acompanhe até a pousada. Chegou uma encomenda para você.

— Devem ser as roupas que pedi para o meu irmão. — Agradeço mentalmente a mudança de assunto.

— Acredito que sim. Vamos? Aproveito e faço um café para conversarmos.

Aceito seu braço e caminhamos lentamente pela cidade. Carmelita cumprimenta as pessoas por onde passa. Demoramos uma eternidade para atravessar a praça, mas não me importo. O dia hoje

PERIGOSAS ACHERON

foi tão gratificante, que não desejo voltar e me trancar em meu quarto, como faço todos os dias, quando as minhas aulas terminavam, nos últimos anos.

Sempre tive uma vida social, é claro. Não costumava ver Flávio ou Elizabeth durante a semana, por conta dos horários diferenciados de trabalho. Mas, nos finais de semana, normalmente saíamos para comer algo. Aqui parece tudo diferente. Ninguém parece ligar se é segunda, quarta ou sábado.

— Aqui está, querida. — Carmelita aponta para as caixas e eu balanço a cabeça, incrédula.

Pedi meia dúzia de peças e o louco deu um jeito de mandar o guarda-roupa inteiro. Puxo a fita de uma delas para espiar o que tem dentro e acho estranho por não ver roupa.

— Tem mais duas ali no canto da sala.

— Obrigada, Carmelita. Eu acho que meu irmão acredita que nunca mais vou voltar para casa.

— Sorrio, sem graça, ao constatar isso.

— Isso seria ótimo. Não seria?

Apenas sorrio, com medo de prolongar o

assunto e perceber que eu também comece a achar ótimo. Tenho até medo de pensar sobre isso.

— Carmelita? — Ouço o grito vindo da entrada e meu corpo no mesmo momento se arrepia.

— Entre, Danilo. Estamos aqui na sala.

— Oi... oi, Barbara. — Sempre corrijo as pessoas, para que me chamem apenas de Babi, mas tem algo no timbre de voz de Danilo quando pronuncia o meu nome, que gosto. Acho ótimo sentir o arrepio que toma conta do meu corpo toda vez que ouço meu nome saindo desses lábios deliciosos.

— Oi, Danilo.

— O que precisa, Carmelita?

— Que ajude Babi com as caixas.

— Não precisa. — Coro de vergonha. — Posso levar nos braços mesmo. É pertinho.

— Nada disso. Danilo sempre me ajuda quando preciso levar livros ou doações para o centro comunitário. Você não se incomoda, não é, meu filho?

— Claro que não.

— Ótimo. Vou pegar um chá. Já volto.

Caminho até o outro lado da sala, para pegar a outra caixa e, quando me viro, sou prensada na parede mais próxima.

— Mas... — Não consigo concluir a frase. A boca de Danilo me devora e não tenho forças para nada. Minhas pernas amolecem e a caixa que estou segurando cai com um estrondo, me assustando. — O que foi isso? — questiono, empurrando seu corpo.

Não consigo deixar de admirá-lo. Danilo veste uma camiseta branca de algodão simples, que está um pouco suja no momento, calça jeans, botas pretas e um cinto de ferramentas preso à cintura, sem muitas peças. Não sei como ele consegue, mas está completamente irresistível.

— Peguei meu pagamento antecipado pelo transporte.

— Você não disse que tinha que pagar, senão eu teria recusado — provoco, abaixando-me para pegar o que se espalhou.

— Teria é? — Percebo o sorriso em sua voz, mas prefiro não o olhar. Meu coração começa

a se apertar quando olho para os papéis jogados.

Sem querer, uma lágrima me escapa e tento juntar tudo o mais rápido possível, segurando firme um bilhete com a letra de Heitor.

— Barbara? Barbara, o que foi? Babi? —
Paro, quando sua voz se aproxima e o tom delicado nela chamando o meu apelido, me faz desabar de vez.

Cubro o rosto com as mãos e choro.

— O que houve? — Carmelita pergunta, seguida de um barulho que acredito ser a bandeja com o chá sendo colocada de qualquer jeito na mesa.

— Não sei. Essa caixa caiu e ela ficou assim — Danilo conta e seus braços me puxam para si.

— Oh! As Listas de Babi — Carmelita diz e eu choro mais ainda. — Não fique assim, querida. O passado já foi.

— Listas?

— Danilo, leve Babi em um lugar especial. Ela está precisando de ar puro.

Eles falam como se eu não estivesse aqui, e
PERIGOSAS ACHERON

talvez eu realmente não esteja. Sinto-me de volta aos meus 13 anos de idade. Heitor enviou o livro com algum propósito, sei disso, mas não consigo saber qual é.

— Vou levar. Vem, Barbara. Vem comigo. Carmelita, depois volto para buscar as caixas.

— Sim. Leve isso. Acho que ela vai querer.
— Entrega algo para Danilo, que eu não faço questão de saber o que é.

Não consigo levantar os olhos. Sei que devo desculpas à minha amiga, mas no momento, não consigo falar nada. Deixo Danilo me levar, colocar dentro da caminhonete, e depois dirigir até os arredores da cidade. Observo que nunca vim para este lado.

Sei que ele me olha de tempos em tempos, mas não consigo encará-lo. A verdade é que eu achei que estava mais forte. Mas não estou.

“A mãe e eu resolvemos fazer uma limpeza no seu guarda-roupa. A ideia foi minha, não brigue com ela. Eu ia jogar fora tudo isso, mas ela puxou a minha orelha e disse que era melhor você

pensar sobre isso. Como estamos no período de recomeço, achei melhor já enviar e você dar um fim... quer dizer, uma finalidade para isso tudo.

Com amor, Heitor.”

Danilo abre a porta no exato momento que eu termino de ler o bilhete amassado na minha mão.

— Obrigada — digo e continuo segurando a sua mão, mesmo depois de descer do carro.

Vejo que ele carrega na outra mão a mesma caixa que me fez chorar, e agradeço Carmelita por isso. Mesmo sem eu saber que precisava, ela soube. Preciso dar um fim nisso.

— Aqui é o meu lugar preferido do mundo.

Levanto os olhos e me parece faltar o ar.

Estamos em um penhasco lindo. Acho que lindo não chega nem aos pés da verdadeira definição.

O verde musgo cobre as montanhas que se espalham ao redor. Um vale se estende por mais do que meus olhos conseguem alcançar e as rochas têm uma altura que não consigo dimensionar. O PERIGOSAS ACHERON

lugar é lindo. Tenho a sensação de estar no fim do mundo. Ou no começo, não sei.

— É lindo.

— Sinto como, se aqui, eu conseguisse conversar comigo mesmo, sem precisar ser ou fingir nada. Como se eu falasse com Deus e com o meu interior — Danilo fala, em voz baixa e bem devagar, como se nunca tivesse pronunciado tais palavras em voz alta.

A sensação que eu tenho é exatamente essa.

— Foi por isso que me trouxe aqui? Para falar comigo mesma?

— Se você quiser, sim. Mas se quiser um amigo, estarei aqui também. Você quer que coloque isso no carro? — diz, se referindo à caixa.

— Não! Eu preciso dela.

O seu semblante diz que não entende como, sendo que eu estava chorando por ela, há minutos, no entanto, ele não discute e estende o objeto para mim.

— Vamos nos sentar?

Aceno e ele segura a minha mão, para caminharmos um pouco para o lado esquerdo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Entramos em uma espécie de caverna e, assim que encontramos a luz do dia pelo outro lado, perco o ar mais uma vez.

O sol brilha à nossa frente e um tapete de grama se estende até uma árvore enorme, com uma copa robusta.

— Sente-se aqui. — Aponta para o lugar à frente onde ele mesmo acabou de sentar.

— Não sei nem por onde começar. — Coloco a caixa no colo e rolo os dedos pela grama macia. É tudo tão perfeito, que se parece mais com o cenário de um filme.

— Conte apenas o que se sentir confortável.

Medito durante uns minutos. Por mais companheiro que Flávio foi, nesses últimos anos, ele nunca foi um amigo do qual eu poderia dizer tudo o que sempre senti.

Conversávamos muito, claro. Mas tudo que envolvia o meu serviço ou o dele. A família. Notícias esporádicas. Pode ser loucura, pois conheço Danilo há pouco tempo, mas tenho a sensação de que se eu passar três horas aqui falando, ele me escutará. De verdade.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não precisa fazer isso.

— Não preciso, mas eu quero. — A sua voz firme e seus olhos castanhos são o convite que eu preciso para me abrir.

— Quando eu tinha 13 anos, li este livro. — Levanto o livro antigo de capa rosa e mostro a ele. — A mocinha era uma pessoa totalmente organizada e anotava tudo em listas. Tudo mesmo. Não é à toa que o título é A Minha Vida em uma Lista. Para ela, deu tudo certo. Cada passo. Acabei desejando que isso acontecesse comigo também. Na época, o meu pai pegava muito no pé do meu irmão, com falta de organização e essas coisas. Dizia que uma pessoa organizada valia por mil.

— As listas não funcionaram para você? — pergunta ele, depois de um tempo de silêncio meu, em que me perdi no passado.

— Sim. Até demais — digo e tiro a primeira lista. — A primeira que fiz, segui à risca tudo e, depois disso, a coisa começou a evoluir. Eu fazia listas e mais listas. Minhas gavetas eram forradas de agendas, blocos de notas e tudo mais. Eu não dava um passo, sem antes olhar se aquilo tinha sido previsto tempos atrás. Foi por isso que

conheci o Flávio.

— Que seria?

— Meu namorado.

— Namorado? — diz, se distanciando, com o choque estampado no rosto.

— Não! Ex-namorado. Desculpe. Cinco anos o chamando assim. Tem horas que escapa.

— E por que você está aqui e não com ele, Barbara? O motivo do choro é o rompimento?

— Sim e não.

— Seja mais clara, por favor. — A ansiedade em sua voz é visível. Danilo está achando que eu o enganei e sinto a necessidade de explicar isso o mais rápido possível.

— Como eu já disse, eu tinha várias listas. Mas havia uma principal. Exatamente essa que fiz, há mais de dez anos — digo e entrego a ele, para que leia.

16 anos – primeiro namorado;

18 anos – faculdade;

19 anos – primeiro emprego;

20 anos – primeiro porre;

25 anos – apresentar o namorado perfeito para a família;

30 anos – casar;

32 anos – ter um filho;

35 anos – viajar para a Itália;

38 anos – abrir uma escola de ensino infantil;

45 anos – comprar uma chácara afastada de tudo para a velhice.

Ele lê tudo com a voz neutra e não consigo saber o que está pensando.

Será que está me julgando por ser tão idiota?

— E ela seguiu até onde? Pelo que parece, você ainda não tem 45, para ter cumprido todos os requisitos.

— Na verdade, o último que cumpri foi apresentar o namorado para a família. Fiz 30 anos, no sábado anterior ao dia que você me resgatou naquela estrada, não tenho mais um namorado para

cumprir o item de número 6. Metade da lista.

— E por que você disse que foi a lista que trouxe o seu namorado, e qual o motivo de não poder cumprir o próximo? Ele morreu?

— Não! — Levanto os olhos e encaro Danilo, percebendo o quanto ele está tenso. Seus ombros e seu maxilar dizem isso. — Ele só... não quer se casar comigo.

Fito o horizonte e penso que minha vida está assim, sem caminhos. Só um papel em branco à minha frente.

— Ele é um verdadeiro idiota. E não acho que mereça suas lágrimas.

Acabo sorrindo em agradecimento. Sei que essa é a frase padrão, para quem escuta o outro dizer que tomou um pé na bunda, mas sou grata, mesmo assim. Só de ele estar aqui, me ouvindo, já é algo muito importante.

— Acredite, o problema não é ele, sou eu.

— Ah não. Essa frase batida você não precisa dizer para mim.

— Mas é a verdade, Danilo — digo e me viro em sua direção, limpando as lágrimas para

PERIGOSAS NACIONAIS

encará-lo. — Eu nem sei te dizer se realmente amava o Flávio, ao ponto de querer me casar com ele.

— Você não está fazendo muito sentido.

— Minha amiga, Elizabeth, me disse e eu custei a acreditar, mas acho... que estava apenas querendo cumprir a minha lista, entende? Meu aniversário estava chegando e eu precisava casar, aos 30 anos. Isso é ainda pior, quando se fala em voz alta — resmungo, voltando a fechar os olhos.

Não consigo acreditar que finalmente me dei conta disso. Ou melhor, que finalmente aceitei isso. A verdade, é que estou com medo.

— O que exatamente essas listas significam para você? — pergunta ele, com cuidado.

Encaro a caixa e levanto algumas, olhando atentamente cada item riscado; alterado ou circulado.

— Segurança.

— E você acha que só consegue viver com isso?

— Eu não sei. — Minha voz transmite a falta de confiança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, volte para lá, sacuda-o até cansar e o convença a se casar com você.

— Você está me dizendo isso mesmo? — Atônita, olho para Danilo, que olha para frente, sem me encarar.

Não é que eu esperasse que ele me puxasse para si e me pedisse em casamento, mas estamos transando, e ele simplesmente diz para ir atrás de outro.

— Não gostei de ver o estado que ficou na pousada, Barbara. Se você é tão dependente dessas listas, faça o que tem que ser feito. Sou a favor de irmos atrás da felicidade, independente de quanto isso nos custe.

— E você acha que serei feliz, se cumprir a minha lista?

— Isso é você que tem que dizer para você mesma.

Como se fosse um filme, os últimos anos passam pela minha cabeça. Flávio sempre foi um bom namorado? Claro que foi. Mas se levar em conta todas as comparações que fiz nos últimos dias, o meu relacionamento com Danilo tem muito

PERIGOSAS ACHERON

mais sentimento, do que nos nossos últimos meses. Mesmo levando em consideração que entre o homem ao meu lado e eu, não existe relacionamento amoroso nenhum.

— Eu não quero mais — afirmo, depois de um minuto de silêncio.

— O quê?

— Viver em função das minhas listas. — O gosto amargo da minha afirmação paira em minha boca, mas não vou voltar atrás.

— Tem certeza?

— Tenho. Não tem problema nenhum em fazer listas, mas não posso parar de viver, quando algo dá errado. Flávio não era para fazer parte da minha vida e ponto final. Posso reescrever sempre meus itens. — Assusto-me com a forma como meu subconsciente aceita rápido a nova ideia.

Na verdade, acho que ela sempre esteve aqui, eu só não queria dar voz à minha razão, por ter vivido muito tempo presa em um mundo que eu julgava ser perfeito.

— E o que você pretende fazer? — Novamente, Danilo fala devagar e baixo, como se

estivesse com medo que eu volte a chorar, a qualquer momento.

Sem responder a sua pergunta, levanto-me e caminho alguns passos, até estar à beira no penhasco e, exceto o livro e a lista definitiva que tirei da caixa para mostrar para Danilo, viro a caixa, deixando todos os papéis em queda livre. O vento brinca com alguns deles, os levando para longe de mim.

— Você é uma garota muito corajosa — elogia, se posicionando atrás de mim, com as mãos em meus ombros.

— Não tanto. Mas não quero mais me prender ao passado. Vou focar no futuro. — Mesmo com o rosto banhado por lágrimas, eu sorrio.

— Quer ir para casa?

— Na verdade — me viro em seus braços e fico na ponta dos pés, para alcançar a sua boca —, gostaria de fazer mais uma coisa, para selar esse recomeço.

— E o que seria? — pergunta, com os olhos brilhando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Alguém pode aparecer aqui? — Mordo o canto da boca e vejo o seu sorriso safado.

— Não. Estamos isolados do mundo.

— Isso é muito bom para o que tenho em mente.

— Espere — diz, mexendo no celular, e a música Velha infância, cantada pela banda Melim começa a tocar, fazendo meu sorriso se alargar. — Agora, sim, estou ao seu dispor. — Abre os braços para dar ênfase ao que disse e isso é a minha perdição.

— Você é assim, um sonho pra mim... — canto, colando os nossos lábios. — Meu riso é tão feliz contigo...

Alcanço seus lábios e fico louca quando ele me deixa no controle. Desço a minha boca pelo seu corpo e fico de joelhos à sua frente.

Não sei explicar o que tenho de diferente com o Danilo, mas é tudo muito mais intenso. Pode ser que seja o meu desejo de viver de forma diferente ou o meu *pause* na vida real, mas, com ele, sou um tipo de mulher que nunca fui. Um tipo ousada, destemida e corajosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você vai me matar, Barbara — diz, com a voz rouca e, para a minha infelicidade, me puxa para cima.

Não consigo pensar muito, Danilo senta e me puxa para o seu colo, puxando a minha calcinha para o lado e me penetrando, primeiro com seus dedos, depois com seu membro delicioso.

Os sons dos nossos gemidos se misturam e eu não sei que horas a vida real virá me acordar. Só espero que não seja tão cedo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo Dezesseis



Babi

— Só mais um pouquinho.

— Não. Acorda. Tem alguém te chamando.

— Empurro um pouco mais o seu ombro e me levanto, procurando minha calcinha.

— Manda ir embora. Nem dormi ainda.

Rio baixinho, pois é verdade. Nunca vi um homem com tanto apetite sexual. Estamos parecendo dois coelhos.

O som da campainha me faz voltar à vida real e Danilo parece acordar de vez.

— Droga!

Coloco minha calcinha e puxo o vestido pela cabeça rapidamente. Observo meu... *amigo*? O que será que nós somos? Enfim, observo Danilo vestindo uma bermuda sem, nem mesmo, colocar a cueca e fico salivando, só de vê-lo arrumando seu equipamento dentro do tecido.

— Se continuar me olhando desse jeito, não atenderei quem quer que seja.

— Não viaja. Não estava olhando nada. — Sorrio, sem graça, por ter sido pega no flagra e viro-me de costas para que meu olhar de cobiça não o atrapalhe, já que a campainha voltou a tocar.

Procuro pela minha bolsa e a vejo no canto, junto com a caixa das listas. Isso me faz lembrar que preciso ir até a Carmelita.

— *Você precisa correr. Está todo mundo ajudando.* — Ouço a voz feminina aflita da sala e corro para lá, temerosa pelo o que possa ter acontecido.

— Como que o fogo começou, mãe?

Quase derrapo quando escuto Danilo dizer mãe, mas já não tem mais jeito, dona Georgina está

de frente para o corredor e já me viu.

— Bom dia, Babi. Desculpe acordar vocês. A igreja está em chamas. Precisamos de toda ajuda possível.

— Vou pegar uma camiseta. — Danilo corre para o quarto e eu fico ali, parada. Não sei se estou mais nervosa pelo fogo, ou pela mãe de Danilo saber que dormi aqui.

— Não precisa ficar evitando meu olhar. Estou muito feliz por vocês estarem juntos.

— Nós não...

— Vamos! — Danilo reaparece, afoito, e nós o seguimos porta afora.

— Vou passar em casa para colocar uma calça. Acho que fica mais fácil de ajudar.

— Tudo bem. Te encontro lá. — Ele deposita um beijo suave nos meus lábios e sinto até a ponta das minhas orelhas ficarem vermelhas.

Não espero nem o portão automático abrir totalmente, corro para a minha casa e faço exatamente o que falei. Coloco um jeans, uma camiseta e um par de tênis. Corro pela praça e não demoro em ver as chamas tomando conta do

PERIGOSAS NACIONAIS

telhado da linda igreja. Carmelita já tinha me contado que estava em reforma. O que pode ter acontecido?

Contorno os carros parados e creio que a cidade inteira deva estar aqui. Não há caminhões de bombeiros, mas tem mangueiras esticadas vindo de todos os estabelecimentos ao redor.

— Alguém se machucou? — questiono, para ninguém em específico, mas para a minha infelicidade, quem responde é a loira que estava com Danilo na semana passada.

— Não. O padre correu para fora quando escutou o primeiro estrondo. Você é a nova vizinha do Danilo, não é?

— Sou sim. — Olho em volta para ver se acho Carmelita, mas não. Parece que todos os homens da cidade estão aqui e meu coração quase para quando vejo Danilo saindo lá de dentro, todo cheio de fuligem.

— Precisamos de mais água — ele grita, jogando a chave da caminhonete para um homem.
— Vá buscar os tonéis no galpão.

— Sim, chefe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Chefe? — questiono baixinho.

— Sim, chefe. Danilo é dono da empresa e emprega a grande parte dos homens da cidade. O melhor partido da cidade. Não é à toa que sempre tem uma pretendente pulando em sua cama, querendo passar a mão no patrimônio todo.

Fico pensando nisso e nada faz sentido para mim.

O dia que ele entrou em casa, disse que trabalhava para a construtora, não que era dono. Passamos tanto tempo conversando ontem. *Tá*, não tanto assim, mas acredito que esse não é um assunto que passe despercebido. Ele sabe tudo da minha vida e eu acabei de saber que não sei absolutamente nada sobre o homem que está conquistando o meu coração.

— Vamos se afastar pessoal — grita ele e todos ficam em silêncio para escutar. — As tintas estão nos fundos, e a igreja pode explodir, a qualquer momento.

— Podemos ajudar em algo? — pergunto, deixando as dúvidas para outro momento. Agora é a hora de me unir às pessoas desta cidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou tirando o que ainda não foi atingido pelo fogo e deixando aqui na frente. Se vocês puderem levar ao centro comunitário, será de grande ajuda.

Aceno e me uno as outras mulheres, fazendo uma oração interna para que o fogo seja controlado.

— Cheguei, querida. — Carmelita toca o meu ombro e me ajuda a pegar uma caixa com livros bíblicos.

— Pode deixar que eu carrego.

— Eu ainda sou muito forte, meu bem.

Sorrio e continuamos andando. Na volta, observo Danilo ir com mais dois homens e baldes para dentro da construção e não consigo segurar a língua.

— Carmelita, é verdade que Danilo emprega a maioria dos homens da cidade?

— Sim. Ele comanda a empresa da família, por quê?

— Nada. Eu... não sabia.

— Não coloque caraminholas na sua cabeça. Ele possivelmente não te contou, pois não
PERIGOSAS ACHERON

surgiu o assunto. Danilo não gosta de se vangloriar. Venha. Depois que isso passar, vocês conversam.

Deixo o assunto de lado. Não sei dizer o motivo de estar incomodada, mas estou.

Será que Danilo não me contou com medo de que eu seja uma aproveitadora?

Capítulo Dezessete



Babi

— Abaixa mais a câmera, não estou conseguindo ver.

— *Como não? Está cega? Olha o roxo aqui.*

Forço os olhos para a tela do celular, mas a única coisa que consigo ver é o final das costas do meu irmão.

— Acho que a conexão está ruim, não estou vendo nada de anormal.

— *Isso porque você defende a Elizabeth,*

até o fim. Ela ficou brava por eu ter te mandado as listas. Quando virei as costas, jogou sei lá o que em mim. Ela é louca. Louca.

— Vocês dois são, que novidade há nisso? Ainda aposto em um romance.

— *Isso não é coisa boa de se escutar, da pessoa que você mais ama no mundo.*

— Desde quando sou a pessoa que você mais ama?

— *Assim você fere meu coração, Babizinha. Você sabe que é a mulher da minha vida.*

Sorrio, balançando a cabeça para Heitor. Ele é um maldito manipulador. Quando quer algo, sempre faz esse tipo de comentário.

— Diga logo, o que quer?

— *Mais tarde eu te ligo. Você tem visita.*

— O quê? — Franzo o cenho e Heitor aponta.

Giro a cabeça e dou de cara com Danilo, com cara de poucos amigos, encarando a tela do meu celular.

— É o meu vizinho enxerido que gosta de

PERIGOSAS NACIONAIS

entrar sem bater. Depois nos falamos, então, e vê se para de brigar com a Beth. Beijos. Te amo.

— *Te amo mais. Tchau.*

Encerro a chamada de vídeo e jogo o celular no sofá, me virando para Danilo.

— Está tudo bem com o padre?

— Sim. Graças a Deus, ninguém se machucou.

— Isso é bom.

— Vi que você não ficou muito na praça.

— Ajudei com as caixas, depois passei alguns baldes para os homens, mas assim que as chamas se apagaram, vim tomar um banho. Você está bem?

— Sim. Esse é o tal Flávio?

— Quem? — questiono, com os olhos arregalados.

— O cara do celular.

— Não! É o Heitor, meu irmão.

Vejo que seus ombros relaxam e, se não fosse a dúvida que está tirando a minha paz, eu até acharia graça.

PERIGOSAS ACHERON

— Então, você é o dono da casa onde estou morando? — indago e ele parece não perceber o meu incômodo, pois senta-se no sofá de dois lugares e tira suas botas sujas de fuligem.

— Na verdade, a construtora é dona.

— E você não é dono da construtora?

— Sim.

— Então, não é a mesma coisa?

— Acho que sim. — Dá de ombros e isso me irrita novamente.

— Por que não me disse logo no primeiro dia?

— O quê? — Não respondo. Cruzo os braços e o encaro. Ele solta um suspiro e se ajeita. — Você não perguntou.

Na verdade, eu não sei o motivo por estar brava, mas estou. Muito brava. Aquela vaca parece saber mais do cara que estou saindo, do que eu, e isso acabou com o meu bom humor. Além de insinuar que eu só estou com ele por interesse.

— Claro que perguntei. Quis saber por que você tinha a chave daqui, a mesma que você acabou de usar para entrar novamente. E você

PERIGOSAS ACHERON

afirmou que o motivo era cuidar das casas.

— E isso é verdade. Não estou entendendo seu histerismo.

— Eu não estou histérica.

— Olha, Barbara, aquele dia, você perguntou se eu trabalhava na construtora, respondi que sim, pois é isso que eu faço. Sou engenheiro civil. Ralo dia e noite, para que a empresa não afunde e meu pai possa esfregar isso na minha cara, então, se estava esperando eu dar um de metido a besta e falar que era o dono, isso infelizmente nunca ia acontecer, não costumo querer impressionar mulheres assim.

— Quem ouve você falando, acha que estava querendo me impressionar.

— E realmente estava. — Rola os olhos. — Já te disse que te ataquei porque, na verdade, queria atacar a sua boca, desde o momento que Carmelita foi até o escritório dizer sobre você. Não queria, mas não teve como resistir. Parecia que tinha algo puxando você para mim.

Danilo se levanta e cada passo que ele dá em minha direção, meu peito parece que vai

explodir, devido às batidas rápidas do meu coração.

— Eu... isso aqui não está indo rápido demais? — pergunto, em um fio de voz, quando ele encosta sua testa na minha, fechando os olhos em seguida.

— Está, mas quer saber? Eu não me importo. Sei que vai embora em pouco tempo, então, estou vivendo o hoje, sem pensar no amanhã, topa fazer isso comigo?

Não ousou abrir os olhos. Deixo um suspiro escapar e digo em voz alta, o que meu coração já tinha aceitado:

— Topo.

Meus lábios são tomados de forma voraz. Danilo mal sabe, mas nunca conseguirei voltar para a minha cidade e fingir que nada disso aconteceu. Aprofundo o beijo e me deixo ser carregada para o banheiro, para outro banho.

Desde que ele esteja comigo, não pensarei no dia de amanhã.



— Então, você é o bom samaritano da
PERIGOSAS ACHERON

cidade?

— Eu tento. A cidade é pequena, se eu continuasse a trabalhar na capital, apareceria oportunista o tempo todo, querendo tirar a paz dos moradores, por isso, voltei.

— E se isso te faz feliz, por que você está com essa carinha triste?

Estamos jogados na minha cama, depois de mais uma rodada deliciosa de sexo. Se as beatas da minha cidade sonham que transei mais nos últimos dias, do que meu namoro inteiro com Flávio, serei o assunto principal das rodinhas.

— A empresa, na verdade, é do meu pai. Só que um dia, ele caiu de um andaime e sua coluna sofreu uma lesão.

— Oh, meu Deus.

— Não precisa se preocupar. Não afetou a sua saúde, porém, ele ficou impossibilitado de trabalhar. Teve que passar o comando para as minhas mãos, e isso não o deixou feliz. Quando contratei um gerente para cuidar da filial da capital, achei que ele teria um enfarto. Para o meu pai, era inconcebível eu criar raízes em uma cidade tão

pequena, sendo que poderia alcançar o mundo. Ele dizia que esta cidade é apenas para descansar, depois de curtir a vida, como ele fez, não aceita que gosto daqui. Desde então, ele está esperando um deslize meu, para jogar na minha cara a burrada que fiz, voltando a morar aqui.

— Ele deve estar pensando somente no seu bem — digo, passeando lentamente os dedos pelo seu peito desnudo.

— Sei que sim. Mas isso não diminui a rixa entra a gente.

Aceno, sem saber o que falar. Conheci os pais de Danilo no dia do clube e, pelo o que percebi, o pai é bem fechado, mas nunca imaginei que a relação dele com o filho fosse ruim.

— Por que cursou Engenharia Civil? — questiono, com a vontade de saber tudo sobre ele.

— Vanessa sempre amou bonecas. Minha irmã — explica, quando eu o encaro, com a pergunta no olhar. — Como só tínhamos um ao outro, eu construía casas de caixa de sapato para as suas bonecas. E, assim, brincávamos juntos, mesmo que cada um gostasse de um tipo de brincadeira. Sempre foi mágico ver algo ganhar forma. Tirar um

PERIGOSAS ACHERON

sonho do papel. Meu pai não se formou em Engenharia. Herdou a empresa do meu avô e sempre fez a parte braçal. Queria muito que com a minha formação, eu chegasse mais longe que ele. Acho que esse é o real motivo de ele não aceitar a minha volta para Morada do Sol.

— Fico feliz que tenha voltado. E fico feliz por ter tido a chance de te conhecer. Acompanhei hoje você lutando contra as chamas para salvar a igreja. Todos comentam como você é solícito, até mesmo para ajudar uma senhora a levar as sacolas para casa. Seu pai pode não falar, mas tenho certeza de que ele tem muito orgulho do homem que você se tornou.

Seus olhos marejam e isso é a minha resposta. Carmelita está certa, uma boa conversa coloca tudo no lugar.



Babi

— Vou levar a última caixa. Fique para passar um tempo com Carmelita. Até mais tarde. — Me surpreendo com um beijo suave nos lábios. — Até mais, Carmelita.

Fico estática e morrendo de vergonha.

Minha amiga sorri e me pega pelo braço, me levando até a mesa.

— Quer me contar algo? — diz, servindo duas xícaras de chá.

— Acho que não preciso, não é mesmo?

— Vocês formam um belo casal. Estou feliz que tenha assumido. Fiquei assustada ontem, por causa do estado que você ficou com as caixas.

— Peço desculpas por aquilo.

— Não peça. Só preciso saber se está bem.

— Sim, estou. No final, foi bom. Eu apenas não esperava que meu irmão tivesse me enviado aquilo tudo. A surpresa foi grande.

— Conversou com Danilo sobre a construtora? — Serve mais uma xícara de chá para nós duas e traz um bolo de fubá, que eu tanto amo.

— Sim. Obrigada pelo conselho. A loira azeda colocou tanta coisa na minha cabeça, que acabei vendo pelo em ovo.

— Que loira?

— Uma que trabalha com a mãe dele. A vi saindo da casa dele um vez e ela estava na igreja. Deu a entender que Danilo tem rodízio de mulheres em sua cama, porque são todas interesseiras.

— Não ligue para ela. Deve estar se corroendo de inveja. Preciso te contar uma coisa, não é que eu seja intrometida nem nada, mas sempre que uma mulher bonita se hospeda aqui, eu

faço com que Danilo a conheça. — Arregalo os olhos e ela faz cara de ultrajada. — Ora, não me olhe assim, é apenas para o bem dele. O menino viveu para agradar o pai, e aquele velho rabugento do Elias só sabe reclamar.

— Então, você me jogou para cima dele? Por isso a ideia de alugar a casa?

— Não. Eu realmente achei que você ter um tempo sozinha, seria ótimo. Eu me descobri muito depois que fiquei viúva. Eu acho sensacional podermos conversarmos com nós mesmas. Usar a roupa que escolhemos. Comer exatamente o que gostamos e que se dane o resto do mundo. A casa ao lado de Danilo estar vaga, foi um bônus.

— Você não existe. — Solto uma risada e arrumo os meus óculos.

— Mas o ponto que eu queria chegar, é que ele nunca se envolveu com nenhuma delas. Não sei a vida que ele levou, enquanto morou na capital, mas nunca vi Danilo com ninguém aqui na cidade, e olha que eu sei das coisas.

— Não duvido.

— Então, garanto a você que é mentira esse

lance de rodízio de mulheres. Ela deve ter se jogado para ele, recebido um toco e quis envenenar você.

— Fico feliz de saber disso. Não sou ciumenta, mas não gostaria de cruzar com as mulheres na rua e ficar me perguntando se ela já foi para a cama dele.

— Sou exatamente como você. Babi, eu queria te perguntar algo.

— Pode falar.

— E depois?

— Combinei com Danilo de viver um dia de cada vez. Não vamos pensar no futuro, por enquanto.

— Sem pensar no Danilo, quero saber de você, como você quer que seja o seu futuro?

Tamborilo os dedos na mesa, formulando a minha resposta.

— Eu quero estar feliz no futuro, Carmelita. Assim como estou agora. Acordar feliz, alegre, não porque tenho mais um dia com tarefas a cumprir, mas porque tenho mais um dia para viver. Quero dar um passeio. Tomar um sorvete, porque senti

vontade. Quero ler um livro numa biblioteca. Quero aproveitar os prazeres da vida que normalmente passam batidos, porque somos engolidos pela rotina. Quero viver para que, daqui a 10 anos, eu não veja uma lista de coisas cumpridas e, sim, lembranças deliciosas e felizes.

— Você realmente é uma Babi diferente da que chegou aqui, semanas atrás.

— E isso é ruim?

— De forma alguma. Eu não poderia estar mais orgulhosa.

Recebo seu abraço e sinto que eu também estou. Estou orgulhosa de mim, como nunca estive antes.

Capítulo Dezenove

A stylized illustration of a notepad with a pencil. The notepad is tilted and has several green checkmarks on it. A yellow pencil with a pink eraser is positioned diagonally across the bottom right of the notepad.

Babi

— Será que sobrou um pouquinho de energia para mim? — pergunto, sorrindo, quando as crianças chegam à minha sala, todas vermelhas e suadas. Pelo visto, as brincadeiras ao lado de fora as cansaram.

— Tia, o tio Danilo ganhou de todo mundo na corrida do saco.

— Ah, é? O tio Danilo deve ter trapaceado.

— Eu nunca faria isso. — O timbre rouco chama a minha atenção e eu olho para a porta,

PERIGOSAS NACIONAIS

sorrindo.

— Apostar com crianças é fácil, quero ver com alguém do seu tamanho.

— Isso é um desafio? Eu ganho de você com o braço nas costas.

Todos riem e não sei como, mas esse homem consegue ficar ainda mais lindo, a cada minuto que passa.

— Desculpe, mas não posso. Vou dar uma aula de teatro neste momento.

— Você não me escapa.

— Tia? — Sabrina chama, nos retirando de nossa bolha e eu sinto meu rosto queimar.

Sempre é assim. Quando o encontro, em qualquer lugar, somos atraídos um para o outro e eu esqueço completamente do resto do mundo.

— Pode falar, querida.

— Nós vamos encenar a Bela Adormecida, não é?

— Sim, foi o que vocês escolheram ontem.

— Será que podemos escolher os personagens principais? — ela questiona e vejo que

PERIGOSAS ACHERON

o restante da turma está com o mesmo semblante de expectativa.

— Eu tinha pensado em um sorteio, para não ter disputa.

— Não, tia. Todos nós queremos que sejam os mesmos.

— E quem são?

— Você e o tio Danilo.

— O quê? — respondemos, ao mesmo tempo.

— Sim. Nós poderemos ser as fadinhas, os bichos, a malévola, o rei e a rainha. Mas vocês dois serão o casal.

Sei que estou vermelha. Mesmo para as crianças pequenas à minha frente, não conseguimos esconder o que está acontecendo entre nós.

— Aceita. Aceita. Aceita — o coro começa e quando olho para o príncipe Filipe Fajuto, ele está sorrindo. SORRINDO. Estou quase tendo um colapso e ele está sorrindo.

— Nós aceitamos — diz Danilo, e eu tento parecer chateada, por ele não ter me consultado. Mas, a verdade, é que um sorriso brota do meu

PERIGOSAS ACHERON

íntimo.

Enfim, terei a oportunidade de ter o meu próprio conto de fadas.



“Agora basta apenas colocar no forno e aguardar 30 minutos. Sua lasanha estará está uma delícia.”

— Eu espero que você esteja certa — digo para a tela do meu celular e termino de cobrir a travessa com o papel alumínio. Abro o forno, com cuidado, coloco a lasanha lá e cruzo os dedos, para que tudo que a mulher falou no vídeo de receitas culinárias, eu tenha seguido certinho e que a comida fique realmente maravilhosa.

Encosto-me à pia da cozinha e fico feliz com a bagunça que vejo em volta. Mesmo que eu tenha voltado esgotada da colônia de férias, devido à animação dos alunos, depois de terem decidido os personagens, estou animada com o meu jantar. Lógico que não falei nada para Danilo. Ele ficou de passar aqui, depois do trabalho, para comermos em algum lugar. Eu já tinha na minha cabeça que iria tentar fazer a refeição, mas não quis contar, para

PERIGOSAS ACHERON

que ele não crie expectativas. Começo a recolher as vasilhas sujas que estão espalhadas pela pequena cozinha e algo se mexendo chama a minha atenção para a porta, quando me viro, meu coração acelera. Meu ilustre visitante, que eu achei que tinha sumido daqui. O maldito rato.

Para a minha sorte, a tampinha do leite caiu embaixo do armário, e tive que pegá-la com a vassoura, que continua ali. Estico a mão, alcanço o cabo de madeira e em um impulso só, solto um grito, como os guerreiros fazem quando vão para a batalha, e acerto a madeira bem no meio das fuças do invasor.

O bichinho morre na hora e o entendimento do que acabei de fazer começa a clarear minha mente.

Eu matei um rato. Um rato.

— Babi! — Danilo grita, entrando na cozinha. — Escutei você gritando lá de casa. O quê... — Olha de mim para o rato morto, depois para a vassoura na minha mão e sua boca se abre em um “O”. — Você matou o rato.

— É. Acho que sim. — Sorrio e levanto os olhos. — Nunca me imaginei fazendo isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou orgulhoso de você. — Pega a vassoura da minha mão e empurra o animal para o lado de fora, voltando com o rodo e limpando o chão. — Estou com dó do bichinho, acho que você bateu com força no nosso amiguinho.

— Amiguinho? — Saio do estado aéreo que eu estava, para encarar Danilo. — Você está de brincadeira, não é?

— Acho que, se não fosse por ele, nunca nos estranharíamos e, conseqüentemente, teríamos ficado juntos. Como você pôde matar o nosso cupido? — Tenta falar sério, mas seu lábio inferior treme, denunciando seu divertimento.

— Pega ele pra você. Leva para a sua casa e manda empalhar. Vai ficar lindo na sua sala — brinco e ele me pega pela cintura.

— Você foi maravilhosa. Mas poderia ter me chamado.

—Primeiro, eu não sabia que você estava em casa já. Segundo, você riu de mim da última vez que isso aconteceu e, terceiro, sou capaz de me cuidar e matar um rato — digo, com orgulho, principalmente da última parte.

PERIGOSAS ACHERON

Foi preciso que eu morasse sozinha para começar a encarar todos os meus medos de frente e estou muito feliz por isso ter acontecido. De outro modo, eu nunca estaria me sentindo tão bem e realizada.

Caramba, tenho a sensação de que posso mudar o mundo todo agora.

— Eu nunca duvidei de você — diz, orgulhoso, e me beija. — O cheiro está maravilhoso. O que é?

— Nosso jantar. Surpresa. Não era nem para você estar aqui, antes da hora. Por que chegou cedo? — Solto-me dele e volto para a pia. Preciso terminar de me arrumar e tomar um banho.

— Estava muito sujo, por conta da obra da igreja. Passei para tomar um banho, antes de vir te ver. Mas seu grito me assustou.

— Não foi um grito de socorro, foi um grito de guerra — brinco.

— Agora eu sei. E quero que saiba, que eu sei que você sabe cuidar de si mesma, mas independentemente de qualquer coisa, quero estar ao seu lado, para o que precisar. Não se esquece

disso.

Meus olhos marejam, enquanto encaro Danilo. Sei que ele está falando a verdade. Eu sinto que temos uma conexão única. Só não sei se meu coração está pronto para pensar em um “para sempre” novamente. Se é que isso realmente existe.

— Obrigada. Agora, vai tomar o seu banho.

— Tenho uma ideia melhor. — Me agarra por trás e começa a beijar o meu pescoço. — Deixa essa louça aí e vamos tomar um banho, juntos.

— O forno...

— Eu tenho um fraco por mulheres poderosas que matam ratos e sabem se cuidar — sussurra, encaixando sua excitação em minha bunda. — Prometo não deixar você demorar.

E quem disse que eu consigo dizer não?



— Ainda bem que não queimou, eu ia te matar se estragasse a minha receita.

— Ainda bem mesmo. Está uma delícia, Barbara. Parabéns. Uma delícia mesmo. Nem a lasanha da minha mãe é tão gostosa assim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não exagera.

— Eu nunca vou mentir para você. Te dou a minha palavra. — Sei pelos seus olhos que ele está falando a verdade, e meu coração acelera ainda mais.

— Então, acredito em você.

— O que te deu hoje? Cozinha, matar ratos, me enlouquecer no chuveiro.

Sei que meu rosto esquenta com a última parte, mas não ligo. Não me arrependo de nada. Está cada dia melhor a minha relação sexual com o Danilo. Ele tem o dom de me deixar à vontade e fazer o que eu quiser.

— Acho que foi a aula com as crianças hoje. Tenho a impressão de que eles me veem como uma heroína. Quis provar a mim mesma que eu posso quebrar as minhas barreiras.

— E conseguiu. Parabéns. Nunca aceite que os outros te digam que você não pode fazer algo. Acredite, na vida só não fazemos o que não queremos. Se você tem um sonho, lute por ele, pode ser difícil, demorar, mas um dia, ele se realiza. Então, o sabor da vitória será ainda melhor,

PERIGOSAS ACHERON

pois, você conseguiu por mérito próprio.

— Você está dizendo isso para a vida profissional?

— Não, Babi, estou dizendo para todas as áreas da vida. Até para aqueles sonhos que nunca pensamos em realizar. — Seus olhos brilham enquanto me encaram e sei que ele quer dizer algo, mas talvez, somente talvez, eu não esteja preparada para escutar ainda, por isso, o beijo, dando fim ao assunto, porém, muitos pontos permanecem na minha mente para eu analisar, principalmente assuntos relacionados ao futuro e ao meu coração.



Babi

— Oh, minha adorada Aurora, o que fizeram com você? — A voz de Danilo chega aos meus ouvidos, e me forço a concentrar-me ainda mais ou cairei na gargalhada e nunca serei considerada uma boa Bela Adormecida.

— Você tem que beijá-la, belo príncipe. Somente um beijo de amor verdadeiro, pode salvá-la. — Sabrina encena e meu coração se enche de orgulho.

Passamos a última semana ensaiando arduamente. Até mesmo as outras atividades da PERIGOSAS ACHERON

colônia de férias, as crianças abdicaram, para se dedicarem ao teatro.

Estamos no teatro central, dentro do centro comunitário e, devo confessar, fiquei nervosa no momento que subi ao palco. A cidade inteira está aqui. Nunca vi algo assim. Para a minha sorte, a peça transcorreu muito bem e já estamos no final.

— Então, irei beijá-la e trazer a minha amada de volta à vida.

O timbre rouco reverbera dentro de mim, de forma alucinante. Passei cinco anos ao lado de Flávio, e sua voz não fazia nem cosquinhas em mim. Já Danilo, tem o dom de me deixar completamente mole, apenas com um “oi”.

Sinto seu hálito fresco se aproximar e o que era para ser apenas um selar de lábios, se prolonga. Não consigo me desvencilhar e, sem me lembrar do público, rodeio seu pescoço com as mãos.

— Ela acordou. Viva!

Somente com o grito de Sabrina, volto à sanidade e empurro Danilo para longe, sentindo minhas bochechas arderem.

Levanto da cama improvisada e, junto com

PERIGOSAS NACIONAIS

todo o elenco mirim, Danilo e eu agradecemos ao público, ao som das palmas. Ainda estou sorrindo para frente, quando Sabrina para à minha frente, com um grande buquê de rosas.

— Queríamos agradecer o tempo que a senhora dedicou, para que essa peça ficasse tão linda. Nós te amamos — todos complementam a sua fala em um grito e nem tento parar as lágrimas. Elas caem livremente e não vejo problema nenhum com isso.

Olho para Danilo, que está ainda mais lindo vestido de príncipe, em todo o seu porte atlético e, neste momento, a constatação vem com tudo.

Eu estou apaixonada por esse homem.

PERIGOSAS ACHERON



Babi

— Babi, seu telefone está tocando —
Danilo resmunga, mas não tira os braços que estão
ao meu redor.

— Eu preciso levantar para atender —
brinco, já totalmente desperta.

— Eu te solto, só se você prometer voltar
bem rápido.

— Prometo.

Saio da cama e dou uma última olhada nele,
enquanto alcanço o meu pijama de coruja jogado

no chão. O bom de Danilo é que eu não preciso estar terrivelmente sexy o tempo todo. Ele me elogia ou ataca, até se eu tiver de calça de moletom e camiseta. Sorrio, me lembrando de algo que está rondando a minha mente. Ontem, depois da peça, Carmelita organizou uma festa e nos divertimos muito. Tive a sensação de que Danilo queria me falar algo. O problema foi que sempre que ele iniciava uma frase, alguém aparecia para atrapalhar. Na volta, acabei não percebendo que estava tão cansada. Apaguei no carro mesmo e não vi nem o momento que ele me colocou em sua cama.

Meu celular volta a tocar e me tira da onda de devaneio. Procuro pela minha bolsa e, assim que tiro o aparelho, estranho o fato de Elizabeth estar me ligando pelo modo convencional. Depois que inventaram os aplicativos de chamadas e vídeo, ela os usa exclusivamente.

— Alô.

— *Amiga. Graças a Deus.*

— O que houve, amiga?

— *Seu irmão, aquele idiota. Eu não acredito. Ele...*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Elizabeth? Respira fundo e me diga o que aconteceu. O que tem o Heitor?

— *Ele me beijou, droga!*

— Oh, meu Deus. Você é a minha cunhada agora? — Abro a porta da varanda dos fundos e me acomodo em uma espreguiçadeira. Acho incrível o deque que Danilo construiu no fundo de sua casa. Uma área verde linda e aconchegante.

Na verdade, tudo o que ele faz é incrível.

— *Amiga, eu não queria, eu juro.* — O sorriso some da minha cara, quando o choro dela se torna incontrollável. — *Ele veio aqui em casa e me viu com o idiota do Fabio. Ele... ele saiu de carro, bravo, e sofreu um acidente.*

Não consigo processar mais nada. A palavra acidente fica se repetindo em minha cabeça de tal forma que, para mim, é insuportável. Solto o aparelho, como se ele me queimasse e tento puxar o ar para os pulmões, mas parece que nenhuma parte do meu corpo funciona no momento.

— Alô? — A voz de Danilo é registrada pelo meu cérebro, mas não consigo me mover.

Não posso perder o meu irmão. Não posso.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem. A levarei até aí. Obrigado. Babi? Vem comigo.

Deixo-me ser guiada para dentro. Com carinho, Danilo me coloca embaixo do chuveiro e, sem nenhuma conotação sexual, me ensaboa, lava meus cabelos, e cuida de mim, como nunca na vida fui cuidada, exceto pela minha mãe.

— Ele está bem. Vou te levar para o hospital para vê-lo. Fique tranquila.

Aceno e deixo que tudo aconteça no automático. Arrumo apenas a minha bolsa com documentos, um casaco e entro no carro de Danilo, rumo a Itaporã.



Danilo

— Você tem certeza de que quer ficar aqui?

— Sim. Obrigada, Danilo. Não sei o que eu faria sem você.

— Não precisa agradecer. Como está o Heitor?

— Bem até demais. Já esbravejou com o médico, pedindo para ir embora.

Ela sorri e parece que meu mundo acabou de voltar para os eixos. Ver Barbara do jeito que ela ficou ontem, não desejo para ninguém.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, já que está tudo bem, vou voltar para a estrada.

— Espere! Não quer passar a noite lá em casa?

— Acho melhor não. Nem conheço seus pais, ainda. Não seria muito bom, eles chegarem e me encontrarem lá.

— Uma pena eles estarem viajando. Achei melhor não contar que Heitor estava no hospital, para que não viessem correndo. Apenas disse que estava em casa por uns dias.

— Uns dias, é? Espero que não sejam muitos. — Enlaço a sua cintura, a trazendo para perto.

— Não serão. Prometo. Ainda não sei como ficará tudo quando...

— *Shhh...* — Beijo sua boca e não a deixo continuar. Ainda não estou preparado para saber sobre o futuro. — Cuide do seu irmão. Quando você voltar, conversaremos.

— Obrigada, mais uma vez.

— Posso ir até lá me despedir dele?

— Claro. Preciso acalmar a Elizabeth.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Selo mais uma vez os nossos lábios e coloco as mãos no bolso, para ir até o quarto onde o irmão da minha... Babi, está.

Faltou tão pouco ontem para pedi-la em namoro. Tão pouco.

Agora estou aqui, sem saber o que realmente sou para ela.

— Posso entrar?

— Claro. Se puder me tirar daqui, será ainda melhor.

— Desculpe, sou apenas um engenheiro e, não, um médico.

— Droga! — brinca ele e sorri um pouco, o que me relaxa. — Queria te agradecer por trazer Babi tão rápido. Elizabeth não deveria ter ligado para ela.

— Não precisa agradecer. Eu sabia que ela precisava estar aqui.

— Ela... parece outra pessoa. Ela está feliz lá?

— Você vai ter que perguntar a ela.

— Não preciso, na verdade. A minha irmã

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saiu daqui com a vida de um robô. Até mesmo o seu semblante passava isso. Estou feliz por vê-la sorrindo verdadeiramente, em anos. Mas, como irmão mais velho, tenho que alertar, se quebrar o coração da minha irmã, eu quebro a sua cara.

Tento fazer uma cara de assustado, mas é difícil. Heitor está com um enorme curativo na testa, onde levou alguns pontos, e de camisola de hospital. É difícil levar uma ameaça dessa a sério.

— Por mim, sua irmã apenas sorriria pelo resto da vida.

Digo isso com toda sinceridade. Mesmo não estando procurando alguém, Barbara apareceu na minha vida, igual a um furacão, tirando tudo do lugar. Eu não poderia estar mais feliz... e apaixonado. Mesmo que isso ainda me cause estranheza.



— Tem um minuto?

Levanto o rosto do papéis, que estou mexendo, e me surpreendo ao ver o meu pai.

— Claro, sente-se.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quem olha para ele, não imagina as dores que sente na coluna. Sr. Elias é alto, ombros largos, cabelo grisalho, e ganhou uma barrinha depois que se aposentou, mas fora isso, é um homem muito em forma para a sua idade.

— Tudo bem por aqui?

— Sim, pai. Tudo certo. No que eu posso te ajudar?

— Soube que viajou ontem.

Não sei como ainda me surpreendo em como as notícias correm rápido nesta cidade.

— Sim. Fui levar a Barbara para ver o irmão que se acidentou.

— Está tudo bem com ele?

— Foi apenas um susto e cinco pontos na testa.

— Que bom.

O silêncio se instala e fico sem saber o que falar. Depois da nossa última briga, cerca de uns seis meses atrás, apenas trocamos cumprimentos, não sei dizer o que realmente o trouxe aqui hoje.

— Danilo, eu sei que errei com você, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quero que saiba que sempre foi para o seu bem.

— Por que está me dizendo isso?

— Eu fui ajudar no incêndio da igreja e vi você entrar no meio do fogo. Filho, eu senti medo que algo acontecesse com você.

— Eu não passei por perigo ali, pai. Pode ficar tranquilo. — Tento manter a voz tranquila, mas está difícil. A emoção está quase fechando a minha garganta.

— Sempre quis que você fosse melhor do que eu. Ontem, conversando com a sua mãe sobre essa garota, a Babi, percebi que nunca tinha sido um pai bom para você, exatamente como o meu não foi para mim. Lembro-me de quando você nasceu. Naquele momento, eu queria que você crescesse e que me chamasse de melhor amigo. Fiz tudo errado. — Seu choro aperta o meu coração, ao ponto de sufocar e levanto-me, dando a volta e o abraçando. — Me perdoa.

— Eu que peço perdão, pai. Sempre fui cabeça dura e nunca expliquei corretamente para que você entendesse meus motivos.

— Hoje percebi que temos que aproveitar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto estamos vivos, para poder ter a hombridade de assumir os nossos erros e pedir perdão. Você me perdoa? — pergunta, olhando nos meus olhos e me vejo refletido neles.

— Sim. Eu te amo, pai.

Um abraço forte sela a nossa paz e, pelo canto do olho, vejo minha mãe pela abertura da porta, secando as lágrimas. Afasto um braço, a chamando, e ela vem, com toda bondade e ternura que carrega no seu coração.

— Estou feliz por vocês terem conversado — diz ela, no meio de nós dois. — E, aproveitando o momento família, quando saíra o casamento?

Solto uma gargalhada, secando os olhos e me afastando dos dois.

— Eu não apresentei nem a namorada a vocês, e você já quer uma nora?

— Não é preciso de muito para entender que vocês foram feitos um para o outro. Vimos isso no teatro. Tome aqui — diz meu pai, me estendendo uma caixa pequena e quadrada.

Abro com cuidado e vejo um anel solitário que minha mãe sempre usou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não posso aceitar.

— Claro que pode. Sua irmã terá o meu anel de noivado. Este eu carrego desde que minha mãe morreu. Dê à Babi. Você a ama?

— Como nunca amei ninguém, mãe.

— Então, não a deixe escapar, meu filho.

Olho o anel e espero não estar metendo os pés pelas mãos, mas, assim que ela colocar os pés em Morada do Sol, será tudo ou nada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo
Vinte e
Três

Babi

— Babi!

Ouçó meu nome ser chamado, assim que encosto a chave para abrir a trava do portão. Não preciso nem olhar para saber quem é. Viro meu corpo devagar e, por incrível que pareça, não sinto dor, como achei que sentiria, ao rever Flávio. Nem mágoa.

— Soube de Heitor. Ele está bem?

Analiso seu corpo, parece ainda mais malhado do que antes, o que não é de se estranhar.

Depois que refleti muito sobre o meu relacionamento, percebi que Flávio tinha muito mais tempo para cuidar de si mesmo do que para nós dois.

Seus cabelos estão mais curtos, sua barba está desenhada perfeitamente, e sua calça e camisa social estão totalmente alinhadas. Ele é realmente um homem bonito, mas, felizmente para mim, não sinto nem mesmo um pequeno frenesi ao vê-lo.

— Sim. Recebeu alta hoje de manhã.

— Que bom. — Um silêncio constrangedor paira sobre nós dois e cruzo os braços, esperando que ele fale, afinal, não fui eu que fui atrás dele. — Você não respondeu as minhas mensagens.

— Estive ocupada.

— Onde mesmo você estava?

— Flávio, o que veio fazer aqui? — pergunto, de uma vez, pois não quero enrolação.

— Eu... quero conversar com você.

— Eu não acho que...

— Por favor, Babi. — Dá um passo à frente e segura a minha mão. — Deixamos assuntos inacabados. Preciso explicar o motivo de ter agido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como agi com você. Só te peço que... me escute.

Flávio sempre foi altivo. Dono de si. Vê-lo cabisbaixo e com o olhar sofrido, realmente mexe com os meus sentimentos.

— Tudo bem.

— Ótimo. Eu passo para te pegar às 19h. Vamos naquele restaurante que você adora.

Abro a boca para argumentar, mas meu ex já está se distanciando, com um sorriso largo no rosto.

Fico pensando se fui manipulada, mas acabo chegando à conclusão de que será melhor colocar um ponto final digno em nossa história. Afinal, foram cinco anos compartilhados e Flávio não é o único culpado por tudo o que aconteceu, tenho consciência disso.

Entro em casa e, assim que o cheiro de arroz me atinge, um enjoo vem com força total. Corro para o banheiro, deixando minha mãe assustada.

— O que houve, Babi? — pergunta, da porta, enquanto eu solto tudo o que meu estômago não tem no vaso sanitário.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que comi algo estragado no hospital, mãe. Estou passando mal desde ontem — explico, me levantando e indo para a pia escovar os dentes.

— Oh, minha bebê. Vou preparar um chá de camomila. Se você tivesse me avisado antes, eu já estaria em casa há dois dias e você não teria se alimentado mal, desse jeito.

Ela sai resmungando e aproveito o momento sozinha para jogar um pouco de água gelada no rosto.

Não sei o que está acontecendo comigo, mas os enjoos estão fortes demais. Pode ser por conta do estresse que o acidente do meu irmão causou, mas acredito que é mais que isso. Só não estou pronta para pensar no assunto.

— Então, me conta — começa minha mãe, assim que me sento no sofá. Para a minha sorte, a casa agora está com cheiro de eucalipto e, não, de comida. — Como é essa cidadezinha que você foi passar férias?

— Lá é tudo tão lindo, mãe. As pessoas são unidas. Você iria adorar a Carmelita. Parece uma avó moderna. A casa que eu estava morando

PERIGOSAS ACHERON

também é uma graça e fiz muitos amigos lá.

— Algum amigo em especial? — pergunta, com o olhar cravado em mim, e eu disfarço, provando meu chá.

Não comentei com a minha mãe sobre Danilo. Ainda mais com as suspeitas que estou. Se ela soubesse que eu estava transando feito um coelho e passando mal nas últimas horas, já teria feito um escândalo. Para ela, eu ainda sou um bebê.

— Fiz muitos amigos. A cidade é toda acolhedora, você e o pai iriam adorar — desconverso.

— Perguntei sobre homens, minha filha. Algum bonito?

— Flávio veio aqui e me convidou para jantar. — Mudo totalmente de assunto.

— Deus seja louvado.

— Não se empolgue, mãe. Não temos mais volta.

— Mas... mas você queria tanto esse casamento. Ficou naquele quarto chorando por ele. Não estou te entendendo, Babi.

— Eu mudei, mãe. E garanto que foi para PERIGOSAS ACHERON

melhor. Vou sair com o Flávio, apenas para resolver nossos assuntos pendentes. Quando eu voltar, em definitivo, para casa, te explico tudo, com calma.

— Como assim, quando voltar?

— Eu vim só por causa de Heitor. Minhas coisas estão lá, e estou sendo monitora de uma colônia de férias. Voltarei para lá, assim que Heitor estiver 100%.

— Eu já estou 100%. Na verdade, acho que vou embora para a minha casa. — O cabeça dura do meu irmão aparece na sala, mancando, e minha mãe já começa o sermão para ele voltar para a cama.

Sorrio, vendo que até mesmo ele, que é homem e mais velho, ela também trata como um bebê.

Para a nossa sorte, ele não teve nada grave. Apenas alguns pontos na cabeça e uma luxação no tornozelo direito. Todos os exames deram ok. Mas quem disse que minha mãe concorda com isso?

Sorrindo por matar um pouco da saudade com a minha família, vou para o meu quarto e me

lembro de Danilo. Estou com tanta saudade.

Pego o celular e disco. Por três vezes, a ligação cai direto na caixa postal. Mando uma mensagem. Nem, ao menos, é recebida. Não aguento e escrevo para Carmelita. Volto a respirar normalmente, depois que ela responde que os homens saíram da cidade para ajudar a buscar um material para a reconstrução da igreja. Acredito que ele deve estar na estrada.

Aproveito para voltar a trabalhar em algo que comecei ontem. A peça de teatro da colônia foi um gatilho positivo para a minha mente. Desde nova, eu rabisco roteiros, mas nunca tive a coragem de apresentar de forma profissional a ninguém. Ontem, no meio do sono, uma ideia nova me veio à mente e, então, As Listas de um sonho mágico nasceu. Não é nada bibliográfico, mas meu sonho é ver as crianças de Morada do Sol encenando a peça, que é totalmente voltada para o público infantil. Em que a história de uma pequena garotinha, chamada Babi, cai dentro de um livro de histórias e precisa achar todas as listas que contém pequenas pistas para voltar ao mundo real.

Perco a noção do tempo, digitando

freneticamente, e não paro nem mesmo quando minha mãe entra no quarto, com um sanduíche e um copo de suco de laranja. Somente quando meu celular apita e eu corro para ler a mensagem, pois penso ser Danilo, que percebo como me empolguei.

Flávio: Passo aí em 15 minutos. Bjos.

Tomo um banho rápido, escolho um vestido preto, sem decote, uma maquiagem básica e prendo os cabelos em um coque.

Não quero estar bonita para Flávio. Para isso, me basta Danilo.

Pensando nele, preciso pensar o que vou fazer. Não posso continuar com ele, voltando para casa, mas não me imagino morando lá para sempre.

Me despeço dos meus pais, abro o portão e olho para o céu, pedindo um sinal.

— Você está linda — diz Flávio, assim que entro no carro.

— Obrigada. Vamos?

Em silêncio, seguimos pela cidade e, o mais

estranho, é que as ruas não me parecem tão familiar como em Morada do Sol. Sinto falta até do calor excessivo da cidade.

Solto um suspiro, assim que o carro estaciona. Sigo Flávio para dentro do restaurante e me esquivo, quando ele tenta colocar a mão na minha cintura. Posso estar sendo ridícula, mas me parece errado.

— Vamos querer dois pratos de risoto de camarão e ...

— Na verdade, eu estou sem fome — interrompo meu acompanhante e olho para o garçom. — Quero apenas um suco de laranja.

Ele termina o seu pedido, como se tivesse engolido um limão, e se volta para mim:

— Você nunca recusou um pedido meu.

— Isso é uma crítica? Eu nunca recusei, porque éramos namorados, e eu achava que era isso que eu deveria fazer. Mas não sou mais assim.

— O que mudou, Babi?

— Eu mudei. — Seguro seu olhar e vejo surpresa em seu rosto.

Sempre fui a menina boazinha, quietinha.
PERIGOSAS ACHERON

Sei que a culpa não é dele. Na verdade, a culpa é exclusivamente minha.

— Babi, sei que errei com você. — Suaviza o tom e segura minhas mãos por cima da mesa, mesmo não gostando do contato, deixo que ele fale. — Quando me fez o pedido, eu não esperava por aquilo. Foi uma tremenda surpresa.

— Depois de cinco anos juntos, era uma surpresa ficarmos noivos?

— Não! Claro que eu já tinha pensando em casar com você, mas, na hora, ficou tudo confuso. Me desculpe. Eu quero que você saiba, que eu estou pronto. Quero me casar com você.

Fico esperando que meu coração acelere, que as lágrimas escorram, que a emoção tome conta de mim, a ponto de eu pular por esta mesa e me jogar em seus braços. No entanto, nada acontece.

— Flávio, eu agradeço que tenha esse... carinho por mim. Mas você estava certo quando terminou comigo. Não era o momento, nunca será. Conheci a mim mesma nesses últimos dias, como não tinha feito por anos. E posso te garantir, não somos nem um pouco compatível para um casamento. O que vivemos foi maravilhoso e

PERIGOSAS ACHERON

espero que possamos ser amigos daqui para frente, mas esse é, definitivamente, um relacionamento encerrado.

— Você está apenas com raiva de mim, eu entendo. Minha mãe disse que era para eu me preparar para isso. Eu aguento, Babi, pode xingar, gritar, falar o que quiser. Eu sei que errei. Sei mesmo. Mas os últimos dias sem você foram tristes. Sinto falta das nossas conversas, nossos passeios. Éramos perfeitos juntos.

— Éramos? Diga-me, então, qual a minha cor favorita? Qual meu filme preferido? Qual música me faz chorar? Qual a comida que eu mais gosto? — pergunto tudo o que Danilo quis saber no decorrer dos últimos dias.

Mesmo sendo meio bruto, fechado, seu coração transborda carinho e atenção, que nem mesmo ele percebe.

— Isso é bobagem. Eu te conheço. Sei, aliás, que sua lista dita que você tem que se casar até os 30 anos. Ainda temos alguns meses para você planejar a cerimônia e tudo voltará como era antes.

— É isso que você não entendeu, Flávio, eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não quero mais tudo como era antes. As minhas listas não ditam mais nada para mim.

— Você não pode ter mudado do dia para a noite. Eu não...

O garçom escolhe este momento para chegar e o cheiro da comida me atinge, igual um murro no estômago. Tapo a boca e sem me importar com as pessoas olhando, corro para o banheiro.

— Estou grávida — digo para o espelho, depois de ter mais uma vez vomitado até as tripas.

Não sei se rio ou se choro, só sei que preciso sair daqui e falar com alguém sobre isso.

Reúno forças e saio do banheiro, decidida.

— Obrigada pelo jantar, desejo que você seja muito feliz — falo, assim que alcanço a mesa que Flávio ocupa.

Pego a minha bolsa e, sem esperar nenhuma palavra, sigo para fora.

Aproveito que um casal está chegando e entro no táxi.

— Rua quinze de novembro, nº 160, por favor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passo o endereço da minha amiga e encosto a cabeça no banco, pensando em como a minha vida mudou.

Se eu não tivesse aceitado a loucura do meu irmão, eu teria aceitado o pedido de Flávio nesse momento. Viveria uma vida mediana, na qual eu acreditava ser perfeita para mim. Agora, posso estar carregando o filho de um homem que conheço há algumas semanas, e tenho a certeza que essa é a vida certa para mim.

— Obrigada — agradeço ao motorista e, assim que toco a campainha, Elizabeth aparece, o que faz com que eu desabe e chore tudo o que está preso.

— Calma, amiga. Calma. Me conta, o que aconteceu?

—Eu... eu acho que estou grávida.

Em menos de dez minutos, minha amiga volta da farmácia da esquina, com quatro testes.

— Vai lá dentro e faça o que tem que ser feito.

Respiro fundo, entro no banheiro e medito que preciso ser forte.

PERIGOSAS ACHERON

Sigo as instruções e encosto no azulejo para esperar os benditos cinco minutos.

Aliso a minha barriga, me olhando pelo espelho, e já imagino se será uma menina ou um menino, parecido com Danilo. Nunca me imaginei mãe, mas agora sei que faria tudo por um filho.

— E aí, amiga? Quer me matar do coração.

Destranco a porta e pego os palitinhos.

— Olha você. — Entrego à Beth, ainda observando a barriga plana no espelho. Como será que Danilo vai reagir? Será que devo contar na lata ou fazer uma surpresa?

Minha mãe vai surtar, pois nem, ao menos, o conhece. Mas sei que vai amá-lo. Eu o amo.

Oh, meu Deus, eu o amo, como nunca ameie ninguém.

— Ufa, amiga. Desta vez, você se livrou. Vê se toma cuidado na próxima, para não ficar na dúvida.

— O quê? — pergunto, aturdida.

Elizabeth vira os quatro palitinhos para mim, e todos estão com uma linha apenas, que significa: NEGATIVO.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tento sorrir, mas o choro compulsivo vem antes.

— Você está triste?

— Não sei, Elizabeth. Nesses cinco minutos, imaginei uma vida inteira com Danilo e um filho nosso. Devo estar louca.

— Não, amiga. Você não está louca. Você está apaixonada.

— Isso é loucura. E se com Danilo acontecer o mesmo que com o Flávio? Ficar morno, sem graça.

— Tenho certeza de que sua relação com o Flávio nunca foi quente, mas, você só vai saber, se tentar. Se ficar morno depois, você, pelo menos, se queimou bastante no processo. Você já viveu uma vida com medo do incerto, minha amiga, não passe por isso novamente.

— Você vai usar o seu conselho para se acertar com o meu irmão? — digo, colocando os meus problemas de lado, para ouvir a minha amiga. Não conseguimos nos falar direito desde que cheguei. Mas me parece que a vida dela está muito mais confusa do que a minha. E olha que para ela

PERIGOSAS ACHERON

conseguir isso, é um milagre. — Desculpe por não ter dado atenção a você e chegar aqui, chorando, em vez de perguntar como você está. — Seco as lágrimas e a encaro. — Sou uma péssima amiga.

— Nem se você quisesse, seria uma péssima amiga, Babi. Você é a pessoa mais altruísta que existe. Sempre colocou seus problemas no bolso para escutar e ajudar quem precisa. Está na hora de ser egoísta, pensar em você, na sua felicidade. Se colocar em primeiro lugar.

— Mas...

— Não se preocupe comigo. Seu irmão não quer mais me ver nem pintada de ouro. Acho que é melhor assim.

— Você sempre luta pelo o que quer, vai ficar aqui chorando e não ir à luta?

Arqueio a sobancelha e fico esperando a sua recusa, mas uma lágrima solitária escapa e me surpreendo. Minha amiga sempre foi forte, determinada, segura. Nunca imaginei que a veria abalada pelo Heitor. Logo o Heitor.

— Vou procurá-lo para explicar o que Fabio

PERIGOSAS NACIONAIS

veio fazer aqui. OK?

— Já está de bom tamanho.

— Vamos voltar para você, o que pretende fazer?

— Vou voltar para Morada do Sol. Minha passagem é para daqui dois dias.

— Vai aguentar tudo isso, depois de passar uma história pela sua cabeça, nos últimos minutos?

— Não quero sair correndo, para não deixar a minha mãe preocupada.

— E depois?

— Depois, vocês terão que pegar a estrada para me visitar.

O grito que ela solta é tão alto, que começo a rir.

— Não acredito que decidiu se mudar, sem pedir a opinião de ninguém. Amiga, que orgulho de você.

— Na verdade, até este momento, nem eu sabia que tinha me decidido.

Sob gritos, pulos e lágrimas, assistimos a um filme romântico e torcemos, internamente, uma

PERIGOSAS ACHERON

pela outra, para que nossos finais felizes sejam tão lindos como na ficção.



— Com que cara vou olhar para a mãe dele agora? — reclama minha mãe no café da manhã, depois que eu conto a todos sobre a conversa com Flávio.

— A mesma que ela te olhou, quando o filho dela desmanchou com a nossa filha. Vê se eu posso com isso. — reclama meu pai e eu sorrio pelo seu apoio.

— Você tem certeza, filha?

— Tenho, mãe. Toda certeza. Na verdade, eu queria falar sobre um homem que conheci em Morada do Sol.

— Eu sabia que alguém tinha virado a sua cabeça.

— Danilo não é assim, mãe! — defendo-o.

— Danilo? — pergunta meu pai, encarando minha mãe. — Como era o nome do moço que ligou no celular de Babi, ontem?

— Esse aí mesmo, Danilo. Deve ter te

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

iludido com meia dúzia de palavras bonitas e você rejeitou o pobre Flávio. Ainda bem que não dei trela para ele. Mãe sente essas coisas.

— Danilo me ligou? — Levanto o rosto rapidamente. — Me explica direito isso?

— Sim. Você esqueceu o celular aqui na mesinha.

— E o que ele disse? — pergunto, com o coração acelerado. Acabei dormindo na casa da Elizabeth, hoje cedo, quando cheguei, nem mesmo conferi o aparelho. Nem sei onde ele está, para falar a verdade.

— Perguntou sobre você, se apresentou e só.

— E você? — Aperto um pouco mais, pois ela está olhando para todos os lugares, menos para mim.

— Fala de uma vez, mãe — completa Heitor.

— Falei que você tinha saído para jantar com o seu noivo. Ele perguntou se eu tinha certeza, falei que sim, ora bolas. Eu estava esperando que você voltasse com a data do casamento marcada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, mãe! — Me levanto, chateada, e corro para o meu quarto. — Não acredito nisso.

Entro e meu celular está em cima da cômoda. Pego e disco o número de Danilo, o mais rápido possível. Toca umas três vezes, antes de a chamada ser rejeitada.

— Droga! Preciso falar com ele.

Olho em volta e vejo que só tenho uma saída.

Saio jogando várias coisas em uma mochila e pego a passagem, para tentar trocá-la para hoje. Nem que eu tenha que parar em outro lugar para seguir viagem, vou entrar naquele ônibus, hoje.

— Filha? — Fecho os olhos, de costas para a porta, e a sinto se aproximando. — Me desculpe. Eu não sabia. Desculpe mesmo. Faz cinco anos que eu vejo você e o Flávio, juntos. Vi o jeito que você ficou mal quando ele terminou. Achei que era o que você queria. Casar com ele. Desculpe. Só queria a sua felicidade. — Seus passos se afastam e meu coração sangra.

— Mãe! — Vou até ela e a puxo para um abraço. — Eu que tenho que te pedir desculpas. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não te contei nada. Fiquei com medo de você ficar preocupada, mas quero que saiba que eu cresci com essa viagem. Apreendi tanto sobre eu mesma. Meus gostos, meus hábitos, meus sonhos. Desculpe não ter compartilhado isso com você. Amo você. Desculpe por ter ficado brava. A culpa não é sua. Nunca foi.

— Eu só quero que você seja feliz, Babi.

— Eu sei. E eu te amo por isso.

— Vamos! — Heitor aparece na porta. — Elizabeth está lá embaixo, para te levarmos.

— Mas... — começo e meu pai aparece atrás dele.

— Não se preocupe. Eu não o deixaria sair de casa, se não soubesse que ele está bem.

— Eu estou ótimo e ela vai dirigindo. Vamos, antes que fique tarde.

— Eu amo vocês. Tenho a melhor família do mundo.

Beijo meus pais e entro no carro, contente, por, mesmo de um jeito torto, tudo dar certo.

Só espero que Danilo ainda queira me ver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo
Vinte e
Quatro

A stylized illustration of a notepad with a pencil. The notepad is tilted and has several green checkmarks on it. A yellow pencil with a pink eraser is positioned diagonally across the notepad.

Babi

— Acho que tenho um problema com esta cidade. Nunca chove, mas coincidentemente, as duas vezes que cheguei, estava chovendo.

— Isso é sinal de boa sorte — comenta Carmelita, vindo ao meu encontro. — Estou feliz que esteja de volta.

— Eu também. Já estava com saudade deste lugar.

— Quem são?

— Desculpe... — Viro de costas e vejo que
PERIGOSAS ACHERON

Heitor já se sentou. Ele não reclamou durante o trajeto, mas sei que sua cabeça está doendo. — Esse é o meu irmão, Heitor, e minha melhor amiga, Elizabeth. Eles não quiseram parar no caminho e pensei em deixá-los aqui, para um jantar. Sei que na minha casa, não deve ter nada.

— E você, não está com fome?

— Não. Aconteceu um mal-entendido com Danilo. Preciso vê-lo.

— Você vai sair nesta chuva? — questiona Elizabeth. — Por que não pediu, eu parava lá.

— Prefiro estar sozinha com ele. E é aqui pertinho.

— Deixem a Babi, ela sabe o que faz. Acompanhem-me para um banho quente. Acabei de fazer uma sopinha, que está de lamber os dedos. — Carmelita se movimenta, a ponto de não dar margem para reclamações. — Boa sorte — mexe apenas os lábios sobre os ombros e continua andando, sendo seguida pelos meus dois anjos da guarda.

O caminho todo, Elizabeth quis saber sobre o estado de Heitor. Acredito que não conseguiu se

explicar, ainda, sobre o ex em sua casa, mas, pelo jeito que se olham, a reconciliação será inevitável.

Pego um guarda-chuva que Carmelita deixa na entrada da pousada e sigo para fora, fazendo o máximo para não me encharcar. As ruas estão vazias, devido à tempestade, mesmo que ainda não seja noite, o céu está tão escuro e carregado, que o dia parece triste. Algo que não vi em nenhum dos dias que estive aqui.

Alcanço a praça e quanto mais passos eu dou, mais tenho a certeza de que é isso que eu quero, morar aqui. Ficar com Danilo. Frequentar o clube do livro nas noites de sábado. Dar aulas para as crianças encantadoras que convivi, durante os ensaios de teatro. Quero ser a Babi livre do gesso que segurava a minha vida, mas também, quero ser livre para escrever quantas listas eu quiser, seguindo-as ou não.

Sorrindo, atravesso a rua e subo na calçada de Danilo. Espio a casa ao lado, e sinto a saudade apertando o meu peito. Passei apenas alguns dias fora, mas foi o suficiente para sentir falta.

A campainha faz um barulho estridente enquanto aperto-a, mas, mesmo assim, ninguém

aparece. Acredito que o barulho da chuva, que cai de forma incessante, seja o motivo da demora.

Meus dentes começam a bater de frio e, quando levanto a mão para tocar novamente, a porta finalmente se abre.

O sorriso que eu carrego vai murchando aos poucos, enquanto observo uma mulher enrolada em uma toalha, me analisando, com o olhar inquisidor.

— Não está muita chuva para você estar na rua, não? — pergunta ela, em tom de brincadeira, e eu tento respirar fundo para achar a minha voz e, talvez, a minha dignidade também.

— Está. Muita chuva.

— No que posso te ajudar?

— O Danilo... está?

Diz que não. Diz que não — mentalizo, mas não adianta muito.

— Está no banho — explica, apontando o dedo para trás. — Quer entrar e esperá-lo?

— Não. Obrigada. Depois eu falo com ele.

Viro as costas e saio, ainda atordoada. Poderia entrar na casa ao lado, mas no momento,

quero distância dele. Das nossas recordações. Eu imaginei que o encontraria aborrecido, afinal, ele me perguntou diversas vezes se eu voltaria com Flávio e sempre fui enfática que não. Mas daí, ele achar que eu tinha voltado e já carregar outra para dentro de sua casa? Não mereço isso.

Não tínhamos uma relação, compromisso um com o outro, mas eu acreditava que havia algo especial.

Naturalmente, foi só eu que pensei assim.

Contorno a praça, sentando-me no banco mais longe de sua casa. Não sei que momento deixei o guarda-chuva cair, mas o fiz. Comprarei outro para Carmelita depois.

A chuva continua castigando e, mesmo sem querer, minhas lágrimas se misturam com os pingos. Preciso ser forte. Duas decepções, em menos de três meses. O problema é que depois de achar que eu estava gerando um filho de Danilo, a dor que estou sentindo, nem se compara com a que senti no meu rompimento com o Flávio.

— Por quê? — me pergunto, puxando os joelhos para cima do banco e afundando o meu rosto neles. — Por que minha vida amorosa é essa

PERIGOSAS ACHERON

porcaria? — sussurro e fecho os olhos, deixando a água lavar a minha tristeza.

Espero que amanhã o sol volte a fazer morada na minha vida, mas, por hoje, deixarei a tristeza me invadir.

Capítulo
Vinte e
Cinco

Danilo

— Quem era? — indago ,ao chegar na sala, secando o cabelo.

— Sei lá. Uma doida de guarda-chuva. Deve ser alguma beata querendo te falar um oi.

— Vanessa, não me irrite. A pessoa não falou o nome? — Estranho, pois desde o momento que o céu desabou com essa chuva louca, as pessoas se recolheram. Eu ainda passei na igreja, para colocar lona em cima de algumas vigas e, no caminho para casa, não vi mais ninguém. Não sei quem se aventuraria em um dilúvio como esse,

PERIGOSAS ACHERON

apenas para falar um oi. — Por que ainda está de toalha?

— Eu estava entrando no banho, quando a campainha tocou. Sabia que você deixaria quem quer que fosse esperando, até terminar o seu banho.

— Pode ir, agora. Assim que a chuva passar, vou te levar na casa da mãe.

— Ah, não, Nilo. Me deixa ficar aqui, por uns dias, *por favorzinho*.

— E escutar o pai dizer que eu estava te acobertando? De jeito nenhum. Você vai até lá, conta que largou a faculdade e, se achar melhor ficar aqui, tudo bem, mas não quero mentiras. Já basta a minha vida — digo o final da frase em um sussurro.

— Que mentira tem na sua vida? — A fuxiqueira da minha irmã me olha, interessada, e sei que falei demais.

— Vai tomar seu banho, Vanessa. E não me chame mais de Nilo.

Ela revira os olhos e sai pisando duro, o que me faz sorrir.

Posso até pegar em seu pé, mas é um alívio

para o meu coração saber que a minha caçulinha está de volta a Morada do Sol. Sei que o velho vai enlouquecer, quando souber que ela não quer mais morar na capital. Logo agora, que estamos nos entendendo. Ela não escolheu uma boa hora, mas se eu for sincero comigo mesmo, estou muito feliz. Sinto falta até de irritá-la. Além de estar precisando de uma ajuda com a contabilidade, e Vanessa sempre foi ótima nisso. Está na hora de dividir a gestão da construtora.



— Achei que não pararia de chover, nunca
— reclamo, abrindo o portão da garagem.

A chuva castigou a cidade, a madrugada toda. Tive que deixar a peste da Vanessa me infernizar por mais tempo que o necessário e, como só ela sabe fazer, conseguiu que eu abrisse o bico e contasse sobre Barbara. Ainda não sei quais sentimentos me tomam quando digo o nome dela, mas a saudade é, sem dúvida, predominante.

Dirijo pela cidade em direção à saída oeste, onde meus pais moram, desde quando eu era pequeno. Um sítio grande, afastado e muito bem

PERIGOSAS NACIONAIS

arborizado. Nos últimos dias que passei com ela, quis trazê-la, apresentá-la aos meus pais, como namorada, mas não tive tempo.

A vida real a chamou. Achei que faria isso quando ela retornasse, mas Babi escapou pelos meus dedos. Ela não vai mais voltar. E a caixinha que permanece no porta-luvas, desde o dia que minha mãe me deu, vai ter que retornar para a dona.

Não consigo imaginar dar um anel com tamanho significado para ninguém mais. E, levando em conta que Barbara já deve carregar o seu próprio anel, daquele idiota que...

— Se apertar um pouco mais esse volante, vai quebrá-lo, Nilo.

Rosno pelo apelido e a risada de Vanessa me irrita, ainda mais.

— Ela vai voltar, mano, não fique assim.

— Será que vai mesmo, Vanessa? Ela está com o noivo mauricinho dela agora. Acho que vai pedir para Carmelita empacotar as coisas dela, fechar a casa e todos vão se esquecer dela, assim como ela vai se esquecer de nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Credo, Danilo. Essa menina acertou muito forte sua cabeça e seu coração, nunca te vi abatido assim.

— No fundo, eu sabia que ela voltaria para a sua cidade, mas ouvir sua mãe dizendo que ela foi jantar com o noivo, foi a gota d'água.

— Se você a ama, lute por ela. Ela ainda não casou.

— Que conselho mais doido.

— Estou falando sério. Vá até a casa dela. Diga como se sente. Duvido que ela saiba que você estava querendo pedi-la em namoro ou em casamento.

— Você está doida? — grito e encosto o carro na estrada de terra batida, na entrada da casa dos nossos pais. — Eu disse a você que ia pedi-la em namoro. Não tem nada de casamento.

— Eu vi a aliança da vovó bem aqui. — Aponta para o porta-luvas. — Foi sem querer, eu juro.

— Vanessa! Não sei como não presumi que você ia bisbilhotar a minha vida. — Passo uma mão pelo cabelo, exasperado. — Ok, eu assumo, pensei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nisso, mas a menina acabou de terminar um relacionamento, pensei em pedir apenas em namoro. Que droga eu estou falando, não adianta o que eu pensei, o outro foi mais rápido.

Coloco o carro em movimento, mais uma vez, e finalizo o trajeto, deixando Vanessa na porta de casa.

— Conversa com eles, eu volto em seguida.

— Vai me deixar sozinha com os urubus? Aonde você vai? — Percebo o pânico em sua voz e decido dar algo diferente, para que ela pense e mude o foco.

— Vou seguir o seu conselho. Irei até a pousada falar com Carmelita e depois de te buscar, sigo para Itaporã.

O sorriso de minha irmã é contagiante e sei que serviu para ela tirar o foco da bronca que vai levar.

Eu poderia ficar e defendê-la do meu pai? Claro, mas isso faria as coisas piores, e nossa trégua poderia acabar, afinal, ela está seguindo os meus passos. Então, vou deixar os dois conversarem, depois volto e vejo como andou tudo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se ele não aceitar, eu intervenho.

Volto para a cidade e não canso de admirar, como um céu que, ontem, estava preto, carregado e irado, hoje pode estar azul límpido e com um lindo sol.

Estaciono em frente à pousada e, assim que dou a volta em minha caminhonete, sou atingido por algo, que me faz cambalear para trás.

— Eu avisei que quebraria a sua cara, se fizesse a minha irmã chorar.

— Heitor? — pergunto, um tanto desorientado, colocando a mão no olho dolorido e tento focar no outro homem, mesmo com a vista um pouco embaçada. — Por que diabos me bateu?

— Porque você não foi homem suficiente para esperar uma explicação e já fez a fila andar. Seu desgraçado.

— Já chega, meninos. — A voz de Carmelita se opõe ao grito do irmão de Babi, e confesso que, mesmo sabendo que eu me defenderia, caso ele avançasse novamente, a confusão me paralisou.

— O que você está fazendo aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entre, Danilo. Vá colocar gelo nesse olho.

— A senhora vai cuidar dele, depois do que ele fez?

— O que eu fiz, *cacete*? Alguém me explica, porque não estou entendendo nada.

— Já falei para não gritar, mocinho. Entre.

Carmelita não é minha mãe nem mesmo uma parente, mas sua fala é uma ordem total.

Abaixo a cabeça, como um menino de dez anos, e a sigo, sabendo que Heitor está no meu encalço.

— Vou pegar a minha irmã e dar o fora daqui.

Faço menção de me sentar, mas assim que escuto a palavra irmã, levanto-me, ansioso.

— Onde a Babi está?

— Lá em cima, seu babaca. Chorando, como fez a noite toda, depois de saber que você estava com outra.

Olho para Carmelita, em busca de uma confirmação, e ela apenas dá de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não estava com ninguém. Não existiu mais ninguém depois da Barbara. Não estou entendendo nada.

— Acho que vocês precisam conversar.

— Eu acho que...

— Heitor, se acalme. Se a dona Carmelita acha melhor eles conversarem, será assim. Pare de dar piti. — A amiga de Barbara aparece e o leva para outro cômodo.

— Quando eles chegaram?

— Ontem.

— E por que ela não me falou nada?

— Ela foi até a sua casa. — Seus braços cruzados e seu olhar incriminador, me explicam tudo. Vanessa. A campainha. Babi.

— A minha irmã voltou para a cidade. Foi ela que atendeu a Babi, ontem. Mas ela disse que a pessoa não tinha falado o nome. Ah, droga!

— Bem, acho que essa história está com muita conversa desencontrada. Está na hora de vocês colocarem os pingos nos is — diz e me estende uma bandeja com chá, alguns biscoitos e dois comprimidos. — Ela tomou muita chuva

ontem, está ficando resfriada.

Aceno em concordância e sigo suas orientações, para saber o quarto que a minha Babi está.

Ela não é mais sua.

Debato-me internamente sobre o que devo dizer, ou o que eu quero ouvir dela, mas quando abro a porta, após a sua anuência, tudo some. Só consigo pensar em beijá-la, até me perder em seus lábios e esperar que o mundo acabe lá fora.

Capítulo
Vinte e
Seis

Babi

— Eu disse que não precisava de nada, Carme... — Quando me viro na cama, a imagem de Danilo me faz balançar. Eu não esperava vê-lo.

— Precisamos conversar. — Sua voz imponente quebra o nosso silêncio e a cena de ontem me vem à mente.

— Concordo. Eu só vim até aqui, para explicar que não voltei com o Flávio, na verdade, fui jantar com ele exatamente para falar que não tínhamos mais volta. Achei que você merecia uma explicação, depois da confusão da minha mãe —

PERIGOSAS ACHERON

falo tudo de uma vez, para acabar com esse assunto logo. Quero que ele vá embora, para eu nunca mais ter vontade de ter seus lábios em mim.

— Fico feliz em saber disso. E eu preciso explicar que ontem...

— Você não me deve explicações, eu... — Eu não quero ouvir, na verdade. E para o meu azar, ele me interrompe.

— Eu estava no banho ontem quando você foi lá, e minha irmã te atendeu. Vanessa não soube me dizer quem tinha batido e eu nunca poderia imaginar que você estivesse de volta.

— Sua... irmã?

— Sim. Foi essa aqui que você viu? — Me estende o celular, com uma foto dele, dos seus pais e a mesma mulher de toalha de ontem. — Posso até mostrar a certidão de nascimento dela, se quiser.

— Não precisa. Eu acredito em você — sussurro, pois ele está muito perto. Muito perto.

— Já que estamos resolvidos, será que... — O sorriso meio torto que ele abre, acaba comigo. Danilo se aproxima, encosta a testa na minha e respira fundo. — Será que posso te beijar? Estou

PERIGOSAS NACIONAIS

me segurando aqui.

Aceno. Quero isso tanto quanto ele.

O beijo começa lento, como se um saboreasse o outro, mas logo se intensifica e esqueço o motivo que me trouxe, o motivo que me fez chorar a noite inteira. Esqueço tudo. Neste momento, só existem nós dois no mundo todo.

Meu coração volta a bater rápido e achei que nunca mais sentiria esse tipo de euforia na vida, mas parece que é a primeira vez que Danilo me beija.

— Que confusão arrumamos para a nossa vida, em apenas uma semana separados? — questiona, quando se distancia de mim, me puxando para um abraço.

— Culpa sua, que sumiu. — Me aconcheço em seus braços e inspiro fundo o seu perfume. É até bobo pensar isso, mas com Danilo, eu sinto que sou uma pessoa forte, corajosa, e que tudo vai ficar bem.

— Carmelita disse que você está ficando gripada. Tome esses remédios. — Faço o que ele pede e vejo que está me analisando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou bem. Apenas espirrei um pouco, ontem à noite.

— Mesmo?

— Mesmo.

— Você está bem para ir a um lugar?

— Onde?

— Sim ou não?

Reviro os olhos para o suspense e pulo da cama.

— Sim. Estou ótima.

— Então, vamos. — Puxa a minha mão, parecendo estar muito ansioso.

— Calma, Danilo. Estou de pijama ainda.

— Vou esperar lá embaixo, então, ok? — Recebo um novo beijo suave e ele parte.

Tenho vontade de pedir para que ele fique, mas estou curiosa para saber que lugar é esse que ele tem para mostrar.

Lavo o rosto e troco de roupas, em tempo recorde. Poderia ou até mesmo deveria, ter tomado um banho, mas a ansiedade não deixa.

Desço com cuidado as escadas e escuto a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voz de Heitor.

— Acho bom mesmo, minha irmã conhecer a tal irmã e confirmar que é a mesma mulher de ontem, senão quebro o seu nariz desta vez.

— Heitor — digo seu nome, com suavidade, para que ele pare e, ao mesmo tempo, orgulhosa em saber que posso contar com ele para me defender.

— Você já está bem para estar fora da cama, mocinha? — diz Carmelita, vindo ao meu encontro.

— Estou ótima, obrigada. O chá que você me deu, hoje cedo, curou totalmente a minha dor de cabeça.

— Que bom. Vai sair, então?

— Vou com Danilo em algum lugar desconhecido.

— Você acreditou nele? — indaga meu irmão, ainda desconfiado.

— Sim, meu irmão. Danilo é um homem de palavra. Se ele estivesse com alguém ontem, teria me dito, afinal, nunca firmamos um relacionamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom, você é quem sabe, mas está avisado.

— Deixe sua irmã em paz — Elizabeth resmunga e vem me dar um beijo. — Ele é ainda mais bonito pessoalmente.

— Ah, pronto! — Heitor reclama e sai da sala, pisando duro. Sei que Elizabeth falou brincando, mas meu irmão parece estar muito irritado no momento.

— Vai lá, falar com ele. Aproveita e coloca tudo em pratos limpos, de vez. — Minha amiga acena e segue pelo mesmo caminho de Heitor.

— Vamos? — Concordo e nos despedimos de Carmelita.

Danilo me ajuda a subir no carro e não vou confessar, mas estou me sentindo um pouco cansada. Acho que a gripe realmente virá me fazer uma visita.

— Quando chegou? — pergunta ele, ao fazer uma curva.

— Ontem à noite.

— Por que não foi para a sua casa?

— Deixei Heitor e Elizabeth na pousada,
PERIGOSAS ACHERON

para comerem algo. Não paramos na estrada.

— Estou feliz por você ter afirmado a confiança que tem em mim, para o seu irmão, mas eu só queria deixar bem claro, mesmo que você tenha visto a foto, eu juro que é a minha irmã que te atendeu ontem. Eu não toquei em mais ninguém, depois que nos conhecemos.

— Você não precisa me explicar, Danilo. Eu acredito em você.

— Eu sei, e acho que tirei a sorte grande por isso, mas quero te contar tudo o que acontece comigo. Senti falta de você nos últimos dias. Você tornou-se a amiga que eu nem sabia que estava procurando.

Meus olhos lacrimejam e envolvo a sua mão que segura o câmbio, demonstrando que o carinho é recíproco.

— A doida da Vanessa chegou aqui em casa, ontem de manhã, e, em vez de ir direto para a casa dos meus pais, foi se esconder lá em casa.

— Por que se esconder? — Não consigo frear a curiosidade.

— Ela decidiu largar a faculdade de Direito,

que meu pai a obrigou a fazer, na capital. Antes de ir morar lá, ela trabalhou no escritório de contabilidade, aqui da cidade, e sempre amou o que fazia. Queria cursar Ciências Contábeis, mas meu pai a proibiu. Ela, como sempre, foi obediente, seguiu o caminho, mas agora, algo mudou. Ela se rebelou e voltou, dizendo que quer dar um tempo dos estudos. O velho deve estar pirando neste momento.

— *Tipo, agora?*

— Sim, a deixei lá no sítio deles, antes de ir para a pousada.

— O que foi fazer lá?

— Conversar com a Carmelita. Minha irmã me aconselhou a ir atrás de você, em Itaporã, falar sobre o seu “noivo”.

— Então, foi o destino que te levou até lá.

— Estou apostando nisso. — Danilo entrelaça nossos dedos e dá um beijo no dorso da minha mão.

Reconheço o caminho que ele está fazendo e um sorriso surge no meu rosto. Aquele penhasco traz ótimas recordações, creio que será um bom

lugar para conversarmos. Ainda mais, com esse sol maravilhoso beijando a nossa pele.

— Espero que não se importe de ter te trazido para cá, com você ainda se recuperando da gripe.

— Eu adorei, na verdade. — Sorrio para ele, que parece indeciso em algo. Resolvo tomar à frente da situação, abro a porta do carro e salto para fora, na esperança de mostrar a ele que estou bem. Dou a volta e espero que ele desça, depois de mexer em algo dentro do carro. Danilo segura a minha mão e me guia para a mesma trilha que passamos da outra vez.

Do mesmo jeito que aconteceu anteriormente, perco o ar com a paisagem. É tudo tão lindo; tão verde; tão tranquilo.

— Aconteceu algo que você precisa saber.

— Barbara, se aquele seu ex te beijou, eu realmente prefiro não saber. — Passa a mão pelos cabelos e acho linda a sua crise de ciúme.

— Não, não foi nada disso. Eu fiz um teste de gravidez.

— O... quê? Você está... — Percebo a sua

respiração acelerar e seus olhos se ampliam.

— Não — nego e vejo a mesma decepção que tive espelhada em seu olhar. — Deu negativo.

— Nossa! Eu... Eu sei que você não queria. É que a notícia, sei lá, mexeu comigo.

Duas lágrimas caem ao mesmo tempo que o meu sorriso se abre.

— Comigo também foi assim. — Alcanço a sua mão e a seguro. Ele levanta os olhos e vejo as mesmas lágrimas que derramei, sendo seguradas por ele. — Quando comecei a passar mal, fiquei com medo e apavorada. Mas, nos cinco minutos que tive que esperar a confirmação, imaginei um filho nosso, crescendo dentro de mim, e foi uma sensação tão incrível, que quando o resultado deu negativo, meu chão pareceu ser tirado de mim. Eu quero isso, Danilo. — Motivada pelo sentimento que cresceu dentro de mim, nas últimas semanas, eu coloco um joelho no chão e me equilibro, tentando olhar para ele, mesmo com os olhos embaçados de lágrimas. — Eu te amo, Danilo, você aceita...

— Pode parando — diz ele, com a voz grave como um trovão e me levanta do chão, me

PERIGOSAS ACHERON

puxando pelos ombros, para que eu fique em pé. Seus olhos estão molhados, mas agora ele parece determinado com algo e isso quebra o meu coração.

Ele não me quer. Eu entendi tudo errado. Dois pedidos de casamento, frustrados. Sou uma baita de uma idiota mesmo

— Eu não sei que costume é esse de onde você veio, mas aqui, na minha terra, quem pede a mulher em casamento é o homem. E pode falar que é machismo, à vontade, esse gosto, você não me tira. — Seu sorriso se abre e agora é a vez dele se ajoelhar. Por incrível que pareça, ele abre a mão e um solitário de ouro branco repousa em sua palma, me fazendo ofegar. — Barbara Pimentel, você aceita ser a minha amiga, minha companheira, minha professorinha, minha esposa e a mãe dos meus filhos, para todo o sempre?

— Cadê o padre para eu te responder? — brinco, no meio de um soluço do meu choro. — É claro que eu aceito, seu machista à moda antiga. Eu te amo.

— Eu também te amo, professorinha turista, que veio ensinar o meu coração a amar. — Desliza o anel, simples e encantador, pelo meu dedo e se

PERIGOSAS NACIONAIS

levanta, enlaçando a minha cintura.

— Não sabia que você era um poeta.

— Eu não era. Na verdade, nem acreditava no amor, até ouvir uma louca gritando por causa de um rato, e virar a minha vida de cabeça para baixo. Devo procurar o motorista daquele ônibus que te trouxe até aqui.

— Quem diria, que no meio das turbulências que estavam acontecendo na minha vida, um céu limpo iria se abrir e o sol, faria morada na minha vida.

— Já que estamos tão românticos, será que eu posso beijar a noiva? — sussurra, com a boca muito próxima da minha.

— Deve. E eu espero que você faça isso, todos os dias, daqui para frente.

No fim, o que eu achava que era o fim da minha vida, com o pé na bunda que ganhei do Flávio, e a decepção das minhas listas, foi apenas um impulso para eu me conhecer melhor. Eu achava que uma lista faria a minha vida organizada. O que eu não entendia, é que eu posso seguir as minhas listas, de acordo com a minha intuição. E

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não faz mal nenhum mudar planos no meio do caminho. Depois que descobri a verdadeira Babi que mora dentro de mim, tudo começou a fazer sentido. Consegui encontrar a plena felicidade nesta pequena cidade, Morada do Sol, e aqui sei que viverei um dia de cada vez, feliz, plena e pensando no futuro, claro, porém, um futuro em que imprevistos deliciosos e irresistíveis sejam acrescentados diariamente em minhas listas. As Listas de Babi. O que era para ser o fim, é apenas o começo.

O começo de uma linda história a ser contada.

PERIGOSAS ACHERON



Babi

— De novo olhando esse álbum?

— E como vou cansar de olhar para a noiva mais linda do mundo?

Sorrio e dou a volta na poltrona, me acomodando no colo do meu marido. Mesmo depois de onze anos de casados, o prazer que sinto em nossos momentos juntos, não mudou.

— Como foi a escola hoje?

— Sem nenhum problema, o que é um milagre — brinco, mexendo o pescoço.

Amo ser diretora da escola municipal aqui de Morada do Sol, mas tem dias que fico louca e tenho vontade de voltar correndo para os meus alunos do ensino fundamental.

— O lado bom, é que não é todo dia que é ruim. Você ama o que faz.

— Isso é verdade. Meu Deus, olha essa foto — grito, olhando para o álbum. — Eu estava terrível, chorando igual uma louca.

— Você estava linda, Barbara.

— Não adianta, não é? Vai me chamar de Barbara para o resto da vida.

— Claro. Todo mundo te chama de Babi. Eu sou único.

— Você é o único. — Beijo seus lábios, com carinho, e volto os meus olhos para as fotos plastificadas.

Casamos apenas dois meses depois do pedido. Por incrível que pareça, o meu convite de casamento foi a lista da minha vida, com o casamento nos 30 anos ticado. E, mais incrível ainda, isso ter sido ideia do próprio Danilo.

Passo os dedos pelo convite eternizado no

álbum e sorriso.

 | *16 anos – primeiro namorado*
 | *18 anos – faculdade*
 | *19 anos – primeiro emprego*
 | *20 anos – primeiro porre*
| *25 anos — apresentar o namorado perfeito*
 para a família
 | *30 anos – casar*
 | *31 em diante – Ser feliz.*

A promessa dos próximos anos vem se concretizando. Nenhuma vida é um mar de rosas, mas sou feliz como nunca me imaginei sendo. Se continuo fazendo as minhas listas? Claro. Mas aprendi a fazê-las trabalhar para mim e, não, ao contrário.

Depois que nos acertamos, no dia no penhasco, seguimos de volta para a cidade, e por onde passávamos, Danilo gritava que eu era a noiva dele.

— Olha a cara da sua amiga nesta foto. —
Meu marido aponta e eu gemo de dó.

Heitor veio me trazer uns documentos, dias

depois de ter ido embora com a Elizabeth, e teve a infelicidade de beber mais do que devia, e passar uma noite com Vanessa, a irmã do Danilo, imagine o clima, um mês e meio depois, com os três juntos no altar.

— Não gosto muito de pensar nessa parte da cerimônia — brinco, passando para a próxima página, em que meus pais e os pais de Danilo estão sorrindo.

— Quem poderia imaginar que você dobraria o coração do meu pai, hein, dona Barbara? O velho é outro, depois que te conheceu.

— Na verdade, quem dobrou o coração dele, foram as meninas.

— Isso é verdade. A Larissa e a Julia, são os tesouros da vida dele.

— Vem... — Se levanta da poltrona, me levando junto com ele. — Vamos dançar.

— Dançar o quê?

— A nossa música — diz, apontando para a foto no álbum, onde foi eternizada a nossa primeira dança.

Magicamente, a música começa a soar pelo

aparelho celular do Danilo e me lembro daquela vez, no penhasco, que ele fez o mesmo. É como se ele tivesse registrado exatamente tudo o que falei e passei ao seu lado, por todos esses anos. Não há um detalhe que ele deixa passar batido.

— Eu te amo, Barbara Pimentel Amorim.

— Eu também te amo, meu melhor amigo.

Encosto a cabeça em seu peito e aproveito um pouco a paz e felicidade.

*Você é assim
Um sonho pra mim
E quando eu não te vejo
Eu penso em você
Desde o amanhecer
Até quando eu me deito

Eu gosto de você
E gosto de ficar com você
Meu riso é tão feliz contigo
O meu melhor amigo é o meu amor

E a gente canta
E a gente dança
E a gente não se cansa
De ser criança
A gente brinca
Na nossa velha infância*

*Eu gosto de você
E gosto de ficar com você
Meu riso é tão feliz contigo
O meu melhor amigo é o meu amor*

*E a gente canta
E a gente dança
E a gente não se cansa
De ser criança
A gente brinca
Na nossa velha infância
Seus olhos meu clarão
Me guiam dentro da escuridão
Seus pés...*

— Você não fez parte da minha infância, mas é como se tivesse sido feito para mim, desde o início — comento, encarando os seus olhos.

— E fomos. No fundo, eu sabia que a minha outra parte estava por aí.

— É tão bom ficar assim, com você, como se ainda fôssemos o casal de tantos anos atrás.

— Difícil esquecer que temos duas matraquinhas em casa — brinca, beijando os meus cabelos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Só de falar em nossas filhas, já começo a escutar a discussão. As duas têm apenas dois anos de diferença, e brigam o tempo todo.

— Sua vez — digo, saindo de seus braços e apontando para o quarto.

— Vai você. Eu sou muito mole, e elas sempre me dobram, quando imponho castigo.

— Quem diria, não é, Danilo Amorim? O homem todo machão e cheio de si, que riu de mim, no nosso primeiro encontro, sendo passado para trás, por duas meninas de 10 e 8 anos de idade. Que vergonha.

— O que eu posso fazer, se fiz filhas lindas, inteligentes e manipuladoras?

Não aguento e começo a rir, caminhando pelo corredor da nossa casa. A decepção por não estar grávida, que abriu meus olhos em relação ao meu amor por Danilo, foi esquecida, após dois meses de casados, ter a notícia que estávamos esperando o primeiro fruto do nosso amor.

Não quisemos abrir mão de morar no centro, mesmo que o meu sogro tenha insistido para construirmos nas terras que Danilo tinha, um pouco

PERIGOSAS ACHERON

mais afastadas. Meu marido, como ótimo engenheiro que é, juntou a minha antiga casa com a dele. Na verdade, ele praticamente demoliu tudo e fez um grande projeto, com uma casa grande, arejada e bem espaçosa, onde passamos todos os momentos bons da nossa vida, até agora.

— Posso saber o que está acontecendo aqui?

— A culpa é dela, mãe — grita Larissa.

— Não. É ela, que acha que tudo tem que ser dela.

— Me expliquem o que aconteceu — peço, colocando a mão na cintura.

— A Larissa achou um livro e não me deixa ver.

— Que livro?

— Um livro bobo, de história infantil. Não sei nem onde está.

— Vocês precisam parar de brigar. Achei que estariam se arrumando, uma hora dessas — digo, olhando no relógio e me surpreendendo, pois o tempo passou mais rápido do que imaginei.

Saí da escola cedo, pois temos um jantar na
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa dos meus sogros, e achei que as meninas já estariam prontas, pois amam ir até à casa dos avós, serem mimadas por eles.

— Se não fosse a Julia, realmente já estaríamos prontas. Mas ela se acha tão adulta, que me irrita.

— Isso não é jeito de falar da sua irmã, mocinha. Vá já para o meu quarto, tomar um banho. Julia, vá tomar o seu.

— Quero terminar uma coisa antes, mãe.

— Vai me desobedecer? — questiono, com as mãos na cintura e, depois de um pedido de desculpas, fico sozinha no quarto que elas compartilham.

Massageio as têmporas e espero que uma dor de cabeça não venha me visitar.

As duas brigam como cão e gato, mas nenhuma quer sair do quarto e ir para o outro vago que separamos, desde que Larissa nasceu.

— Tudo certo por aqui? — Danilo pergunta da porta e o olho, sorrindo.

— Você só aparece depois que o furacão passou, não é?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro. Não sou bobo de me meter no meio de três mulheres.

Abaixo-me para afofar um travesseiro e algo rosa me chama a atenção.

A Minha Vida em uma Lista. *O livro*. Com um leve tremor, tiro o travesseiro da frente e vejo o bendito livro de capa rosa que acompanhou a minha adolescência toda e alguns papéis em cima. Pego um com cuidado e leio.

16 anos – escrever um livro

18 anos – aprender a dirigir

22 anos – concluir o curso de Letras

30 anos – casar

— Isso é o que estou pensando? — Danilo pergunta, sobre o meu ombro, lendo junto comigo.

— Eu acho que sim. Oh, meu Deus! Não acredito. Preciso falar com ela.

— Amor, eu acho que ela está em uma fase que quer te copiar em tudo. É apenas uma fase.

— Mas, e se...

— Vamos deixar o *se* para depois. Se ela

PERIGOSAS NACIONAIS

achar que quer ser como você e iniciar “As Listas de Julia”, estaremos juntos, para instruí-la. Somos uma família.

— Você é tão maravilhoso — digo, com os olhos marejados.

— Eu sei.

— Espero que minhas filhas encontrem maridos maravilhosos, assim.

— Eu espero que elas virem freira, mas tudo bem.

O abraço e selo nossos lábios, sentindo a gostosa eletricidade que não nos abandona.

Sou um misto da Babi do passado, com a Babi que me transformei, mas nada na vida me tira a minha essência, a essência de ser uma mulher que vive a vida intensamente, todos os dias. Com planejamentos ou imprevistos. O que realmente importa, é ser feliz. E isso, eu sou.



— Não abra os olhos, até eu mandar.

— Mandar? *Hum*. Estou gostando disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Barbara, são apenas 10h da manhã, controle-se.

— Credo. Eles estão sussurrando novamente. Que nojo. — Se agita Larissa e eu sorrio.

— Chegamos, Danilo?

— Sim. — Me tira do carro, minutos depois, e vira meu corpo até estar na posição que ele quer. — Conte até dez e abra os olhos.

Começo a contagem, tentando adivinhar o que pode ser. Afinal, andamos apenas cinco minutos de carro. Desisto, quando meu marido quer fazer uma surpresa, não tem para ninguém.

— Dez — finalizo a contagem e abro os olhos, devagar.

Pisco, reconhecendo o lugar da pousada, da minha querida amiga Carmelita e o coração aperta de saudade. A perdemos faz alguns anos, mas sei que de onde ela estiver, estará sempre olhando e torcendo por nós. Desde sua morte, a pousada ficou fechada. Carmelita não tinha filhos, nem irmãos, então ela, surpreendendo a todos nós, nomeou a mim como a sua herdeira em testamento.

PERIGOSAS ACHERON

Queria muito ter tido o pulso para seguir o seu sonho. Ter tocado a pousada e fazer com que seu legado fosse lembrado, para sempre. Mas não consegui. Cada momento que eu chegava perto daqui, meu coração se acelerava, exatamente como está acontecendo agora. Há alguns meses, Danilo me pediu permissão para fazer alguns reparos, para que imóvel não ficasse à mercê. Eu deixei. Até mesmo vi de relance algumas pessoas da construtora trabalhando, mas não faço ideia o porquê de estarmos aqui.

— Por que me trouxe aqui?

— Olhe direito — Danilo diz e só agora consigo perceber sutis mudanças.

— O que é aquele pano ali em cima? — questiono.

— Demorou para perceber, hein? — Danilo sorri e puxa uma corda, que eu nem reparei que estava na lateral.

— Oh, meu Deus!

“ESCOLA DE TEATRO

AS LISTAS DE BABI

— Gostou?

— Danilo, o que é isso?

— Mãe, você ainda não entendeu? É a sua escola de teatro.

Reviro os olhos para a Julia e encaro o meu marido, esperando a resposta que ele sabe que eu quero.

— Eu fiz algumas reformas, adaptei algumas salas e fiz alguns projetos doidos que sei que ficariam a cara de Carmelita e está aí, um teatro inteiro para você dar às crianças de Morada do Sol e das cidades ao redor.

— Mas e a escola? — questiono, ainda aturdida.

— Eu diria que você poderia muito bem focar apenas nos roteiros e fazer mais sucessos estrondosos, como foi “As Listas de um sonho mágico”, mas sei que você ama aquelas crianças, mesmo não lecionando mais. Então, você poderia abrir a escola de teatro apenas nos finais de semana.

Aceno em concordância, tentando assimilar tudo. Como não percebi que Danilo estava armando tudo isso?

Relembro a emoção de ver Sabrina encenando.

— Vem, mãe. Olha como ficou irado aqui.

— Irado? Essa menina está andando com quem, para falar assim? — reclama Danilo e eu apenas sorrio, seguindo as meninas para dentro.

A cada passo, uma nova emoção me atinge. A minha chegada a Morada do Sol, o chá quente que Carmelita me serviu ao ouvir toda história da minha vida. Adentro a grande sala e nenhum móvel rústico está à vista, como era antigamente. Na verdade, mais nenhum cômodo está à vista. A parte inferior do casarão, transformou-se em um grande salão, com um palco enorme e espaçoso.

“Espaço Carmelita Rosanova”

— Danilo — sussurro, tapando a boca com as mãos —, você é maravilhoso.

— Ela nunca vai morrer em nossos corações, Babi. Quer conhecer a parte de cima?

— Amor, você pode me deixar aqui um pouquinho?

— Claro, meu bem. — Com um beijo nos lábios, Danilo sai do salão e Larissa e Julia também não estão por perto.

Caminho devagar e sento-me na beirada do palco, apreciando ao redor. Danilo tem o dom de fazer tudo de primeira. Quando ele se propõe a fazer algo, faz com tanto amor, que tudo fica lindo.

— Estamos aqui novamente, Carmelita — sussurro, olhando para a placa com o seu nome. — Quando eu cheguei, nesta cidade, parecia uma garota assustada e você me fez enxergar a mulher incrível que morava dentro de mim. Em nosso primeiro encontro, você me disse que: *“deveríamos casar quando o coração sentisse que não conseguíamos mais ficar sem aquela pessoa”*. Segui seu conselho, casei com o homem da minha vida, e a cada dia que passa, descubro que consigo ser feliz, por diversos motivos. Obrigada, minha amiga, por ter acreditado em mim, mesmo quando eu não acreditava. Sou grata por ter sido levada por você para a casa ao lado do homem incrível, que hoje sou casada e que me deu duas filhas

maravilhosas. Carmelita, por sua causa, deixei o ônibus ir embora, permaneci nesta cidade e descobri a verdadeira felicidade. Obrigada por ter sido um anjo enviado por Deus e por todos os anos incríveis que passei ao seu lado. Honrarei este teatro, na casa que você foi tão feliz. Lidarei com as crianças que eu amo tanto e ensinarei a elas tudo o que aprendi por todos esses anos. Ser feliz com a literatura. Esteja onde você estiver, saiba que serei eternamente grata por ter te conhecido. Sou feliz e sentirei sempre a sua falta.

— Babi? — Danilo entra no salão e faço sinal para que se aproxime.

— Obrigada pelo presente. — O enlaço pelo pescoço, assim que ele se aproxima. — Nem eu imaginei que precisava disso. Na verdade, tinha medo de voltar aqui e não aguentar a saudade.

— Eu sei de tudo o que você precisa, minha linda esposa. E eu posso até evitar o assunto, mas sinto muita saudade dela também, e sou grato àquela velha intrometida, por ter sido a nossa fada madrinha. A amava como uma mãe.

— Ela estará sempre conosco, não é?

— Tenho certeza que sim. Vamos conhecer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a parte de cima, com as salas de música, canto e camarins?

— Você pensou em tudo, não é?

— Tive ajuda.

— É mesmo? — O olho, divertida.

— Sim. — Tira do bolso um papel amassado e me entrega.

— O que é isso? — questiono e desdobro o papel, lendo em seguida. “*Lista para realizar o sonho de Babi*”. É a letra de Carmelita?

— Sim. Ela deixou isso anexo ao testamento. Apenas segui os passos. Demorei um pouco para fazer tudo do jeito que deveria, mas acho que valeu a pena.

— Valeu muito a pena. Obrigada, Danilo, por sempre me entender, sem que eu precise dizer nada.

— Agora, vamos para o andar de cima, preciso te mostrar o seu escritório. Mandeí colocar um sofá espetacular para comemorarmos.

— E as meninas? — pergunto, sendo arrastada por ele pelo corredor.

PERIGOSAS ACHERON

— Foram para a casa de uma amiga. Agora, somos só nós dois.

Sorrio com o seu tom e, antes de subir as escadas, olho para trás, agradecendo novamente à minha amiga. Nada teria acontecido sem ela. Ficar em Morada do Sol, foi o maior acerto da minha lista, *ops*, da minha vida.

Agradecimentos



Agradeço primeiramente a Deus, por me proporcionar o dom da escrita. Este livro foi uma grata surpresa, que me deu ainda mais forças para continuar trilhando meu caminho no mundo da escrita.

Este livro não existiria sem a minha revisora e professorinha, que entrou em minha vida para ficar. Bah Pinheiro. Obrigada por tudo, principalmente por sempre me motivar a ir sempre além.

Sou eternamente grata ao meu marido, minhas filhas e minha linda família, que me apoia incondicionalmente, o tempo todo.

Às minhas amigas queridas que estão
PERIGOSAS ACHERON

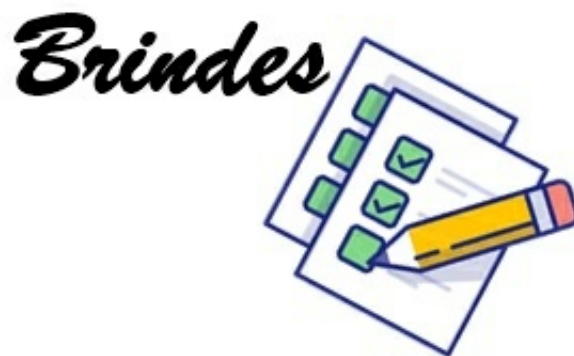
PERIGOSAS NACIONAIS

presentes na minha vida todos os dias: Andrezza Mota, Katiuscia Bidoia, Marielen Peixoto e Samantha Stela. Obrigada por me ouvirem sempre.

Minhas BeLindas que tanto amo. As Belas e Charmosas da Jess e a todas as minhas leitoras, que amo de paixão.

Obrigada a todos vocês por estarem ao meu lado hoje e sempre. Amo vocês.

PERIGOSAS ACHERON



Convido você a visitar o meu site:

<http://autorajessbidoia.wixsite.com/jessbidoi>

E preencher o formulário que está disponível na aba dos brindes, para receber em casa, gratuitamente, os marcadores do livro AS LISTAS DE BABI.

Deixe-me saber a sua opinião sobre a leitura do livro com a avaliação no site da amazon.

A senha do e-book para finalizar o formulário é LISTAS19

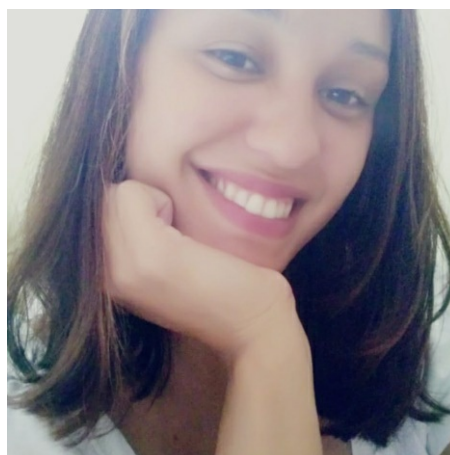
Mais uma vez os meus sinceros agradecimentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Jess Bidoia

PERIGOSAS ACHERON

SOBRE A AUTORA



Jess Bidoia é uma leitora voraz que decidiu se aventurar no mundo profissional da escrita, após conhecer as plataformas digitais Wattpad e Amazon.

Casada, mãe de duas lindas meninas e apaixonada por café, a escritora é uma romancista que adora suspirar por livros com finais felizes.

Nascida no interior de São Paulo, Jess aposta em livros com enredos divertidos, emocionantes e recheados de amizade e amor. A autora coleciona livros lançados e disponíveis na [AMAZON](#).

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Leia as outras obras da autora:

Série Escolhas

*MINHA VIDA AO SEU LADO –
LIVRO 1*



Beatriz acaba de chegar à cidade grande em busca do seu tão sonhado diploma. Depois de alugar um quarto pela internet por um ótimo preço, Bia acredita que finalmente a sorte está sorrindo para ela. Porém essa sensação de felicidade dura pouco, pois vai descobrir que no quarto ao lado, não terá

PERIGOSAS NACIONAIS

uma colega, como imaginava. Sua suposta futura melhor amiga Danny, na verdade é Daniel, um devasso, forte, gostoso, mal humorado e maníaco por organização. Ele está totalmente satisfeito com a vida que leva, e quer matar Clarissa, sua irmã mais nova ao descobrir que ela não apenas alugou sua parte do apartamento, mas ainda por cima a nova “inquilina” é uma jovem, bonita, sexy, mas totalmente bagunceira e petulante.

Como será essa estranha convivência?

Venha se divertir com as loucuras de Bia e o mau humor de Daniel, que em meio a uma cômica confusão, causada por uma irmã bem atrapalhada, descubrem juntos o verdadeiro sentido de querer passar a vida ao lado de alguém.

Link: [MINHA VIDA AO SEU LADO](#)

PERIGOSAS ACHERON

MINHA ESCOLHA É VOCÊ – LIVRO 2



Clarissa era uma adolescente romântica até que um idiota, que ela julgava ser seu príncipe encantado, quebrou seu coração inocente, deixando cicatrizes profundas, fazendo com que a palavra "relacionamento" fosse riscada do seu dicionário.

Eis então que surge Pedro. Um amigo da faculdade do seu irmão. Mais velho, mais experiente e muito gato. Clarissa não resiste e entrega-se a essa aventura. Porém Pedro quer algo a mais, ela não.

Mesmo Clarissa evitando a palavra relacionamento com toda a sua força, os encontros esporádicos são inevitáveis e esse jogo de gato e rato perdura por anos até que Pedro resolve

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

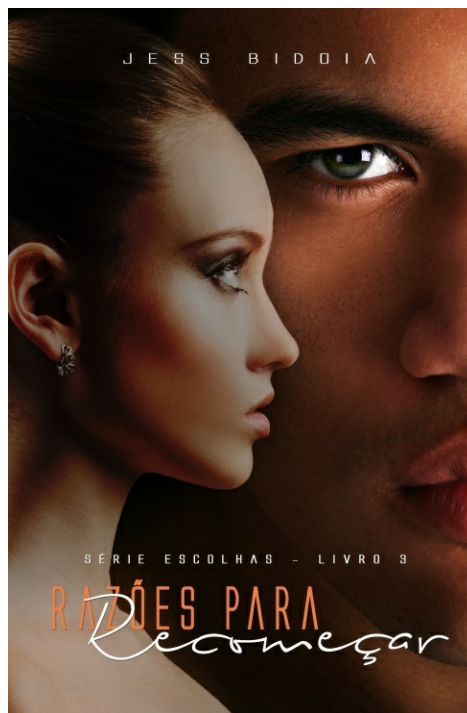
colocar um ponto final e seguir em frente, arranjando uma noiva em tempo recorde.

E agora, Clarissa deixará o homem que mais abalou seu mundo nos braços de outra? Ou será que ela será forte o bastante para deixar o passado de lado e ir atrás de Pedro?

Link: [MINHA ESCOLHA É VOCÊ](#)

PERIGOSAS ACHERON

RAZÕES PARA RECOMEÇAR – LIVRO 3



Artur, um homem que passou a maior parte da vida com um sorriso fácil no rosto, sendo o pegador do pedaço. Tinha um trabalho estável como professor em uma academia, o que era ótimo para sua vida de mulherengo. Porém essa vida muda quando conhece Luana. Com seu espírito leve, Lua tira o coração e a cabeça de Artur dos trilhos. A paixão arrebatadora faz Artur se mudar para casa dela e vibrar com a notícia de que um filho, Lucas, está a caminho. Tudo vai bem, até que um acidente tira a felicidade e alegria do palhaço da turma.

Um passado conturbado, que Artur esconde a sete chaves, ameaça voltar para arrancar dele a felicidade. Será que Artur

PERIGOSAS ACHERON

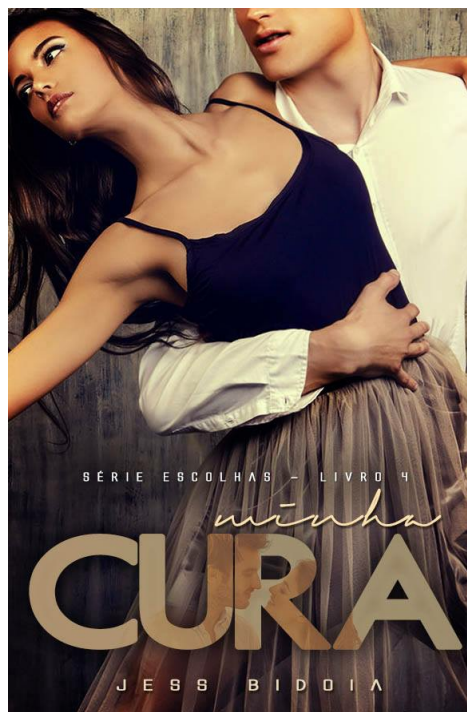
PERIGOSAS NACIONAIS

se entregará ao abismo e perderá a vontade de viver ou encontrará nos seus amigos, em Lua e no pequeno Lucas, seu filho tão amado, RAZÕES PARA RECOMEÇAR?

Link: [RAZÕES PARA RECOMEÇAR](#)

PERIGOSAS ACHERON

MINHA CURA – LIVRO 4



Luíza era uma bailarina profissional que amava o balé acima de tudo. Tinha como parceiro, Rafael, seu melhor amigo e noivo. O objetivo de suas vidas sempre foi alcançar o reconhecimento mundial, um sonho que poderia tornar-se real quando o casal recebe um convite para participar de um concurso internacional de Balé na França. O que Luíza não contava era que ao subir no palco, ela não perderia somente o seu sonho, mas também o grande amor da sua vida.

Alex é um médico cardiologista e muito mulherengo. Já experimentou grande parte da equipe feminina do hospital em que trabalha, mas tem uma voluntária que não cede aos seus encantos de forma alguma e isso o instiga a persegui-la. A

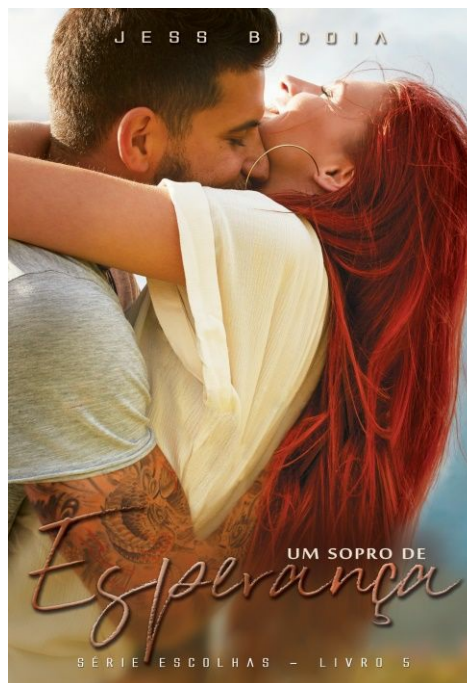
PERIGOSAS NACIONAIS

misteriosa Luíza é uma incógnita para o charmoso médico, e ele pretende se enfiar em sua cama de um jeito ou de outro para conhecê-la e quem sabe desvendar o brilho opaco e triste que a linda garota carrega em seus olhos.

Link: [MINHA CURA](#)

PERIGOSAS ACHERON

UM SOPRO DE ESPERANÇA – LIVRO 5



A violência está em toda parte, principalmente, contra as mulheres. Qual seria a sua reação ao presenciar um crime como esse?

Tito, um charmoso barman de personalidade forte e decidida, não conseguiu ficar de braços cruzados. Sua vida está tranquila e ele não tem pretensão nenhuma de se meter em confusão, porém, a voz doce da garota de cabelos vermelhos o enfeitiça de um jeito inusitado e Tito só tem certeza de uma coisa: Juliana é totalmente diferente de qualquer mulher que ele já conheceu na vida.

Juliana nunca teve uma vida fácil. Vítima de violência doméstica durante todo o seu casamento, as únicas coisas que

PERIGOSAS NACIONAIS

a mantém sã são: Emilly, sua filha, e a música. Todos os seus problemas desaparecem quando ela canta. As notas escapando pela sua boca é algo extraordinário, que a leva para outro mundo e é exatamente a música que faz com que Tito olhe para a ruiva pela primeira vez, marcando assim, o início de uma busca incessante pela liberdade.

Link: [UM SOPRO DE ESPERANÇA](#)

PERIGOSAS ACHERON

TRILOGIA CONQUISTAS

A Descoberta



Cecília tem um defeito: acreditar muito na bondade das pessoas. Com 26 anos, ela perdeu os pais cedo demais, o que a deixou com uma inesgotável carência dentro de si. Isso faz com que se apegue facilmente em Evandro, um homem com sorriso encantador, que Cecília acredita ser o homem de sua vida. O que ela não contava, era que o homem dos seus sonhos, era casado.

Arrasada e com um filho na barriga, Cecília amadurece e fecha o seu coração, dedicando-se apenas a seu filho. Entretanto, com uma ajudinha bem sutil do destino, Vinícius, um homem lindo e idealista, aparece em sua vida para marcá-la de forma inimaginável. A pergunta que não se cala é: será

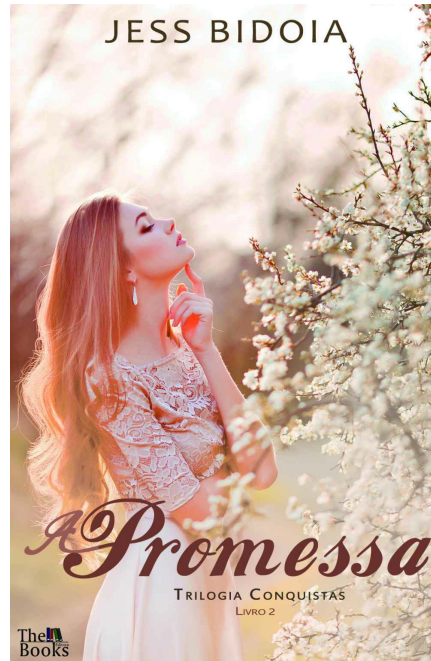
PERIGOSAS NACIONAIS

que Vinícius será capaz de provar à Cecília de que o amor é muito mais do que um suprimento de carência e que ela pode ser feliz, sem se anular em prol de outra pessoa?

Link: [A DESCOBERTA](#)

PERIGOSAS ACHERON

A PROMESSA



Rose Magalhães acaba de receber a sua tão sonhada promoção, agora ela é chefe do setor que trabalha, há anos, algo que sempre almejou. E, para aumentar a emoção, o homem pelo qual está apaixonada, a agarra e lhe proporciona o melhor beijo de sua vida.

O único problema nesse contexto é que, Vicente Camargo não é o príncipe encantado que Rose sempre sonhou e, para evitar uma decepção amorosa, ela resolve sufocar o que sente por ele e focar apenas na sua carreira. Porém não é isso que Vicente quer.

E uma promessa pode mudar tudo, inclusive, a vida dos dois. Será que Vicente será capaz de cumprir essa promessa e conquistar o coração de Rose?

Link: [A PROMESSA](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON